

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ANA CLARA GUERREIRO CAVALCANTE

X&PA:

memória e escuta da feira livre
do Setor Pedro Ludovico

GOIÂNIA

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Ana Clara Guerreiro Cavalcante

Título do trabalho: XEPA: Memória e escuta da feira livre do setor Pedro Ludovico

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Thalita Pereira Da Fonseca, Professora do Magistério Superior**, em 19/11/2025, às 16:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Clara Guerreiro Cavalcante, Discente**, em 19/11/2025, às 19:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5755135** e o código CRC **5C0C9EA7**.

Referência: Processo nº 23070.056637/2025-99

SEI nº 5755135

ANA CLARA GUERREIRO CAVALCANTE

X&P&A:

**memória e escuta da feira livre
do Setor Pedro Ludovico**

Entrega de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Goiás, sob orientação da Prof.^a Ms. Thalita Pereira da Fonseca e coorientação da Prof.^a Dra. Adriana Mara Vaz de Oliveira.

GOIÂNIA

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Guerreiro Cavalcante, Ana Clara
XEPA [manuscrito] : memória e escuta da feira livre do Setor Pedro
Ludovico / Ana Clara Guerreiro Cavalcante. - 2025.
CCXLII, 242 f.: il.

Orientador: Profa. Thalita Pereira da Fonseca; co-orientadora Dra.
Adriana Mara Vaz de Oliveira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Arquitetura e
Urbanismo, Goiânia, 2025.

Bibliografia.

Inclui mapas, fotografias, lista de figuras.

1. Feira Livre. 2. Setor Pedro Ludovico. 3. Memória. 4. Leitura
Urbana. 5. Planejamento Urbano. I. Pereira da Fonseca, Thalita,
orient. II. Título.

CDU 72



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos quatro dias do mês de dezembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “XEPA: Memória e escuta da feira livre do setor Pedro Ludovico”, de autoria de Ana Clara Guerreiro Cavalcante, do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela prof.^a Dr.^a Thalita Pereira da Fonseca - orientadora (FAV/UFG) e prof.^a Dr.^a Adriana Mara Vaz de Oliveira - coorientadora (FAV/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof. Dr. Bráulio Vinícius Ferreira (FAV/UFG); Prof. Dr. Fernando Antonio Oliveira Mello (FAV/UFG); e prof. Dr. José Rodolfo Pacheco Thiesen (UAECSA-UFG/Campus Goiás). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **DEZ COM LOUVOR**, tendo sido o TCC considerado **APROVADO**. Ressaltou-se a maturidade e aprofundamento com que o trabalho foi desenvolvido, superando o nível esperado para uma monografia de graduação. Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Thalita Pereira Da Fonseca, Professora do Magistério Superior**, em 05/12/2025, às 10:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Mara Vaz De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 05/12/2025, às 11:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Braulio Vinicius Ferreira, Professor do Magistério Superior**, em 05/12/2025, às 12:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jose Rodolfo Pacheco Thiesen, Professor do Magistério Superior**, em 05/12/2025, às 13:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Antonio Oliveira Mello, Professor do Magistério Superior**, em 09/12/2025, às 17:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5755144** e o código CRC **8B36B7CC**.

Certo dia, um Alapinim, após um culto a Egungun (Òrìṣá dos ancestrais), estendeu na casa do Òrìṣá, seus tecidos para pegarem um vento e saiu com um grupo de homens para concluir seus demais afazeres. A mulher deste Alapinim estava em casa, nas proximidades da casa de Egungun, quando avistou ao longe uma grande chuva. A mulher bem sabia duas coisas: uma era que apenas homens poderiam participar, organizar e até mesmo entrar na casa e cultos à Egungun a outra, era que, as roupas não podiam molhar.

Aconteceu que, sabendo da demora dos homens, dos preceitos do culto e já sentindo o chuvisco sobre o terreiro, a dúvida se instalou na mulher. Após se questionar de como poderia e se poderia ajudar, decide vendar seus olhos, entrar, recolher as roupas, deixar dentro da casa a roupa recolhida sem nenhum dos Awo (mistérios) conseguir ver e sair. E assim ela fez.

Quando Alapinim retorna com seus parceiros, após a correria da preocupação com as roupas, houve um questionamento geral: "Quem tirou a roupa do varal?". A mulher de pronto relata sua estratégia e autoria. Pelo descumprimento do preceito, era determinado, e os homens a fizeram saber, que ela teria de ser o próprio sacrifício que repararia o ocorrido. Conformada com seu próprio erro, a mulher aceita seu destino, mas não sem antes ter com Orunmilá (Òrìṣá da sabedoria e da adivinhação) com o intuito de consultar Ifá (O Oráculo) para saber se algo poderia ser feito a respeito de sua situação.

Neste encontro, Ifá orienta a mulher a preparar um Ebó (oferenda) à Eṣú (Òrìṣá da comunicação, dos caminhos, da ordem e do movimento) com fatura de comida e bebida especificando os elementos que ela deveria usar. E assim ela fez e preparou toda a comida. Eṣú, onde a mulher lhe entregou a oferenda, recebeu-as muito bem recebidas. Recebeu tão bem que ele multiplicou tudo o que ela ofereceu a ele, tanto de

¹ A tudo na vida tem de se fazer Orò. Ritual de agradecimento e Divindade que vem ao Aiê (terra) antes de tudo, para que as demais coisas possam então chegar.

comida quanto de bebida. Dada a situação, a mulher fica então muito tranquila, entretanto, se aproximava o dia em que ela seria sacrificada.

Chegado o dia, o Alapinim, vai com os companheiros até a casa de Egungum pois eles precisavam organizar o sacrifício. Ao chegarem na casa do Òrìṣá eles se deparam com tudo que ela havia preparado à Eṣú e que este havia multiplicado. Muita comida, muita bebida, tudo feito com muito capricho, uma grande fartura. Os homens chegaram, estranharam, mas comeram e ficaram satisfeitiíssimos. Todos comeram muito, beberam e conversaram. Mas infelizmente era chegada a hora de cumprir com a obrigação.

Quando eles iam entrando na casa para os preparos do sacrifício da mulher, aparece então Eṣú, que questiona os homens quanto ao que eles estavam fazendo. Os homens então explicam a Eṣú sua incumbência. O Òrìṣá então os questiona:

- Vocês comeram e beberam?

Os homens responderam que sim., Eṣú então segue:

- Vocês sabem quem preparou isso tudo?

Os homens ficam então em silêncio, pensando e respondem negativamente. Ao longo desta interação a mulher já vinha de aproximando para que fosse dado o início aos rituais e em seu caminho escuta a conversa com Eṣú. Então, responde aos homens:

- Quem preparou tudo isso fui eu.

Eṣú então questiona: O que de mal podemos fazer aquele ou aquela que nos dá de comer e de beber?

Com o cumprimento de um preceito maior, de que não podemos matar quem nos alimenta, os homens não puderam dirigir mal algum à ela dado que comeram a comida e a bebida preparada por suas próprias mãos. A mulher, então, se livrou da morte e não foi sacrificada.

Transcrição da autora de contação da itã do ano, lida no jogo de Ifá no terreiro de Candomblé Ilê Axé Opo Olu Odé Alayeda, em Simões Filho na Bahia, em janeiro de 2025, por Pai Marcos de Oşóssi. Itã que é prelúdio, conselho, caminho, imagem do ano que se inaugura, também estabelece influência nas intenções deste presente trabalho e se faz Orò para que tudo possa então dar início.

Aşé.

**Dedico este trabalho às inúmeras
maneiras possíveis — presentes,
passadas e futuras — de viver a vida sem
destruí-la.**

PRECE

Nada neste mundo se faz só. Nem a si, se faz. O trabalho a seguir não dista disso um milímetro sequer. Isso aqui é uma tentativa de, à minha maneira, agradecer a todos que por loucura, curiosidade ou paixão, acabaram se envolvendo comigo em momentos da minha caminhada.

Dizem que a mãe é nosso primeiro amor. Ao meu primeiro amor, agradeço por tudo. Todo o sustento, todos os sacrifícios, todo amor, toda dedicação, toda paciência, toda impaciência, toda dureza e todo o aconchego. Sem você, mãe, não seria quem sou e este trabalho não seria o que é. Você é uma parte de mim e eu sou um inteiro seu, sem você eu não teria chão para pisar. Obrigada.

Ao meu pai agradeço a presença inteira, mesmo que não em matéria. Agradeço por todo conhecimento, pelos livros, pelos filmes, pelas comidas, pelas viagens, pelos DVD's, pelos CD's, pelas músicas, pelos remédios, pelo seu humor que proveu histórias como a da bruxa que no final apenas passa a manteiga no pão e a da formiguinha que sozinha não mata o elefante. Agradeço pelas minhas irmãs, por toda sua complexidade, pelo seu amor ao povir da vida. Agradeço pelos nossos 23 anos e por mais tantos outros nos quais você seguirá presente.

Ao meu eterno amor, Emmanuel, poder te acompanhar e poder ser acompanhada por você é extraordinário. Se nós nos construímos a partir do outro, desenvolver consciência das minhas capacidades a partir de relação que construímos é profundamente revolucionário, por isso, agradeço por toda a vida que construímos juntos até aqui e toda a vida que ainda iremos construir. Não tem preço todo seu apoio e dedicação. Obrigada por todas as noites, todos os trabalhos, todos os textos, todas as idas e vindas, "arrudeios", sobes, desces e transformações várias suas e ao seu lado. Você está neste trabalho desde os menores detalhes estéticos às mais importantes conclusões conceituais, não tem como não dedicar este trabalho também a você, meu amor.

Agradeço também às minhas irmãs, Carmen e Isadora, por serem as minhas maiores inspirações, por estarem sempre ao meu lado e por me acolherem em todos os momentos em que precisei. Especialmente à Carmen, que sabe de todos os meus cantos e curvas, que acompanhou cada detalhe deste trabalho, revisou cada vírgula e preencheu, até transbordar, todas essas páginas com muito — mas muito — amor, carinho e empatia. Tudo o que sei sobre essas coisas foi você quem me ensinou, irmã.

Saibam, as duas, que este trabalho nunca seria o mesmo sem todos os momentos que passamos juntas e as conversas que tivemos. É surreal como consigo encontrar vocês em todas as minhas paixões e em todas as minhas buscas — neste trabalho e na vida. Obrigada por me tornarem mais leve e por me ajudarem a me encontrar, ao dividirem comigo a minha história e compartilharem sempre a de vocês.

Agradeço a Adriana Pinho por auxiliar na minha graduação desde o início, por ter acompanhado todo o meu desenvolvimento, por ser generosa, prestativa, presente, extremamente profissional e, por construir junto comigo todas as ferramentas que me deram a capacidade de atravessar não só toda a minha formação, mas o processo deste trabalho. A maneira como o nosso caminhar me transformou e me amadureceu é incomensurável.

Agradeço profundamente às minhas orientadoras por serem extremamente precisas em todas as suas orientações, por me acolherem em absolutamente todos os meus momentos nesse percurso e por compartilharem comigo uma pequena parte de todo o mar de conhecimento e experiência que possuem. São profissionais como vocês que me dão ainda mais vontade de ser professora. Por isso, não consigo deixar de agradecer a todos os meus professores que, de diversas maneiras, me afetaram ao longo da vida e, principalmente, na graduação. Espero com esta entrega, conseguir mostrar como o trabalho de vocês é precioso, necessário e transformador.

Com todo meu carinho, agradeço também aos meus amigos: Pedro, Lucas, Heitor, Maria Luz, Mayara e Lorrany. Eu aprendi tanto com vocês sobre o mundo e também sobre mim, se não fossem todas as nossas trocas este trabalho não existiria como é, muito menos eu seria como sou. Espero poder sempre retribuir afetos e poder atravessar a vida ao lado de vocês.

Eu lembro a primeira vez que fui à feira do Setor Pedro Ludovico. Foi a mesma emoção de quando eu decidi, anos depois, mergulhar nela. E segue sendo a mesma todos os domingos, agora, com altas doses de afeto e memória intensificados pelas relações e vínculos que estabeleci. Por isso, não posso jamais deixar de agradecer a todos os feirantes, frequentadores e moradores do Setor Pedro Ludovico que toparam trocar comigo em níveis diversos de confiança. Todos vocês foram essenciais para este trabalho. Espero conseguir fazer jus ao labor e vida de vocês sem romantizar as dores e correrias que esta cidade e a pele de vocês impõe a vocês. Espero também, conseguir deixar clara a minha gratidão pela existência e resistência da feira no bairro e por transformarem um vazio da cidade em um espaço lotado de muita vida. Agradeço por alimentar nossa cidade, nosso bairro, nosso corpo e nossa alma todos os domingos.

Foi em prece ao amor, à vida e ao mundo que tive alma para realizar este trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT.....	8
LISTA DE FIGURAS	10
ESTABELEECER.....	17
A HISTÓRIA POSSÍVEL.....	17
A HISTÓRIA INVISÍVEL	29
AS PAUSAS.....	38
AS MANEIRAS DE FAZER	39
COMPREENDER.....	42
A BUSCA	42
A CIDADE	52
AS FEIRAS	73
ESCUTAR O TEMPO	77
DOS LUGARES	82
DAS COISAS.....	102
DOS GESTOS	175
MEMORiar.....	226
REFERÊNCIAS.....	230

RESUMO

Ao se fazer a leitura urbana de um determinado local de uma cidade, tem-se à mão uma série de procedimentos técnicos que muitas vezes se debruçam sobre seus diversos aspectos de maneira distante e fria. A partir de Hannah Arendt, entende-se que a modernidade priorizou métodos científicos em detrimento das faculdades humanas. Como contraponto, defende-se ser necessária uma leitura sensível da cidade, e é nesse contexto que se insere o presente trabalho. Este se debruça sobre a importância da memória para uma compreensão sensível da história passada e presente de um lugar na cidade. A memória, enquanto guardiã do sensível, é vista como instrumento de resistência diante do esquecimento, da dominação e da aceleração que tudo consome. Com isso, a pesquisa volta-se à escuta sensível e ativa da feira livre do Setor Pedro Ludovico, em Goiânia (GO), como lugar de produção de memória e vivência cotidiana.

O objetivo central é implementar uma metodologia outra, que apesar de já existente não é comumente aplicada. Método que valoriza dados sensíveis mediados pela memória e reflete sobre seu papel na construção do conhecimento e na leitura urbana, buscando, aqui, reconhecer, na feira, expressões da cultura ordinária (DE CERTEAU, 1990). Reorganizando prioridades e, portanto, experimentando inversões que revelam o bairro em sua complexidade e pluralidade.

A investigação faz uma revisão bibliográfica acerca da memória e seu lugar ao longo da história e do pensamento de autores como Bergson (2023), Bosi (2023), Pollak (1989), Halbwachs (1990), Nora (1993), Assmann (2011), Benjamin (2023), Napolitano (2018) e Arendt (2008 e 2022); adota incursões etnográficas construídas por Rizek (2022) e a cartografia como processo em campo (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009). A coleta e produção de dados inclui registros sonoros e visuais, além de contar com consultas a arquivos institucionais, onde se localizaram

mapas, textos, documentos e planos que revelam o itinerário da feira e suas relações com o entorno.

Compreendida a busca pela memória, buscamos nos esclarecer sobre as relações feira e centros urbanos, recorrendo a Le Goff (1998), Braudel (1983 e 1995), Mascarenhas (2008), entre outros. Por fim, a aplicação metodológica aqui prevista transforma não apenas nossa relação no campo, mas os impactos do campo em nós enquanto pesquisadores. Os resultados até aqui, se assentam nos suportes matérias da memória que puderam ser escutados, imaginados e memoriados entre lugares, coisas e gestos, indicando caminhos que possibilitam a apreensão das camadas empilhadas de memória nos lugares da cidade.

Palavras-Chave: Feira livre; Setor Pedro Ludovico; Memória; Leitura Urbana; Planejamento Urbano.

ABSTRACT

When carrying out an urban reading of a specific location within a city, a wide range of technical procedures are often available, frequently addressing its multiple aspects in a distant and detached manner. Drawing from Hannah Arendt, it is understood that modernity has prioritized scientific methods over human faculties. As a counterpoint, this study argues for the necessity of a sensitive approach to the city, within which the present research is situated. The work explores the importance of memory for a sensorial understanding of a place's past and present history within the city. Memory, as a guardian of the sensible, is seen here as a tool of resistance against erasure driven by forgetting, domination, and accelerating processes that consume everything. Accordingly, the research turns to the active and sensitive listening of the open-air market at Setor Pedro Ludovico, in Goiânia, as a place of memory production and everyday lived experience.

The main objective is to implement an alternative methodology—one that, although already existent, is not commonly applied—which values sensible data mediated by memory and reflects on its role in knowledge construction and urban reading, aiming, in this research, to recognize in the market expressions of ordinary culture, following Michel de Certeau (1990). By reorganizing priorities, the research experiments with inversions that reveal the neighborhood in its plural complexity.

This investigation carries out a bibliographic review on memory and its historical place within the thought of authors such as Bergson (2023), Bosi (2023), Pollak (1989), Halbwachs (1990), Nora (1993), Assmann (2011), Benjamin (2023), Napolitano (2018), and Arendt (2008 and 2022); it adopts ethnographic incursions as developed by Cibele Rizek (2022) and uses cartography as a field process (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009). Data collection includes sound and visual records, as well as institutional archival research, through which maps, texts,

documents, and plans were retrieved, revealing the market's spatial itinerary and its relations with the surroundings.

Once the search for memory was established, the research seeks to clarify relations between markets and urban centers, drawing on authors such as Le Goff (1998), Braudel (1983 and 1995), and Mascarenhas (2008), among others. Finally, the methodological application proposed here transforms not only the field relation, but also the impact of the field on the researchers themselves. The results found thus far are grounded in the material supports of memory that could be heard, imagined, and recalled across places, objects, and gestures, indicating possible paths to apprehend the stacked layers of memory that shape lived places in the city.

Key Words: Street market; Pedro Ludovico District; Memory; Urban Reading; Urban Planning.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 — MAPA DE LOCALIZAÇÃO ESCALONADO DA CIDADE, DO BAIRRO E DA FEIRA	22
FIGURA 2 — COMPARAÇÃO DE DIAS COM E SEM FEIRA	24
FIGURA 3 — COMPARAÇÃO DE DIAS COM E SEM FEIRA	25
FIGURA 4 — COMPARAÇÃO DA MUDANÇA DE REFERÊNCIAS VISUAIS EM UM MESMO PONTO DE VISTA DE UM DIA COM E SEM FEIRA	26
FIGURA 5 — COMPARAÇÃO DE UMA MUDANÇA DE RECORTE E HORIZONTE DE UM MESMO PONTO DE VISTA EM UM DIA COM E SEM FEIRA	27
FIGURA 6 — RECORTE DA PARÓQUIA DO ESTÁDIO DO PLANO DE URBANIZAÇÃO SETOR PEDRO LUDOVICO	34
FIGURA 7 — PLANO DE URBANIZAÇÃO DO SETOR PEDRO LUDOVICO	35
FIGURA 8 — CORRESPONDÊNCIA DE EWALD JANSSEN, ENDEREÇADA AO SECRETÁRIO DO DVOP, ESCLARECENDO ACERCA DAS DIFICULDADES COM OS OCUPANTES DO PEDRO LUDOVICO	58
FIGURA 9 — EXEMPLO DE UMA DAS FOLHAS DE DESENHO TÉCNICO SETORIZADO POR PARÓQUIAS QUE COMPUNHAM O PLANO DE URBANIZAÇÃO DE JANSSEN	59
FIGURA 10 — ANOTAÇÃO DE JANSSEN EM VERSO DE DESENHO INDICANDO A CONTABILIZAÇÃO DE 'LOTES INVADIDOS'	60
FIGURA 11 — DETALHE DE CARIMBO DE PLANTA DE URBANIZAÇÃO DO SETOR PEDRO LUDOVICO, PARÓQUIA DO BOTAFOGO	63
FIGURA 12 — INVASÃO DO AREIÃO: PREFEITURA PROMETE SOLUCIONAR O CASO. JORNAL OPÇÃO, 29 ABR.1980	64
FIGURA 13 — AREIÃO: PROTESTO VAI ÀS RUAS. DIÁRIO DA MANHÃ, 07 JUN. 1980	65
FIGURA 14 — NOVAS AMEAÇAS DE DESPEJO NO AREIÃO. DIÁRIO DA MANHÃ, 20 AGO. 1980	66
FIGURA 15 — CARTILHA ENSINA A LEGALIZAR INVASÃO. JORNAL OPÇÃO, 07 SET. 1980	67
FIGURA 16 — ÍNDIO VISITA INVASÃO DO AREIÃO E PROMETE A DEMARCAÇÃO DOS LOTES. DIÁRIO DA MANHÃ, 17 DEZ. 1980	68
FIGURA 17 — PREFEITURA DESTRÓI BARRACOS NA INVASÃO. DIÁRIO DA MANHÃ, 23 MAR. 1982	69

FIGURA 18 — PRÉDIOS SUBSTITUIRÃO BARRACOS DA CICLIOVIA. O POPULAR, 13 ABR. 1999	70
FIGURA 19 — AINDA SEM PAPEL PASSADO. O POPULAR, 29 JUL. 2004	71
FIGURA 20 — PAPELADA VALIOSA. DIÁRIO DA MANHÃ, 08 SET. 2004	72
FIGURA 21 — ENTORNO E PAISAGEM IMDIATA À FEIRA	84
FIGURA 22 — SETOR PEDRO LUDOVICO. RECORTE DO DIÁRIO DA MANHÃ, 26 ABR. 1987	85
FIGURA 23 — MERCADO DO SETOR PEDRO: OUTRO QUE ESTÁ ACABANDO. RECORTE E DETALHE DE PÁGINA DE JORNAL SEM ESPECIFICAÇÃO DE DATA OU VEÍCULO	89
FIGURA 24 — SEU BAIRRO SETOR PEDRO LUDOVICO: PAULO MAGALHÃES RESGATA COMPROMISSOS DE CAMPANHA. PÁGINA E DETALHE DE JORNAL A HORA, 16 MAR. 2025	90
FIGURA 25 — ASSINATURA DA ORDEM DE SERVIÇO PARA A REFORMA DO MERCADO DO SETOR PEDRO LUDOVICO. RECORTE DO JORNAL A HORA, SET. 2007	91
FIGURA 26 — MERCADO SERÁ REABERTO APÓS UM ANO EM REFORMA. RECORTE DO O POPULAR, 06 JUN. 2008	92
FIGURA 27 — ASSOCIAÇÃO REALIZA CENSO PARA AGILIZAR TRABALHOS. RECORTE DE DIÁRIO DA MANHÃ, 26 ABR. 1987	93
FIGURA 28 — SESSÃO 'BAIRROS' - SETOR PEDRO LUDOVICO. RECORTE DE DIÁRIO DA MANHÃ, 22 ABR.1988	93
FIGURA 29 — ASSOCIAÇÃO REALIZA CENSO PARA AGILIZAR TRABALHOS. RECORTE DE DIÁRIO DA MANHÃ, 26 ABR. 1987	94
FIGURA 30 — MAPA DE RUAS E PERCURSOS.	95
FIGURA 31 — RUA DA FEIRA.	98
FIGURA 32 — RUA DA FEIRA.	99
FIGURA 33 — RUA DA FEIRA	100
FIGURA 34 — RUA DA FEIRA	101
FIGURA 35 — SIMILARIDADES ENTRE TIPOS DE COMÉRCIOS DE RUA	105
FIGURA 36 — MODULAÇÃO MAIS COMUM DAS BARRACAS	106
FIGURA 37 — TIPOS DE COBERTURAS	107
FIGURA 38 — AS KOMBIS COMO TRANSPORTE	110

FIGURA 39 — AS CAMINHONETES COMO TRANSPORTE	111
FIGURA 40 — AS CARRETAS COMO TRANSPORTE	112
FIGURA 41 — ILHAS CENTRAIS DAS BARRACAS DE PASTEL E PAMONHA	113
FIGURA 42 — BARRACAS COM REFRIGERAÇÃO MÓVEL	114
FIGURA 43 — BARRACAS COM REFRIGERAÇÃO FIXA	115
FIGURA 44 — BARRACAS MÓVEIS	116
FIGURA 45 — MONTAGEM DAS BARRACAS E SUA ESTRUTURAÇÃO	117
FIGURA 46 — BARRACA DE CALDO DE CANA	118
FIGURA 47 — TIPOS DE BANCADAS	119
FIGURA 48 — BASES MANUFATURADAS	120
FIGURA 49 — BASES INDUSTRIALIZADAS	121
FIGURA 50 — SUPORTES ESTRUTURADOS DE ALIMENTOS E ANIMAIS	122
FIGURA 51 — SUPORTES AÉREOS	123
FIGURA 52 — CABEAMENTOS	125
FIGURA 53 — CABEAMENTOS CONECTADOS EM CAIXAS DE ENERGIA PÚBLICA	126
FIGURA 54 — CABEAMENTOS CONECTADOS EM CAIXAS DE ENERGIA PÚBLICA	127
FIGURA 55 — MODELO COMUM DE LÂMPADA UTILIZADO NAS BARRACAS	128
FIGURA 56 — COLETORES EM SERVIÇO AO FINAL DA FEIRA	129
FIGURA 57 — COLETORES EM SERVIÇO AO FINAL DA FEIRA	130
FIGURA 58 — BANHEIROS FORNECIDOS PELA PREFEITURA DE GOIÂNIA	131
FIGURA 59 — FEIRANTES AVALIANDO POSSIBILIDADES DE RELOCAÇÃO DOS BANHEIROS	132
FIGURA 60 — A REORGANIZAÇÃO DAS BARRACA NAS IMEDIAÇÕES DOS BANHEIROS NO DIA DE SUA CHEGADA	133
FIGURA 61 — TIPO DE GALÃO	134
FIGURA 62 — TIPO DE GALÃO	135
FIGURA 63 — TIPO DE GALÃO	136

FIGURA 64 — SACO PLÁSTICO: TIPO DE RECIPIENTE PARA A MOLHA DAS HORTALIÇAS E FRUTAS	137
FIGURA 65 — ABAFADORES PARA A PROTEÇÃO DE RUÍDOS DA MÁQUINA DE ESPREMER CANA	140
FIGURA 66 — BACIA PARA SELEÇÃO DE FRUTAS E VEGETAIS	141
FIGURA 67 — BALANÇA DE PESAR FRUTAS, VEGETAIS, VERDURAS, CARNES, FARINHAS...	142
FIGURA 68 — O 'LITRO' PARA MEDIR E VALORAR FARINHAS	143
FIGURA 69 — O 'LITRO' PARA MEDIR E VALORAR FARINHAS	144
FIGURA 70 — VENTILADOR PARA ESPANTAR MOSCAS E MOSQUITOS	145
FIGURA 71 — BISNAGAS PARA TEMPERAR O PASTEL	146
FIGURA 72 — CANUDOS PARA O REFRIGERANTE, O SUCO E O CALDO DE CANA	147
FIGURA 73 — O TACHO PARA FRITAR PASTEIS	148
FIGURA 74 — AS PRATELEIRAS PARA ORGANIZAR OS SABORES DOS PASTEIS	149
FIGURA 75 — A JARRA DE SERVIR CALDO DE CANA	150
FIGURA 76 — A MÁQUINA DE ESPREMER LARANJAS	151
FIGURA 77 — O COOLER PARA O ARMAZENAMENTO DE POLPAS	152
FIGURA 78 — MÁQUINA DE MOER CAFÉ	153
FIGURA 79 — MÁQUINA DE MOER CAFÉ	154
FIGURA 80 — MÁQUINA DE MOER QUEIJO CURADO	155
FIGURA 81 — MÁQUINA DE MOER MILHO	156
FIGURA 82 — CALDEIRÃO DE COZINHAR PAMONHAS	157
FIGURA 83 — CALDEIRÃO DE COZINHAR PAMONHA E TACHO DE FRITAR LINGUIÇA	158
FIGURA 84 — MÁQUINA DE MOER TEMPEROS	159
FIGURA 85 — PROCESSADOR DE TEMPEROS	160
FIGURA 86 — FACA DE CORTAR LEGUMES, FRUTAS, VERDURAS, CARNES...	161
FIGURA 87 — CAIXA DE FERRAMENTAS PARA CONCERTAR PANELAS E AFIAR FACAS	162
FIGURA 88 — PLACAS MANUSCRITAS DE IDENTIFICAÇÃO E VALORES	163

FIGURA 89 — PLACAS IMPRESSAS DE IDENTIFICAÇÃO E VALORES	164
FIGURA 90 — LIXEIRA PARA RECOLHIMENTO DE PEQUENOS RESÍDUOS	165
FIGURA 91 — LIXEIRA PARA RECOLHIMENTO DE PEQUENOS RESÍDUOS	166
FIGURA 92 — GUARDANAPO PARA REMOÇÃO DE SUJIDADES	167
FIGURA 93 — CAIXA DE SOM PARA DISTRAÇÕES E ALÍVIOS	168
FIGURA 94 — CADEIRA PARA PAUSAS	169
FIGURA 95 — CAIXAS DE FEIRA	170
FIGURA 96 — CAIXAS DE FEIRA	171
FIGURA 97 — CAIXAS DE FEIRA	172
FIGURA 98 — CAIXAS DE FEIRA	173
FIGURA 99 — CAIXAS DE FEIRA	174
FIGURA 100 — NASCIMENTO E MORTE DA FEIRA	178
FIGURA 101 — O DESCASCAR O ABACAXI	179
FIGURA 102 — O PREPARAR A GUARIROBA	180
FIGURA 103 — O FRITAR O PASTEL	181
FIGURA 104 — O DESCASCAR O PEQUI	182
FIGURA 105 — O LAVAR OS UTENSÍLIOS	183
FIGURA 106 — O RETALHAR A CARNE	184
FIGURA 107 — O FAZER OS TEMPEROS	185
FIGURA 108 — O DESCASCAR E MOER O MILHO	186
FIGURA 109 — O DESCAMAR O PEIXE	187
FIGURA 110 — O APURAR O DOCE	188
FIGURA 111 — O CURAR O QUEIJO	189
FIGURA 112 — O EMPACOTAR OS VEGETAIS	190
FIGURA 113 — O MOLHAR OS ALIMENTOS	191
FIGURA 114 — O DEFUMAR AS CARNES	192

FIGURA 115 — O PLANTAR E COLHER	193
FIGURA 116 — O PLANTAR E COLHER	194
FIGURA 117 — O FAZER A PAMONHA	197
FIGURA 118 — O FAZER A PAMONHA	198
FIGURA 119 — HORTALIÇAS NORMALMENTE SOBREPOSTAS	199
FIGURA 120 — A DISPOSIÇÃO HORIZONTAL DOS ALIMENTOS	200
FIGURA 121 — A EXPOGRAFIA DA BARRACA DE ROUPAS	201
FIGURA 122 — OS SACOS DE EXPOR GRÃOS	202
FIGURA 123 — OS SACOS DE EXPOR GRÃOS	203
FIGURA 124 — OS ABACAXIS EXPOSTOS INTEIROS OU EM FATIAS	204
FIGURA 125 — TOMATES EXPOSTOS EM RAMPA	205
FIGURA 126 — TOMATES SOLTOS OU EM SACOS	206
FIGURA 127 — VEGETAIS EXPOSTOS EM SACOS	207
FIGURA 128 — TOMATES EXPOSTOS EM SACOS SUSPENSOS	208
FIGURA 129 — BANANAS EXPOSTAS HORIZONTAL E ESPAÇADAMENTE	209
FIGURA 130 — LARANJAS EXPOSTAS EM PIRÂMIDES DE BASES LARGAS	210
FIGURA 131 — MEXERICAS E LARANJAS EXPOSTAS EM BALDES	211
FIGURA 132 – CARNES DEFUMADAS EXPOSTAS SUSPENSAS	212
FIGURA 133 — CARNES DEFUMADAS EXPOSTAS SUSPENSAS	213
FIGURA 134 — CARNES DEFUMADAS EXPOSTAS SUSPENSAS	214
FIGURA 135 — TEMPEROS EXPOSTOS EM SIMPLES POTES DE PLÁSTICO	215
FIGURA 136 — TEMPEROS EXPOSTOS EM PEQUENOS FRASCOS E DISPOSTOS EM PRATELEIRAS	216
FIGURA 137 — TEMPEROS EXPOSTOS EM PEQUENOS FRASCOS E DISPOSTOS EM PRATELEIRAS	217
FIGURA 138 — PASTEIS EXPOSTOS EM GRADES	218
FIGURA 139 — OVOS EXPOSTOS EM DÚZIAS ENSACADAS	219

FIGURA 140 — MANGAS EXPOSTAS EM CABAÇAS	220
FIGURA 141 — MELANCIAS 'AUTOPORTANTES'	221
FIGURA 142 — MILHOS ENCAIXADOS E EQUILIBRADOS	222
FIGURA 143 — MILHOS ENCAIXADOS E EQUILIBRADOS	223
FIGURA 144 — A EXPOGRAFIA ESTRUTURADA NOS PRÓPRIOS ALIMENTOS NA BARRACA DA DONA R.	224
FIGURA 145 — A EXPOGRAFIA ESTRUTURADA NOS PRÓPRIOS ALIMENTOS NA BARRACA DA DONA R.	225

ESTABELEECER

O arquiteto não precisa desenhar.

Ele pode escrever.

Lina Bo Bardi

Lina: uma biografia

A HISTÓRIA POSSÍVEL

Discutir a importância de uma escuta e memória urbana que partam do sensível, trata-se de também discutir o porquê devemos lembrar. E aqui, já aponto de antemão uma epifania óbvia: sem lembrar, nada vence o momento acontecido, tudo se interrompe em seu fim, nada ressoa. Proponho aqui um exercício aos moldes de Saramago, que chamo de um 'Ensaio sobre o esquecimento'².

O disco amarelo iluminou-se. Dois dos automóveis da frente aceleraram antes que o sinal vermelho aparecesse. [...] Os automobilistas, impacientes, com o pé no pedal da embraiagem, mantinham em tensão os carros, avançando, recuando, como cavalos nervosos que sentissem vir no ar a chibata. [...] O sinal verde acendeu-se enfim, bruscamente os carros arrancaram, mas logo se notou que não tinham arrancado todos por igual. [...] O novo ajuntamento de peões que está a formar-se nos passeios vê o condutor do automóvel imobilizado a esbracejar por trás do pára-brisas, enquanto os carros atrás dele buzina frenéticos. [...] Vê-se que grita qualquer coisa [...] consoante se vai ficar a saber quando alguém, enfim, conseguir abrir uma porta, [Onde estou] (SARAMAGO, 2017, p.11-12).³

² Sugestão da autora.

³ O disco amarelo iluminou-se. Dois dos automóveis da frente aceleraram antes que o sinal vermelho aparecesse. [...] Os automobilistas, impacientes, com o pé no pedal da embraiagem, mantinham em

Na obra original de Saramago, *Ensaio sobre a cegueira*, acompanhamos logo nas primeiras páginas a trajetória de um homem que é tomado por uma profunda cegueira branca que se torna o 'primeiro cego', é ajudado por um outro transeunte que o leva até a porta de casa e ao sair, toma proveito da vulnerável situação o homem roubando seu carro. Após algumas horas, a 'mulher do primeiro cego' chega ao seu socorro e urgentemente o leva ao médico. E é na pequena sala de espera do médico onde encontramos quase todo o grupo que acompanharemos ao longo do romance, com exceção da 'mulher do médico'. Esta última será guia do leitor e de todo o grupo por ser a única dentre todos que não cega e, no temor de ser dada como mentirosa ou toda poderosa em um mundo de cegos, omite sua condição. E é ela, em seu único momento de desespero em toda a obra, quem o 'cachorro das lágrimas' vai consolar.

Diferentemente do primeiro cego, o 'primeiro amnésico', não saberia desligar o carro e não seria ajudado pelo ladrão pois não lembraria o caminho de casa, apesar de talvez ainda sim ser roubado. Caso a 'mulher do primeiro amnésico' o encontrasse perambulando e o levasse ao médico, o grupo que uma vez se encontrou na pequena sala onde esperavam se desencontraria por completo em seu esquecimento. Ainda assim, seria resguardado à 'mulher do médico amnésico' – sem precisar mentir sua condição – guiar o marido em um mundo onde ninguém lembrava sua função, seu nome ou seu endereço. Onde o presidente não saberia o que ou quem presidia, onde o escritor não saberia o que nem como escrever, onde o exército não saberia para onde nem quem isolar. Há também a possibilidade de o cachorro das lágrimas ser então o 'cachorro das angústias' visto que aqueles que

tensão os carros, avançando, recuando, como cavalos nervosos que sentissem vir no ar a chibata. [...] O sinal verde acendeu-se enfim, bruscamente os carros arrancaram, mas logo se notou que não tinham arrancado todos por igual. [...] O novo ajuntamento de peões que está a formar-se nos passeios vê o condutor do automóvel imobilizado a esbracejar por trás do pára-brisas, enquanto os carros atrás dele buzina frenéticos. [...] Vê-se que grita qualquer coisa [...] consoante se vai ficar a saber quando alguém, enfim, conseguir abrir uma porta, Estou cego (SARAMAGO, 2017, p.11-12).

chorassem, não se lembrariam de suas razões, restando apenas a angústia do vazio do esquecimento.

Lembrar é primordial para a construção da sociedade e para a vida cotidiana. Este óbvio consenso, por aparentar ser uma ação inata e involuntária do sujeito é banalizado por quem lembra e aproveitado por aqueles que ditam o que é progresso. "Quando as mudanças históricas se aceleram e a sociedade extrai sua energia da divisão de classes, criando uma série de rupturas nas relações entre os homens e na relação dos homens com a natureza, todo sentimento de continuidade é arrancado de nosso trabalho" (Bosi, 2023, p.79-80). Ao considerar justamente a continuidade como aquilo que reforça a força do nosso lembrar que é de nós arrancada, não metaforicamente, nossa capacidade de lembrar atrofia-se. Sem continuidade o tempo suspende e nos resta apenas um tempo vazio e homogêneo (BENJAMIN, 2023).

E nossa capacidade de lembrar, se atrofia, pois, nesta sociedade acelerada e descontínua, nossos suportes materiais da memória são destruídos, bloqueando a capacidade de lembrar (CHAUÍ, 2023), extirpando de nós não apenas o nosso passado, mas também nosso presente, nossa capacidade de ser e agir hoje que é intrinsecamente conectada ao que fizemos e fomos ontem. E surge daí então a importância de escutarmos a terra, a gente, as ruas e o tempo ao nosso redor – pistas presentes, que por vezes abandonamos, dos suportes materiais das nossas lembranças em nossas cidades e em nosso cotidiano –, construindo lugares ordinários de memória guiados pelo corpo e pelas faculdades sensíveis humanas. E é escutando esses suportes ordinários e mudos que "organizam a ordenação sócio-política" (DE CERTEAU, 1990, p.41) das nossas cidades, uma das maneiras pelas quais exercitamos, reconhecemos e damos continuidade às nossas memórias. Assim, lembrar e escutar também são atos de resistência política em um mundo onde, não só a cidade, mas até mesmo o tempo, está em disputa. Em adição a isso, no âmbito da arquitetura e do urbanismo, partimos também de Juhani Pallasmaa (2011, p.68),

quando diz: “A arquitetura é a arte de nos reconciliar com o mundo, e esta mediação se dá por meio dos sentidos”. Compreensão que, quando unida a estas angústias faz nascer este trabalho.

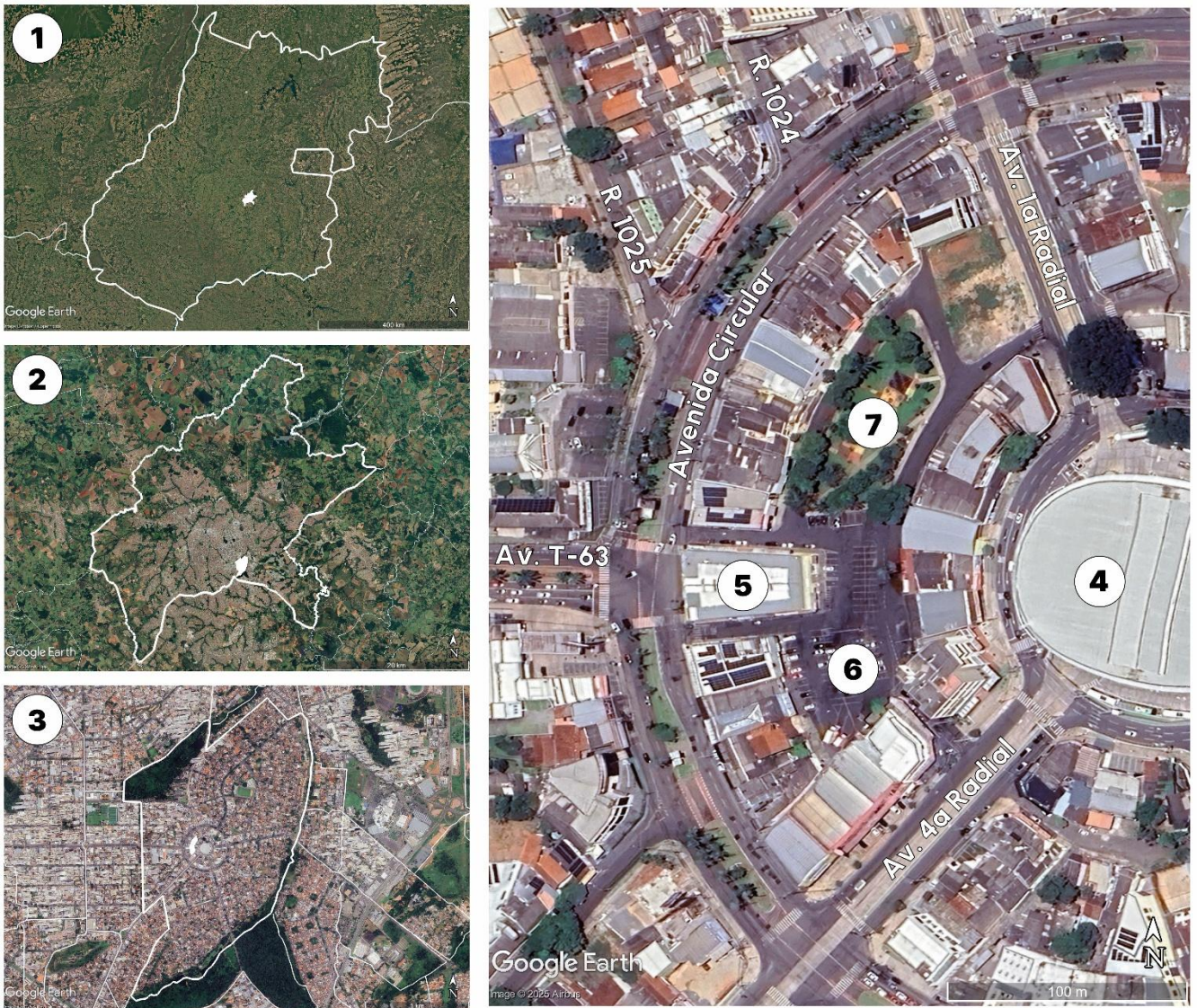
Porém, na ânsia de me encontrar nos lugares, nas pessoas e nos acontecimentos, tentei engolir o mundo a mastiguei o vazio. Como estudante e fascinada em minhas descobertas, estava mais do que pronta para mergulhar no oceano da Arquitetura e do Urbanismo, mas encontrei como barreira um ensino que recai aos moldes de seu tempo social: acelerado, rompido e vazio. Como Diretora de Ensino, Pesquisa e Extensão (DiEPE) da Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura, foi necessário um curto período de tempo na gestão para perceber uma replicação, de constância preocupante, desse padrão Brasil afora, que forma Arquitetos e Urbanistas para e pelo *Junkspace*⁴. Com o tempo contínuo suspenso e arrancado à força, discentes e docentes caminham anestesiados e exauridos mantendo cidades e universidades porosas, onde o ensino fraqueja, a vida acontece a conta-gotas e aqueles que ousam ir além trabalham solitários plantando suas sementes.

A única coisa que então me incumbi a tentar cumprir não só ao longo da minha graduação, mas agora em sua finalização e como marco inicial da minha carreira foi calçar os sapatos da “mulher do médico amnésico” e ser fagulha de continuidade. Estabelecer o problema, compreender suas camadas e discutir como posso enfrentá-lo, escutar sensível e empaticamente todos os atores e

⁴ O citado ‘Espaço lixo’ é “como uma matriz que se encarrega de organizar a transição de ilimitadas quantidades do Real [...] para o irreal. Montanhas inteiras são arrasadas para proporcionar quantidades cada vez maiores de autenticidade, ficando suspensas em braçadeiras precárias, são polidas até ficarem com um brilho cintilante que faz com que a pretendida seriedade se torne instantaneamente enganosa. [...] A cor do mundo real parece cada vez mais irreal, mais consumida. A cor no espaço virtual é luminosa e, portanto, irresistível. Um excesso de tele-realidade transformou-nos em vigilantes aficionados que monitorizam um Universo-lixo...” (KOOLHAAS, 2014, p.109)

reprodutores do meu recorte escolhido e memoriar vidas, fazeres, arquiteturas e urbanismos invisíveis, silenciados e/ou escondidos (a contra gosto do que normalmente se faz), que são assumidos em teoria, mas não foram de fato integrados em nossa prática profissional diária, e tudo isso frente a uma diferente concepção de tempo, o tempo da escuta atenta, é o que me motiva.

Parto então, do meu pedaço e cidade, o qual enxergo a partir das minhas lentes: uma mulher de classe média, branca, com cara de menina e riso frouxo, mas que tem intensa e profunda fome pela alma de suas ruas e sua história pulsante. Intensidade esta que se estabeleceu ao longo dos anos partindo da falta, mas também da intuição. A ausência da ancestralidade presente no meu cotidiano, das histórias de vó, do passado travesso dos pais, dos momentos de joelhos ralados, tampão do dedão arrancado no asfalto e ossos quebrados remonta para mim uma infância – e uma vida – em apartamentos, parquinhos cercados e escassas memórias pueris. Apesar disso, eu encontrava meus caminhos à sapequice, escalava armários, pulava alto dos balanços, riscava e coloria lugares indevidos da casa, corria desesperadamente até a areia, mesmo que no meio do caminho meu nariz se desconfigurasse no chão: os limites não me cabiam. A cidade para mim e tudo o que ela abrigava, então, sempre foi cinematográfico, algo da janela, da fantasia.



1 - Estado de Goiás / 2 - Cidade de Goiânia / 3 - Setor Pedro Ludovico / 4 - Terminal Isidória / 5 - Mercado Municipal do Pedro Ludovico / 6 - Estacionamento onde acontece a feira do Setor Pedro Ludovico / 7 - Praça da Feira

Figura 1 — Mapa de localização escalonado da cidade, do bairro e da feira

Fonte: elaborado pela própria autora a partir de base de dados do Google Earth, jul. 2025

Até que tudo se transformou quando mudamos para o Setor⁵ Pedro Ludovico (Figura 1). Calhou de a mudança cair na mesma época da minha primeira viagem para São Paulo quando fui visitar minhas irmãs, uma arquiteta e a outra comunicadora e historiadora – mas, ambas sensíveis às questões da cidade, às suas maneiras –, que me levaram de um lado para o outro na Grande São Paulo de metrô, a pé e, raramente, de carro. Foi aí que a cidade começou a ganhar cor, textura, cheiro, sabor, afeto e desafeto. Voltei à Goiânia em negação, aqui eu não tinha cidade. Mas foi ainda aqui, onde eu entendi que basta sentidos atentos e paciência para que a alma encantadora da cidade se revele e para que todo o visível se ordene e a experiência se organize (CARVALHO, ECKERT *apud* DEBRAY, 2013, p.22). E é partindo da intuição, construída pelos sentidos, que ao longo da minha formação pude, nas idas solitárias à feira aos domingos – que, apesar de sua intensa vida dominical é um deserto automotivo ao longo da semana –, dar ouvidos e intuir a grandeza cotidiana que esse bairro tem, as pérolas cristalizadas, as inúmeras camadas e enraizamentos da vida comum no setor Pedro Ludovico (Figura 2, 3, 4 e 5).

⁵ Na cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás, onde decorre a análise e escrevedura deste trabalho, entende-se, por convenção, costume, maneirismo ou gíria, “Setor” como bairro. De tão integrado que o “Setor” se faz a linguagem alguns bairros ainda passam pelo nome composto, como o Barrio Setor Oeste. Como este trabalho se trata do cotidiano e do dia a dia da cidade, decide-se aqui usar do nome popular do Bairro em todas as suas referências, sendo este, Setor Pedro Ludovico, ou por seu apelido “Setor Pedro”.



Figura 2 — Comparação de dias com e sem feira
Fonte: Imagens e produção da própria autora, out. 2025



Figura 3 — Comparação de dias com e sem feira
Fonte: Imagens e produção da própria autora, out. 2025



Figura 4 — Comparação da mudança de referências visuais em um mesmo ponto de vista de um dia com e sem feira

Fonte: Imagens e produção da própria autora, out. 2025



Figura 5 — Comparação de uma mudança de recorte e horizonte de um mesmo ponto de vista em um dia com e sem feira

Fonte: Imagens e produção da própria autora, out. 2025

Por mais que as bibliografias, os autores e as pesquisas dentro da academia nos permitam cruzar oceanos, o fato é que só podemos contar as nossas histórias ou outras histórias a partir da nossa. Então, se eu quero contar a história do Setor Pedro Ludovico, eu preciso contar a história da feira. Esta que foi e ainda é o lugar em Goiânia onde primeiro esbarrei na diversidade e na vida urbana pulsante, onde eu ia e vou encontrar aos domingos na rúcula-limão, no pastel, na laranja e na fava o sentido da vida urbana para mim, não só como usuária, mas principalmente como arquiteta e urbanista. Por meio da qual compreendo a função social da minha profissão observando as relações humanas na terra do piso da feira⁶, nas trocas da gente não apenas pelo trabalho, no básico e tão importante direito à alimentação diversa e, principalmente, como todas essas coisas estão ligadas ao direito não só à memória, mas também à cidade.

⁶ Maneira como os feirantes nomeiam a área de cada barraca.

A HISTÓRIA INVISÍVEL

A escolha por uma leitura urbana outra frente ao que normalmente se encontra no campo da Arquitetura e do Urbanismo, não se dá apenas para 'apreço do paladar', ela acontece a partir da compreensão das problemáticas de uma leitura fria da cidade. E aqui compreende fria aquela "[...] que tem ou parece ter temperatura mais baixa que a do organismo humano; [...]; sob controle, que não se manifesta" (HOUAISS, 2004, p.1393), ou seja, que desconsidera o usuário em sua camada mais próxima permanecendo aquém do 'calor' das relações humanas controversas e que visa manter sob controle tais controvérsias. Trazendo para o contexto de leitura urbana, se resumiria nos 'números pelos números', aquela leitura que não permite qualquer entrada ou camada sensível, sendo impermeável e se bastando em sua frieza. Ação que se faz nociva justamente porque:

[...] se contenta em classificar, calcular e tabular as unidades 'léxicas', de que se compõem essas trajetórias, mas às quais não se reduzem, e em fazê-lo em função de categorias e taxionomias que lhe são próprias. Ela consegue captar o material dessas práticas, e não sua forma; ela baliza os elementos utilizados e não o 'fraseado'[...]. (DE CERTEAU, 1990, p.45-46)

As faltas de uma leitura fria como esta só se fazem confortável e de viés em uma sociedade que tem na descontinuidade seu alicerce. Nós sempre contamos nossa história através de interrupções e atravessamentos. Na Antiguidade, a presença do homem no mundo era imersa na compreensão deste como o único ser mortal do planeta, ao considerar que tudo à sua volta existia antes e por si sem individualidade, apenas em continuidade à vida biológica – o que gerava na humanidade um senso profundo da sua própria mortalidade (ARENDR, 2022).

Em uma tentativa então de traçar uma história imortal que se igualasse à natureza o homem se fez imortal pelos seus atos. Mesmo que pouco duradouros,

eram eles que interrompiam o movimento circular e contínuo da vida biológica em sua retidão (ARENDR, 2022) e eram passíveis de serem identificados em magnitude e registrados na imortalidade como a natureza. Aqui, se os mortais “[...] desejam sobreviver ao mundo em que nasceram, se desejam sobreviver às coisas que os circundam e em cuja companhia foram admitidos por pouco tempo” (ARENDR, 2022, p.101) devem se preocupar com sua grandeza e serem, através da aprovação da história, se provando dignos de natureza.

Nesta aproximação por finalidade – de tornar o homem, ou ao menos seus feitos, imortal – a história e a natureza passam a se aproximar também em método quando, da atitude científica, nascem as ciências histórica e natural, tendo sempre como princípio científico a objetividade. Da objetividade científica, ramifica a objetividade histórica e em ambas permeia, o que Hannah Arendt vai chamar de imparcialidade homérica. Não apenas deixa para trás o interesse comum no próprio lado e no próprio povo, que até nossos dias caracteriza quase toda a historiografia nacional, mas descarta também a alternativa de vitória ou derrota, considerada pelos modernos como expressão do julgamento objetivo da história, e não permite que ela interfira com o que é julgado digno de louvor imortalizante (ARENDR, 2022). O que faz dessa imparcialidade homérica, ecoada em Heródoto, o qual decidiu impedir que “os grandes e maravilhosos feitos de gregos e bárbaros perdessem seu devido quinhão de glória”, é ainda o mais alto tipo de objetividade que conhecemos.

O pesquisador teria, então, como objetivo assuntar sobre eventos de grandeza indiscutível, que se apresentariam de maneira imparcial. Esses eventos seriam, *a posteriori*, preservados pelo historiador – ainda sob a ótica da objetividade e da imparcialidade. Por meio dessa compreensão, o homem se manteria então em sua imortalidade junto à natureza.

A noção de natureza imortal e homem mortal não se sustenta, porém, na era cristã, pois “segundo os ensinamentos cristãos, a relação entre a vida e mundo é o

exato oposto da existente na Antiguidade grega e latina: no cristianismo, nem o mundo nem o recorrente ciclo da vida são imortais, mas apenas o indivíduo vivo singular” (ARENDR, 2022, p.106).

Quando a imortalidade passa a ser restrita apenas ao indivíduo, este passa a ocupar um lugar de superioridade não só à natureza, mas a tudo o que se produz e que se narra. Se antes a natureza era motivo para a imortalidade e os objetos e a narração dos feitos humanos eram meios para a imortalidade, o homem agora está acima deles. Se o homem está acima da natureza, por ser imortal e ela não, as faculdades naturais, sensíveis e inatas do homem passam a ser questionadas. Esta desconfiança se firma, principalmente, com a invenção do telescópio e a descoberta de que a Terra gira em torno do Sol, invertendo tudo o que até então se tinha estabelecido senão justamente através do que as faculdades humanas poderiam apreender; este evento, para Arendt (2022), inaugura a Era Moderna e a desconfiança se faz fator elementar no mundo então moderno.

As ciências naturais avançam incessantemente em suas experimentações, guiadas pela ideia de um progresso sem limites. Nesse caminho, a manipulação e a dominação da natureza tornam-se princípios fundamentais na construção de seus ideais. Além de carregarem consigo: “[...] a desconfiança dos sentidos [que] permaneceu o cerne do orgulho científico, até se tornar, em nossos dias, uma fonte de embaraço” (ARENDR, 2022, p.110).

O mundo de hoje, partindo da construção de Hannah Arendt, é habitado por uma sociedade em que a dominação pelo homem tem como cerne o interesse na constante fabricação de processos naturais e obras humanas e não na preservação destes. Este homem que afere a si mesmo a imortalidade e a impassibilidade frente à tudo – não só à natureza, mas à história, à narração e à construção da própria história –, segue ainda de maneira constante a interromper e atravessar a vida. O problema então aqui elucidado se faz presente em todas as áreas de

reprodutibilidade da vida humana, como na leitura urbana. Dada a inserção em seu tempo, a leitura urbana a que estamos acostumadas, desconfia das faculdades humanas, provocando resultados estatísticos frios e propostas distantes do calor humano, que negam as relações e afetos humanos cotidianos. Este trabalho então se convida a integrar um meio de minoritário de práticas que entende a leitura urbana como possibilidade de escuta real e que está disposto a ser afetado por seu objeto.

Entendendo, portanto, memória como principal relicário das faculdades sensíveis humanas – e o silêncio e o esquecimento como principais sintomas e armas da dominação –, na intenção de considerar basilar os sentidos humanos para a leitura urbana, propomos primeiramente a coleta de dados sensíveis, aqueles “que são percebidos pelos sentidos; que impressionam os sentidos; perceptível” (HOUAISS, 2004, p.2547), aquela que se abre à possibilidade dos sentidos: à visão, ao olfato, à audição, ao paladar e ao tato, na tentativa de ler e, ao final, escrever o Setor Pedro a partir da escuta e da memória de quem re-fabrica cotidianamente uma realidade já oferecida em limitação pela primeira leitura desconfiada e dominadora.

Desta conjuntura teórica, partimos para a feira livre daquele setor que está, há décadas às costas do Mercado Municipal do Pedro Ludovico, que, por sua vez, está envolvido pelos anéis da Avenida Circular e onde nasce – ou morre a depender de quem lê – a extensa avenida T-63. Porém, a feira esteve lá até mesmo antes da alvenaria do Mercado Municipal subir. A exemplo disto, a barraca de verduras da feirante Dona R. – que em breve completará 62 anos de atividade – já era montada enquanto ainda era construído em tábuas de madeira.

Para além de ser antiga, a feira é bem conhecida, na região poucos não a conhecem, muitos passam lá pelo menos uma vez para comer pastel ou pamonha, comprar doce de leite, queijo fresco, farinhas, roupas ou até carnes. É também um

ótimo lugar para esbarrarmos nas principais figuras do setor Pedro Ludovico, como 'o pastor', que está sempre com um terno para além de suas medidas, uma Bíblia na mão e uma palavra na ponta da língua. Um bom lugar para começar os trabalhos na cevada logo pela manhã, pois o Mercado Municipal não abre aos domingos, mas seus bares e botecos, sim. Há na feira quem faça a compra do mês, dê trocado ao flanelinha⁷ para conseguir estacionar com a traseira do carro na boca da feira e carregar o bagageiro. Mas há também quem só observe, sente na praça, deixe a criança no parquinho de areia cercado e ouça, de pé de orelha, o som alto do morador ao lado que está nos preparos para o churrasco mais tarde.

Nos planos do topógrafo Ewald Janssen para o setor Pedro Ludovico em 1967, em que apresenta possibilidades de regularização, onde hoje é o Terminal Isidória seria a Praça Central. Onde hoje é o Mercado, seria um cinema, e onde hoje é a Feira, consta um vazio (Figura 6). Onde está a Feira? Não nos é detalhado. O que é fato é que ela não é posta em seu Plano de Urbanização e esta ausência nos revela algumas coisas quanto à tratativa ao Setor. Assim como a feira, o bairro é complexo e existem dentro dele diversos "Setores Pedros". Tomando partido das linhas retas ou circulares que condizem com quadras de áreas regulares e repetitivas, optou-se então pela simplificação.

⁷ Transeunte que se faz responsável pelos automóveis estacionados em vias públicas principalmente em locais de grande aglomeração e, por esse trabalho, ganha alguns trocados pelos donos dos carros.

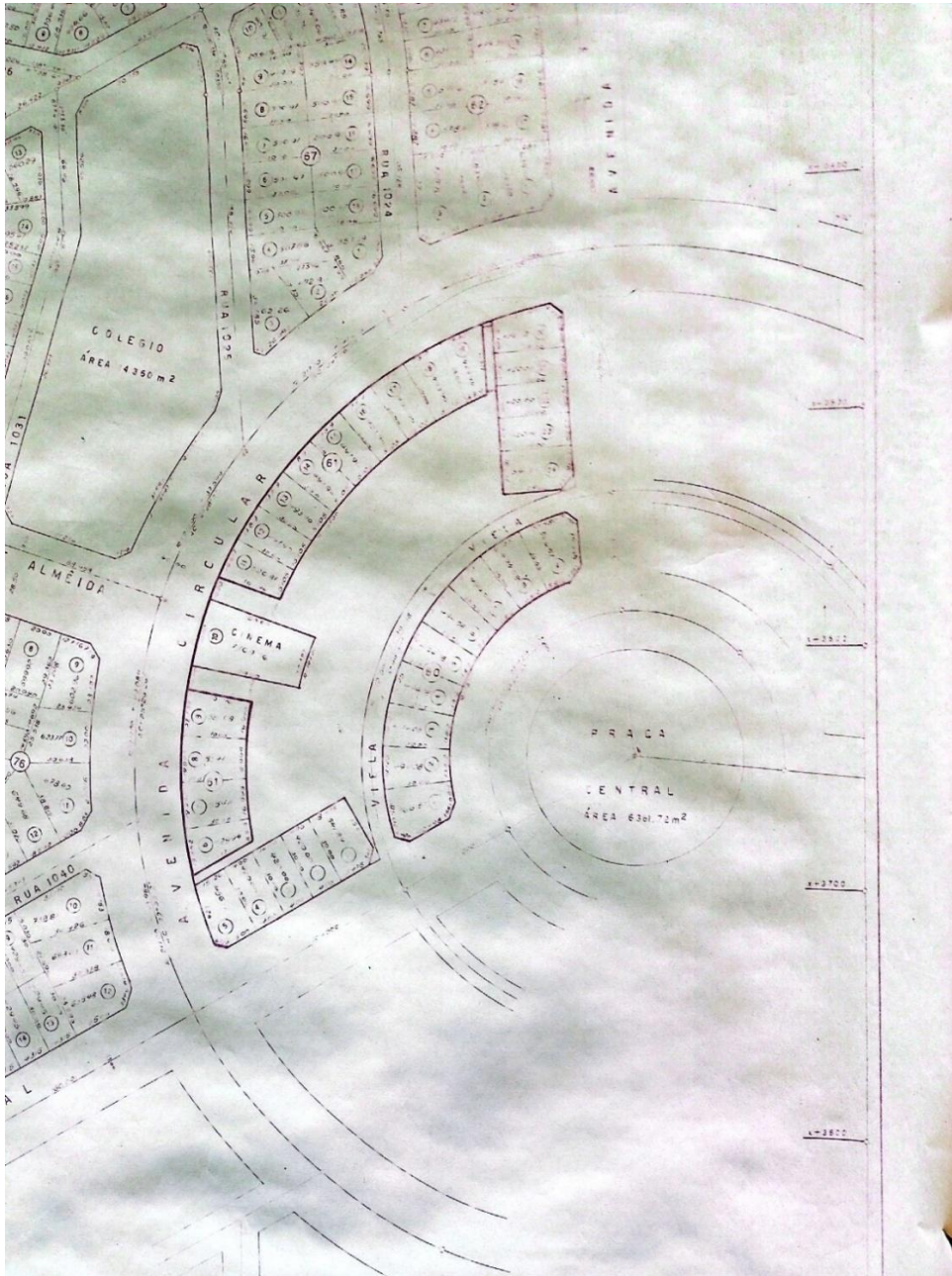


Figura 6 — Recorte da Paróquia do Estádio do Plano de Urbanização Setor Pedro Ludovico

Fonte: Acervo Janssen, Museu Antropológico da UFG, 2025.

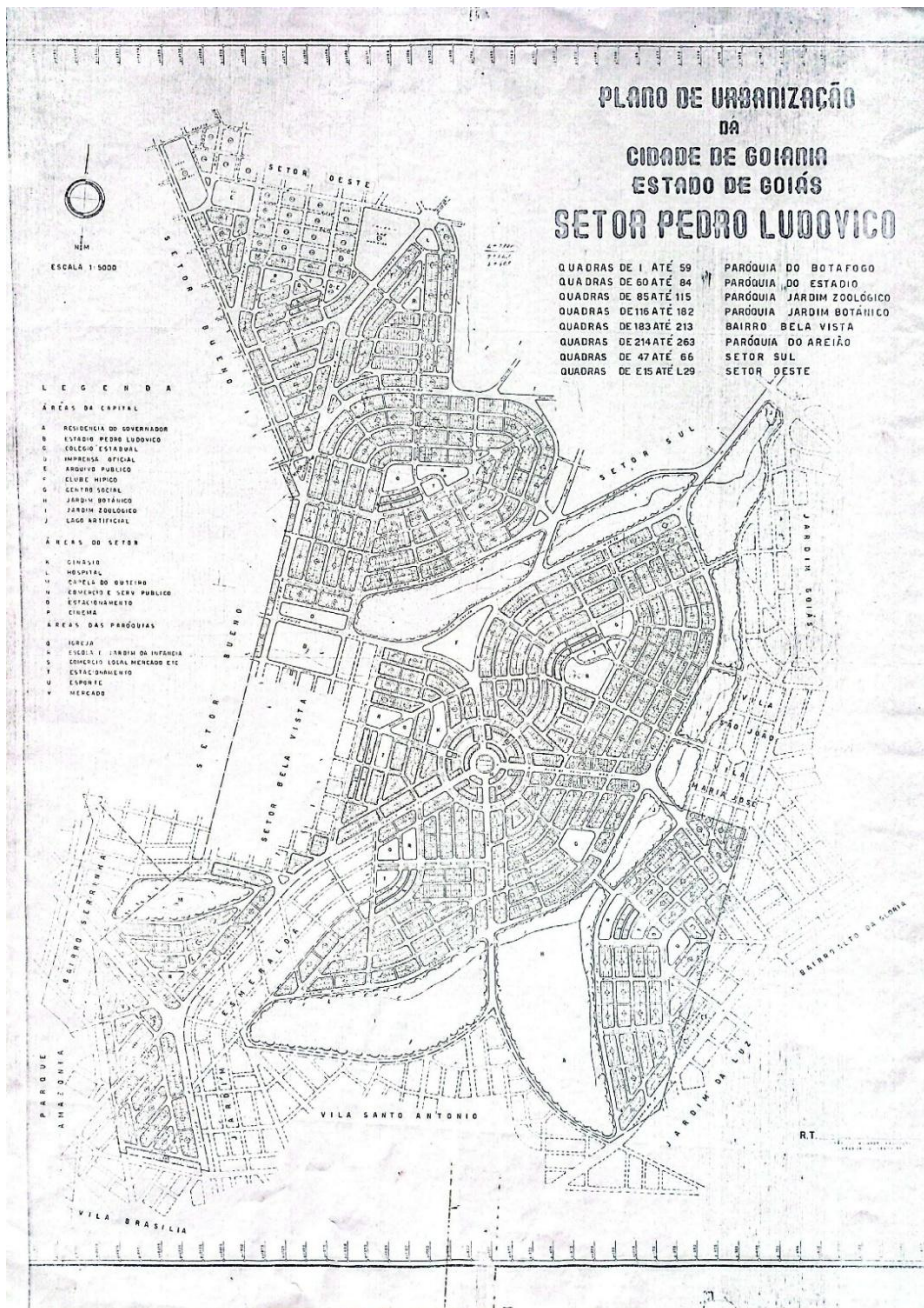


Figura 7 — Plano de Urbanização do Setor Pedro Ludovico
Fonte: Acervo Janssen, Museu Antropológico da UFG, 2025.

A partir do padrão ordenado e racional de urbanização que se pode facilmente capturar no desenho do Setor Pedro Ludovico (Figura 7), podemos compreender tecnicamente o bairro partindo de uma leitura aérea de suas ruas, quadras, áreas verdes, canteiros centrais etc. A qualidade do desenho de Janssen para a área é indiscutível, assim como sua legibilidade. Mas, assim como demais experiências das diversas escolas e períodos do urbanismo mundial, alguns trazidos por Choay (2018), será que a qualidade do traço e a clareza da leitura são condizentes com a realidade diária daquele setor?

Aquele que se detiver apenas de maneira superficial e limitada ao traçado da região do Setor Pedro consegue, ainda sim, apreender muito de sua história e aproveitar muito de suas paisagens urbanas de grandes alamedas com canteiros centrais arborizados, ruas consistentemente numeradas com nós e cruzamentos entre os quais é difícil se perder por mais de alguns minutos. No entanto, cada uma das regiões do bairro apresenta suas vicissitudes particulares que uma leitura técnica das radiais do bairro não compreende. Uma compreensão mais profunda da região requer um afastamento primeiro dos mapas de curvas de nível, de uso e ocupação do solo, cheios e vazios, de gabaritos, hierarquia viária etc. Em troca, pressupõe uma aproximação cotidiana e em tempo real, pois:

[...] a presença e a circulação de uma representação [...] não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização (DE CERTEAU, 1990, p.40).

Então, o movimento que se pretende efetuar aqui, parte não só dos desenhos de Janssen, mas também do que lá antes havia, pesando transformações e permanências, definindo a feira livre do Setor Pedro Ludovico como ponto de chegada e partida. O que logo também o faz um movimento da ordem da escala humana, na tentativa de compreender o que foi feito da cidade por aqueles que a

consomem diariamente, num dia a dia antes e depois do desenho implantado. Para àqueles que, em geral, o planejamento da cidade pouco contempla, mas que, com gestos cotidianos e simples, a transformam de forma artesanal, desenhando pequenas alterações – com o “pré-artesanato do cotidiano” (PERROTTA-BOSH *apud* BARDI, 2021, p. 39) e também através dos rastros deixados por suas vidas, gestos e objetos, que permaneceram inscritos e manifestos na matéria da cidade como um todo.

AS PAUSAS

O presente trabalho experimenta uma outra proposta metodológica de leitura da cidade. Esta parte da importância que os dados sensíveis compostos e/ou norteados pela memória têm na construção do conhecimento e na composição do reconhecimento de um lugar na cidade, e das diferentes afetações que a captação do sensível estimula. Trata-se de uma metodologia que tem como base a essencialidade das operações comuns de leitura urbana (DE CERTEAU, 1990) e da escuta das especificidades das memórias e silêncios na incoerente pluralidade de um lugar na cidade. Uma metodologia que tem como exercício a busca do todo nas partes, do mundo no detalhe, do real no fragmento de memória, e, portanto, aqui em especial, do Setor Pedro Ludovico na feira.

Especificamente, pretende-se:

- Compreender a importância dos dados sensíveis compostos e/ou norteados pela memória na construção do conhecimento e a forma como isto se estende ao reconhecimento e prática urbanos;
- Demonstrar a viabilidade em reorganizar prioridades e etapas de produção e captação de dados;
- Contextualizar o estado de Goiás, a cidade de Goiânia, o bairro Pedro Ludovico e a feira do setor na historiografia do cotidiano;
- Aplicar as incursões etnográficas e a cartografia na atividade em campo, como possibilidade de metodologia outra e escuta sensível da memória;
- Compreender o impacto dessa experimentação no reconhecimento do setor e o papel da escuta da memória.

AS MANEIRAS DE FAZER

Deslocar a leitura do objeto que normalmente se faz de cima para baixo no campo da Arquitetura e do Urbanismo, ou seja, a partir de mapas, vistas aéreas ou vistas superiores desenhadas na prancheta do técnico, requer não apenas diferentes maneiras de lidar com os dados a serem coletados, mas de como procurá-los e como vê-los, indicando uma mudança de percepção. Para tal, em um primeiro momento, é essencial a esta investigação, estabelecer este outro lugar de análise fundamentado em um referencial teórico que dê suporte ao reconhecimento da memória como balizadora do sensível contrapondo e estabelecendo suas distâncias com aquilo que será qualificado como frio. Dentre outros, serão trabalhados os textos de Ecléa Bosi (2023), Walter Benjamin (2023), Hannah Arendt (2008 e 2022) e Aleida Assmann (2011).

Proposto o deslocamento, a relação com o campo se faz irremediável, visto que a apreensão do lugar aqui começa do ponto de vista terrestre, não partindo das vistas e análises de cima, mas daquelas vividas nas ruas, e seguirá assim por quase todo o seu percurso. Para isso, uma profunda apreensão das diferentes maneiras do trabalho de campo na cidade será elo entre a construção sensível do conhecimento do lugar e o reconhecimento do mesmo, que se dará através do mergulho no tempo que traça o cotidiano e, principalmente, pela escuta dos feirantes, dos documentos e dos espaços.

A construção dessa vivência parte das incursões etnográficas, como estabelecido por Cibele Rizek (2022), prática esta que se coloca enquanto busca qualitativa, mesmo compreendendo a permanente sensação de incompletude nesta coleta. Ao entender a constante fuga do que se observa e a constante elaboração do que se percebe em uma incessante procura de nexos, o pesquisador se coloca nesse fluxo entre sua própria morada e o campo. Desse modo, necessita-

se do estabelecimento de trânsitos “entre observação, descrição e narração permanentemente ameaçadas umas pelas outras” (RIZEK, 2022, p.143).

A captação e produção desses diversos dados, além do estabelecimento destes trânsitos se dará por alguns caminhos, como a fotografia, gravação em áudio, desenhos livres, mapeamentos, entrevistas e anotações em uma tentativa de descrever o que foi possível capturar com os sentidos da memória que se impregna com, mas sem congelar, o movimento do real da Feira. E, em suporte a isso, se faz necessária uma revisão bibliográfica que dê base e forma a estas apreensões. Dentre elas, e principalmente, perscruta-se *Etnografia da e na rua: Estudos da Antropologia Urbana* por Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert (2013), tendo em mente o movimento das pesquisadoras quando, na tentativa de captar o efêmero, ressaltam a importância da frequência sistemática e ritualística do etnógrafo na rua.

A Feira do Setor Pedro está em um local delimitado, circunscrito, especificado em loteamentos de barracas pré-determinados, acontece em dia e horário marcado na semana. Portanto, aqui o recurso das derivas não se fará método, entendendo que para tal a necessidade de se perder no espaço urbano seria impossível em um recorte tão determinado como o presente. Se perder na feira se dará de forma muito mais subjetiva que espacial de fato, a cartografia do espaço enquanto metodologia supõe uma atenção aberta e flutuante às características do lugar e nos colocará em local de afetação por essas singularidades, guiados por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia, mas especificamente por suas palavras em *Pistas do método da cartografia: pesquisa, intervenção e produção de subjetividade*.

O dados sobre a feira e sobre o Setor Pedro Ludovico não apenas serão captados em retratos, mas também compreendidos através deles, em uma tentativa que alcança o literal de Michael De Certeau (1990, p.46), quando este trata

da compreensão das “operações heterogêneas que compõem os *patchworks* do cotidiano”. O processo de apreensão e exposição do recolhido será sustentado através dos ensinamentos de Paola Berenstein Jacques quando esta nos traz o *Pensar por montagens*, na procura do complexo, do contraditório, do escondido e na revelação dos vazios que, nas distâncias entre estes, é encontrado. O *patchwork* ou colcha de retalhos final literal a ser apresentado neste trabalho será resultado dessas procuras na proposta de ser uma prática cotidiana “[...] que produz sem capitalizar, isto é, sem dominar o tempo” (DE CERTEAU, 1990, p.48).

COMPREENDER

*Exu pode ter matado um pássaro ontem,
com uma pedra que jogou hoje!*

*Pierre Fatumbi Verger,
Lendas Africanas dos Orixás*

A BUSCA

Se partimos inicialmente da análise de Bergson, trazida por Bosi (2023), a memória estabelece-se em proximidade à percepção. O que uma vez se inicia como uma leitura simples da “[...] percepção como mero resultado de uma interação de ambiente com o sistema nervoso” (Bosi, 2023, p.48), ganha uma nova roupagem ao adicionarmos a memória nesta equação, esta que ‘impregna’ as representações do ambiente. Estas representações, presentes no subconsciente do sujeito, levaram uma vida para serem constituídas e permanecem conservadas subliminarmente. A memória ocupa, então, em primeira instância analítica, a nossa mente, e seria “o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas” (Bosi, 2023, p.49).

Nesta figuração, a memória é acionada a partir da nossa relação com o ambiente presente, sendo ela ativação do passado que se acumulou em nós e que aflora através da nossa percepção. Já a recordação, aqui, como ato de lembrar e fazer a memória percorrer a percepção, é, ainda, proliferadora de inúmeras possibilidades com as quais a memória pode se relacionar e produzir a depender daqueles que presenciam o fato. Pois é o todo da memória do indivíduo que se faz presente na recordação e que “reflete sobre o objeto um número crescente de

coisas sugeridas, ora detalhes do próprio objeto, ora detalhes concomitantes que possam contribuir para esclarecê-lo” (Bosi, 2023, p.53).

Entretanto, apesar da forma densa e volumosa que é a confluência da memória com a percepção – confluência que é foco dos estudos de Bergson – há, na atualização e permanência dessas memórias, uma limitação. Na medida em que estas lembranças são cada vez mais interiores ao sujeito e menos socializadas, ou seja, menos correlatas às interações corporais do sujeito com o mundo e com a sociedade, menos elas permanecem na consciência. Há, conforme ressalta Bosi (2023) a respeito de Bergson, portanto, uma importante diferenciação entre o inconsciente e o consciente e a relação que cada um estabelece no registro e armazenamento do passado. Enquanto no inconsciente o passado permanece em estado latente e acumulado, no consciente ele depende do chamamento do presente principalmente em correlação com o social. Mas, em ambos os casos, a memória é reduto do passado e a lembrança a sobrevivência deste (Bosi, 2023).

Se lembrar do passado estabelece sua permanência e para tal ação a associação com a vida comum é imprescindível, recorreremos então a Halbwachs (1990) que, apesar de ainda brevemente discutir a individualidade da memória “[...] como limite das interferências coletivas” (HALBWACHS, 1990, p.31), desloca a memória do lugar estrito, originado na mente humana, e a dispõe como ocupante e dependente do lugar comum. Para o autor o reconhecimento e a reconstrução, bilateralidade essencial de um acontecimento, só pode partir de noções comuns que tramitam incessantemente entre as lembranças do ‘eu’ do ‘outro’, o que só é possível quando ambos habitam a mesma sociedade⁸.

⁸ Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam

Sem discordar totalmente de Bergson, mas sim reformulando este, Halbwachs associa aquele que lembra, ao objeto da lembrança e ao grupo social que este ocupa. E este sujeito que lembra apenas o faz em relação àquilo que está ligado a ele por algum afeto, em outras palavras, para que lembre ele deve ser afetado pelo fato que lhe ocorreu, permanecendo apenas como um “[...] sentimento de inquietude, de surpresa ou de tristeza que nos acompanhava no momento em que elas feriam nossos olhares” (HALBWACHS, 1990, p.23).

Neste contexto, Michael Pollak (1989) endossa Halbwachs ao apontar as lembranças mais próximas como sendo aquelas de ordem sensorial, acionadas pelos sentidos, mas diverge do autor ao descentralizar a memória coletiva, que para ele “[...] acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória” (POLLAK, 1989, p.4). Partindo de Pollak, há uma oposição entre os grupos minoritários e a sociedade englobante, formulando uma distância entre ‘memória oficial’ (ou, posteriormente, memória nacional) e ‘memórias subterrâneas’. A primeira está constantemente em disputa, à espera de uma mudança política e de uma conseqüente revisão do passado, enquanto a segunda segue contínua, resistindo em silêncio através de suas estruturas de comunicação informal, como nas redes familiares.

A memória nacional, por ser incessantemente reinterpretada em “função dos combates do presente e do futuro” (POLLAK, 1989, p.10) passa por um trabalho de enquadramento em função da manutenção da coesão interna de um grupo que tem como limite sua organização e credibilidade, características intrínsecas à memória oficial. Com seus ‘atores profissionais’ (historiadores, por exemplo) a memória nacional e una se solidifica em pedras e integra culturalmente os indivíduos aos

a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança pode ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS, 1990).

objetos representantes dessa memória, com museus, monumentos, bibliotecas, criando uma consciência coletiva da memória a partir da instituição imaginária de nação. Neste ínterim, as memórias subterrâneas sem vez se resguardam no silêncio, gerindo e sorrateiramente continuando o passado no presente em seus núcleos familiares. E, nesta distinção, Pollak nos esclarece e reafirma a dependência da identidade individual para com a identidade do grupo e como a narração e/ou o silêncio definem o local social do sujeito e suas relações com o ambiente, localizando suas memórias em oficiais ou subterrâneas, através dos acontecimentos que “[...] balizaram a existência de cada sujeito” (POLLAK, 1989, p.13).

Mantidas nos pequenos núcleos de circulação, as memórias subterrâneas, sem grande suportes ou discursos orquestrados, vão, ao longo do tempo, perdendo seus lugares: as mentes e corpos que as repercutiam; recaindo ao esquecimento. E aqui se faz necessário pontuar os diferentes tipos de esquecimento, pois há sim na memória uma dependência para com o esquecer, onde apesar dos resquícios não se deixarem apagar, ainda assim restam “muitas coisas que não se quer resgatar, ou que não se pode resgatar” (ASSMANN, 2011, p.27). A falta da lembrança é, portanto, de certa forma, estrutural para o lembrar, pois:

[...] a partir de um determinado presente ilumina-se um determinado recorte do passado de modo que ele descortina um determinado horizonte futuro. O que se seleciona para a recordação sempre está delineado por contornos de esquecimento. [...] da mesma forma que se escurece o restante de um cômodo quando se leva uma vela até o canto desse mesmo cômodo. (ASSMANN, 2011, p.437)

Ainda assim, o esquecimento que se arranja partindo de uma memória nacional una, credibilizada, ordenada e opressora se difere deste outro por ser tácito e intencional. O esquecimento citado por Aleida Assmann é uma operação natural da memória; já o outro tipo de esquecimento, promovido pelos mecanismos da memória nacional, é intencional e busca estabelecer o controle sobre a narrativa e

a história. Ao retorcer a operação da memória, fortalece-se uma “historicidade arrasadora” que substitui a experiência histórica viva – aquela que contém esquecimentos inatos, sem a interferência de grupos dominantes. Nesse processo, a memória é mecanizada, traduzida pela pesquisa histórica científica e depurada (NORA *apud* ASSMANN, 2011), ao se prender no “real-acontecido” (NAPOLITANO, 2018, p. 208) como seu lastro e objeto. Dessa maneira perde-se o que há de mais rico na construção da história: sua relação indissociável e irreparável com a memória viva, ou seja, aquela sem dominação, latente no inconsciente.

Ao pôr em análise o problema da verdade na história, do real-acontecido a ser relatado e emoldurado nos autos, observou-se que se trata de uma questão indistinta, ou seja, de difícil ou até mesmo impossível apreensão, pois a imagem do passado “tal como foi” é essencialmente irrecuperável (BENJAMIN, 2023, p.11). A verdade do então real-acontecido escapa a todos, tornando a análise objetiva do passado pretensiosa e recaindo, por vezes, no risco de se galgar a já citada história oficial.

O problema do papel daquele que narra a história se faz fundamental em uma conjuntura onde a história nacional se utiliza deste como balizador das suas reinterpretações constantes. Então “a única saída para o historiador [que deseja subverter e tratar da memória viva da história] seria aderir à guinada subjetiva e à deriva da história como ciência da linguagem?” (NAPOLITANO, 2018, p.206). Walter Benjamin, em alguns de seus desenvolvimentos, nos encaminha nesta razão ao apontar que apesar do limite fatal da reconstrução do passado – sua irrecuperabilidade (Bosi, 2023) –, e ao escovar a história a contrapelo, o historiador deve, como um cronista, não distinguir entre grandes e pequenos acontecimentos, fazendo jus à verdade na medida em que nada do que uma vez aconteceu seja dado como perdido (BENJAMIN, 2023). O principal elo entre memória e história que aqui traça Benjamin é, pois, aquele que constrói a história, conta a história e, portanto, narra a mesma, necessitando dos desdobramentos da linguagem para exercer seu

papel. Da fala à escrita, do vivido ao formulado, do visto ao traduzido e da transmissão à citação, Hannah Arendt (2008, p.220) em seu capítulo sobre Benjamin em *Homens em tempos sombrios* considera “[...] a linguagem como o único baluarte por trás do qual se esconde o passado [...]”.

Para Arendt e Benjamin, o passado citável possui uma “força transcendente” que “concentra em si o que é apresentado” (ARENDR, 2008, p.209) e, em uma pós-modernidade em que se rompeu a continuidade, nomear o passado, ou seja, citá-lo, antes mesmo que falar, traz a verdade à luz, sendo a única forma possível de lidar com este em tempos sombrios (ARENDR, 2008, p.220). O historiador seria, assim, então

Como um pescador de pérolas que desce ao fundo do mar, não para escavá-lo e trazê-lo à luz, mas para extrair o rico e o estranho, as pérolas e o coral das profundezas, e trazê-los à superfície, esse pensar sonda as profundezas do passado – mas não para ressuscitá-lo tal como era e contribuir para a renovação das eras extintas. O que guia esse pensar é a convicção de que, embora o vivo esteja sujeito à ruína do tempo, o processo de decadência é ao mesmo tempo um processo de cristalização, que nas profundezas do mar, onde afunda e se dissolve aquilo que outrora era vivo, algumas coisas ‘sofrem uma transformação marinha’ e sobrevivem em novas formas e contornos cristalizados que se mantêm imunes aos elementos, como se apenas esperassem o pescador de pérolas que um dia descerá até elas e trará ao mundo dos vivos [...] (ARENDR, 2008, p.222)

É também de suma importância ressaltar a ação do pescador como uma ação do pensamento, fazendo da citação do passado uma “coisa do pensamento” de natureza linguística que é, dessa forma, capaz de reter sua melhor significação (ARENDR, 2008, p.219). Para Arendt (2022) o dom do ‘pensar poeticamente’, em união com suas análises em *Entre o Passado e o Futuro*, qualificaria o historiador-pescador como aquele que traduz ação e fala (*práxis* e *léxis*) em palavra escrita (*poíesis*) para que as coisas – no caso, as pérolas e corais do fundo do mar – perdurem na recordação. A memória viva como um dos mais importantes modos do pensamento gera, assim, a conexão essencial entre o memorialista e o

historiador, podendo estes serem a mesma pessoa. A citação do passado, ação que se dá através do pensamento poético do e pelo historiador-pescador, é então, justamente, o lembrar.

E podemos ir além, ainda em Benjamin, reiterando que aquele que pensa/lembra/narra, pensa/lembra/narra agora, projetando no passado suas intenções presentes: “A história é objeto de uma construção cujo lugar é constituído não por um tempo vazio e homogêneo [o tempo do progresso], mas por um tempo preenchido pelo Agora (*Jetztzeit*)” (BENJAMIN, 2023, p.18). As pérolas são agora trazidas para a superfície do mundo dos vivos, nos localizando no tempo social a memória e esta como fenômeno social presente. Em outras palavras, aquele que pensa/lembra/narra agora possui em seu entorno o tempo presente em que executa tais ações, tempo este recortado nos moldes sociais aos quais pertence aquele sujeito. Vemos, pois, aqui, o citar o passado, ou seja, o lembrar, que, carregando por essência o tempo social do sujeito que o faz, tem como principal instrumento a linguagem, fazendo desta o instrumento socializador e ordenador da memória (Bosi, 2023), e por conseguinte, da construção da História.

Deve haver, então, uma relação íntima entre o historiador e o memorialista, na qual a estruturação da ‘História Oficial’ nunca foi e nunca será capaz de aceitar que é mediada através da linguagem e constituída pela memória, não sem ressaltar: “sempre ‘fica’ o que significa” (Bosi, 2023, p.69) para ambos. Jamais por incompetência de um ou por restrições cognitivas de outro, “senão da impossibilidade, de reviver o passado tal e qual; impossibilidade que todo sujeito que lembra tem em comum com o historiador” (Bosi, 2023, p.61), pela presença inata do esquecimento na memória viva. No prefácio ao livro de Bosi, João Alexandre Barbosa, muito bem nos lembra: “Narrar é também sofrer quando aquele que registra a narrativa não opera a ruptura entre sujeito e objeto” (BARBOSA, 2023, p.15). Assim, sendo o objeto a *práxis* e *léxis* (fala) e seu porvir em *poíesis* (escrita) a ruptura é indistinta e o sofrimento daquele que narra é fatal.

Reiterando, então, a questão do professor Marcos Napolitano (2018): estaria a História, fadada às incertezas e subjetividades da narração, fazendo esta, portanto, insuficiente em seu papel constitutivo do conhecimento, frente à construção ordenada e racional da História oficial? Novamente através de Benjamin, o vendaval do progresso talvez não nos permita adentrar as ruínas do tempo, fazendo do passado, e das lembranças, apenas ruínas de onde o anjo da História⁹ é imparavelmente arrastado ao futuro.

E há neste tempo do progresso (vazio e homogêneo), uma inversão de prioridades na tentativa de hierarquizar história e memória. *Mnemosyne*, titânide primordial grega da memória, filha de *Gaia* (a terra) e *Urano* (o céu) têm, como uma de suas nove filhas a musa da história, *Clio*. Logo, se tomarmos a milenar e mitologia grega, como um entre demais parâmetros, não há uma invasão da memória viva ao campo da História – como se esta última antecedesse a primeira – nas últimas décadas do século XX (NAPOLITANO, 2018). Por este caminho, a memória é anterior à História e imprescindível a esta, enquanto que, como já demonstrado, a memória estava sob silenciamento. De forma metalinguística, temos para o termo 'História' em grego *aphégema* (fábula), *aphegematikós* (narrativa) e *anagéomai* (relato),

⁹ Há um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus* que representa um anjo que parece preparar-se para se afastar de qualquer coisa que olha fixamente. Tem olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Voltou o rosto para o passado. A cadeia de fatos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhas lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já não as consegue fechar. Esse vendaval arrasta-o imparavelmente para o futuro, a que ele volta as costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até o céu. Aquilo a que chamamos progresso é este vendaval. (BENJAMIN, 2023, p.14)

enquanto em latim substantivo *historito* (narrativa de eventos passados, história)¹⁰, esclarecendo a História enquanto veículo.

O silenciamento e o esquecimento da memória viva por uma ciência da história embaça a real compreensão de que a primeira é que é concreta, enquanto a segunda é relativa por depender de quem e como se escolhe escrevê-la.

A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo [...] A memória é sempre suspeita para a história, cuja verdadeira missão é destruí-la e a repelir. A história é deslegitimação do passado vivo (NORA, 1993, p.9).

O produto final do historiador, a narrativa, pode ser subjetivo, mas sua fonte alicerçada na memória viva é concisa, validando o seu uso e fazendo da memória História, que se alicerça nessa memória suficiente na construção do conhecimento, não se propondo a ser absoluta, como a história oficial. "Caberia ao historiador, então, buscar equações teóricas que, mais do que conduzir a respostas inequívocas sobre o passado, orientem a formulação de novas perguntas [...]" (NAPOLITANO, 2018, p.217); para tal, precisamos então, compreender as ruínas no tempo sem prescindir ou objetificar a memória, mas, antes, partindo desta.

Os lugares onde repousam essa memória são, então, meios para esta narração e antes de tudo 'restos' (NORA, 1993, p.12) que só existem e são necessários na desnaturalização da memória contínua e de uma tradição do lembrar, mas que não deixam simbolizar vidas de outra era. Partindo disso, Pierre Nora (1993) declara que não mais existe um homem-memória que carrega consigo lembranças e materializa em seus gestos presentes o passado, mas sim lugares de

¹⁰ Todas as palavras foram verificadas a partir do site *Perseus*, disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/>, acesso em: 14 jun. 2025.

memória, sendo estes materiais, simbólicos e funcionais ao mesmo tempo¹¹. E é partindo agora desta compreensão de lugares de memória que podemos então analisá-los e destrinchá-los ainda em Nora entre aqueles dominantes que são frios, impostos, solenes e impostos por um grupo; e os dominados, que se apresentam como “santuário das fidelidades espontâneas” através do silêncio e do refúgio (NORA, 1993, p.26).

Os lugares dominados são, assim, para Nora as estruturas de comunicação informal das quais falava Pollak. Já em Aleida Assmann, adiciona-se outra problemática, a memória só é lembrada através de um conjunto de outros meios, tendo o corpo como lugar e principal orientador desta numa reanimação ativa onde “[...] tanto o lugar reativa a recordação quanto a recordação reativa o lugar” (ASSMANN, 2011, p.25). Retornando, de maneira similar, mas com entradas e variações, à noção inicial ‘perceptivista’ de Bergson, questiona-se: a memória viva estaria então latente em nosso inconsciente, que por sua vez é construído socialmente, no aguardo de uma reanimação acionada pela percepção de um lugar onde ela assenta na matéria?

A memória ocupa tantos lugares quanto as unidades que compõem a sociedade em que esta existe (POLLAK, 1989) e não deve ser monopólio de disciplina alguma (ASSMANN, 2011). Independentemente, a memória viva é imprescindível para o pescador de pérolas que tem como primeira incumbência, no registro das memórias subterrâneas, escutá-las em seus silêncios. “[...] Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta”

¹¹ são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. (NORA, 1993, p.21)

(POLLAK, 1989, p.6) e abrir espaço de acolhimento dessa angústia causada pelo silêncio.

Para Bosi (2023, p.72), “a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É sua memória”. Assim, para que a narrativa complete sua função de fazer durar a memória em forma de lembrança, precisa encontrar assento na escuta. Entendendo a velhice humana que Ecléa Bosi tão bem nos retrata, como um comparativo à decadência da continuidade da memória viva como um todo da sociedade, negar-se a escutá-la é o mesmo que “banimento ou discriminação” (Bosi, 2023, p.81), é relegá-la ao esquecimento intencional não àquele inato e estrutural característico do lembrar. O que leva ao questionamento: “como deveria ser uma sociedade para que, na velhice, o homem permaneça um homem? A resposta é radical para Simone de Beauvoir: ‘Seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como homem’” (Bosi, 2023, p.83). Assim, ainda na comparação entre a velhice e a decadência da memória, ela deveria sempre ter sido escutada.

A CIDADE

A feira do Setor Pedro Ludovico se desenvolve na cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás. A escuta à feira, passa então, pela atenção às camadas históricas que envolvem o passado e o presente do cultivo de sua memória e de sua espacialidade. Para tal, usaremos com principal fonte de pesquisa a dissertação *Goiânia, a ‘cidade desplanejada’ do Oeste*, de Leandro Davi Guimarães (2019) que traz uma perspectiva precisa, não apenas da formação da capital, mas do período de nascimento da feira – entre as décadas de 1950 e 1980 – e uma parcela relevante da perspectiva do topógrafo que desenha o bairro em sua volta – Ewald Janssen.

A Capitania de *Goyaz*, teve sua extensão territorial amplamente reduzida até o que podemos encontrar nos dias atuais como os limites do estado. As terras antes pertencentes à capitania de São Paulo – desmembradas no século XVIII – chegaram a formar o quarto maior estado do Brasil em extensão, antes de perder áreas para o Triângulo Mineiro, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, além da formação do estado do Tocantins e do Distrito Federal. Tais recortes acentuam a centralidade do estado no país e o colocam em uma situação insular, à deriva dos pólos de produção concentrados no litoral (GUIMARÃES, 2019).

Para Oliveira Viana (*apud* GUIMARÃES, 2019) sociólogo, jurista, historiador e professor influente nos anos 1930 não haveria possibilidade de sustentação de um senso de nação sem que houvesse a integração das regiões que seguiam isoladas. Ainda para este, havia necessidade da consolidação de uma solidariedade moral e de um espírito corporativo que alavancasse a integração não apenas territorial, mas também racial, moral, cultural e política do Brasil, e é sobre tais preceitos (e outros mais) que o então presidente Getúlio Vargas consolidou a Marcha para o Oeste, ação sumária para a existência da cidade de Goiânia (COELHO, 2010, p.107).

Para compreendermos a efetivação dessa tão importante ação da Era Vargas é necessária a identificação de dois mecanismos que possibilitaram tal movimentação: a construção nacionalista do cidadão brasileiro – e, no caso, cidadão goiano – e o cientificismo e o positivismo como guias do discurso e da aprovação política no país. É importante notar que estas bases se fortalecem em um discurso hermético, pois “o argumento em favor da ciência se torna eficiente através da universalidade” (GUIMARÃES, 2019, p.7). Ou seja, ao produzir uma generalização do ser brasileiro que padroniza suas complexidades e desdobramentos, a ciência e seus métodos passam então a ser imprescindíveis, para guiar esse cidadão brasileiro universal rumo ao desenvolvimento. Destaca-se que isto se dá pela ambivalência desta mesma ciência que definiu, junto ao conceito

pétreo de cidadão, suas dificuldades e necessidades, e, acima de tudo, por ser detentora da capacidade metodológica para executar as soluções.

A 'ciência guia' então é encarnada pelo técnico – o político, o intelectual, o professor, o arquiteto, o urbanista, o engenheiro, o topógrafo –, que na teoria define o brasileiro e, na prática, soluciona seus problemas dentro de métodos físico-territoriais. Em nosso caso específico, a definição do povo goiano nasce da negação da antiga capital Cidade de Goiás – e o que ela, em tese, representava –, devidamente amparada pelo discurso técnico-científico, somada à construção ideológica da moderna capital Goiânia.

É nesta nova visão de ocupação e modernização do interior que ocorre a transformação do Cerrado de Bioma para Território, 'o lugar dos tempos lentos, dos solos pobres e improdutivos e das vegetações deformadas e feias tornou-se um lugar profícuo e estratégico para implantar o novo ideário e 'modelo' de nação' (Pelá, 2014, p.30). Esse modelo de nação é calcado na concepção de cidade como espaço necessário para desbancar os velhos modelos (Guimarães, 2019, p.11).

E assim, vemos o nascimento de uma capital já imbuída dos preceitos modernos neste trabalho já descritos, onde o progresso sem limites utiliza-se do discurso moderno como instrumento e estratégia para a pavimentação da história (GUIMARÃES, 2019, p. 12) não só política, mas também na edificação material do espaço, especialmente da nova capital do estado de Goiás: Goiânia. Podemos então, especificar os dois tempos deste panorama que se entrelaçam: um caracterizado pela relação entre a construção espacial e a construção ideológica da cidade, e o outro, identificável através da construção da figura do técnico frente à sua real atuação na proposição, planejamento e execução física dos projetos urbanos.

A construção ideológica de Goiânia se propunha em um território já existente e consolidado. Com o discurso em defesa da mudança da antiga capital por meio do médico e interventor de Getúlio Vargas, Pedro Ludovico Teixeira, como uma

figura institucional constituída, intenta-se minar as oligarquias familiares e a construção genealógica do estado usando soluções ideais e técnicas que materializaram em nomes como: os urbanistas Armando de Godói e Atílio Corrêa Lima, os engenheiros Jerônimo e Abelardo Coimbra Bueno e, o engenheiro e topógrafo Ewald Janssen. Na busca de uma narrativa civilizatória do cerrado, Vargas e Ludovico constroem ideologicamente um estado que já existia, a seus modos, e são bem sucedidos até, pelo menos, a década de 1940 (GUIMARÃES, 2009).

Tal período, entre as décadas de 1930-1940, é, justamente, o mais robusto em disponibilidade de dados na historiografia goianiense. A narrativa histórico-memorialista de Goiânia, oriunda desse período, se encarrega até os dias atuais, de elevar a então nova roupagem moderna do cidadão goiano e registrar o intenso protagonismo do poder público no planejamento da cidade, na sua construção física, e na elaboração e promulgação de leis, decretos e normativas. A data de 24 de outubro de 1933 ¹² marca o início das obras com o lançamento da pedra fundamental, e no ano seguinte Pedro Ludovico cria o Departamento de Propaganda e Vendas de Terras através do Decreto nº 4.941, de 1º de setembro de 1934. Com este instrumento são fixados valores dos lotes, impulsionando e possibilitando venda de terrenos que sequer existiam, uma vez que o Plano Diretor só seria entregue em janeiro do ano seguinte, 1935.

O investimento e a aquisição de empréstimos para a divulgação das terras goianienses trazem retorno e toda a necessidade de recuperação de fundos recai sobre o mercado imobiliário. A intensa demanda por mão de obra fez assentar nas imediações do centro em construção, moradias não previstas no sonho moderno. Assim, enquanto crescia a cidade ideal de Pedro Ludovico e Getúlio Vargas, ao seu

¹² "Vale ressaltar que a data escolhida para celebrar o aniversário de Goiânia é uma homenagem a 'Revolução de 30'; 24 de outubro é o dia da deposição do Presidente da República Washington Luís, marcando o final da Primeira República e o início da denominada Era Vargas." (GUIMARÃES, 2019, p.4)

redor se desenvolvia a cidade real, o que justificou a realização do Cadastro Suburbano de Goiânia juntamente ao Código de Edificações de Goiânia em 1947. Entre outras coisas, este último

[...] autorizou a criação de novos bairros e loteamentos pela iniciativa privada, retirando do Estado a exclusividade do comércio imobiliário e reduzindo o seu controle no planejamento urbano. Esse código, efetivado pelo governo de Jerônimo Coimbra Bueno (1947-1950), no intervalo entre dois períodos de governo de Pedro Ludovico, atendia interesses particulares daqueles que possuíam ou adquiriram terras no entorno da cidade e aguardaram o momento de explorar a rentabilidade destes investimentos (GUIMARÃES, 2019, p.26-27).

Tais instrumentos marcam, juridicamente e administrativamente, o nascimento de intensas disputas entre interesses privados, populares e públicos. Goiânia experimenta nas décadas seguintes um aumento demográfico exponencial e é neste cenário que temos uma atuação consistente de Ewald Janssen, enquanto funcionário público, e também como contratado na rede imobiliária privada.

Diplomado na Escola Estadual de Oldenburg, na Alemanha, com especialização em Tecnologias da Medição, Janssen se conecta à construção de Goiânia por meio de um conterrâneo que já era contratado da Construtora Coimbra Bueno & Cia Ltda.. Assim, recebe o convite do então governador Jerônimo Coimbra Bueno em 1948, quando ainda residia no exterior e, a partir de 1951, passa atuar efetivamente como funcionário público no Departamento de Viação e Obras Públicas (DVOP), sob governança de Pedro Ludovico Teixeira em seu segundo mandato.

Seu papel foi costurar uma cidade em retalhos (GUIMARÃES, 2019), desconexa em espaço e em ideias, com um centro urbano construído, com periferias em intenso desenvolvimento e um mercado imobiliário desejoso de ver o retorno de seus dividendos. A intensa atuação do topógrafo incide, assim, em quase toda a

malha urbana da cidade, seja em regulamentações, planos ou 'correções' em terras públicas e privadas. Dentre suas criações para as áreas é possível citar:

Setores: Sul, Oeste, Aeroporto, Pedro Ludovico, Marista, Leste Universitário, Vila Nova, dentre outros. Além desses, as áreas pertencentes a proprietários particulares, a lista se estende aos Setores: Bueno, Parque Amazônia, Novo Mundo, Vila Morais, Água Branca, Vila União, Jardim Petrópolis, Bairro Feliz, Jardim Planalto, Jardim Europa, Parque Oeste Industrial, Jardim Guanabara, Jardim Helvécia, Jardim Pompéia, dentre outros (GUIMARÃES, 2019, p.2)

O Setor Pedro Ludovico – antiga área da fazenda 'Macambira', presente no Cadastro Suburbano de Goiânia (GUIMARÃES, 2019) – é um dos bairros sobre o qual mais se debruça Janssen, não sem resistência dos moradores à sua regularização. O próprio Janssen relata a diária atuação dos moradores que insistiam em desfazer, durante a noite, o loteamento realizado ao longo do dia (Figura 8), indicando certa resistência dos então moradores. Mas, apesar do grande preciosismo nos desenhos de Janssen – visível a partir das repartições em paróquias¹³ (Figura 9), da enumeração das denominadas "invasões" (Figura 10), de uma setorização em usos que englobava também, entre outras coisas uma vida cultural, com a previsão de um cinema próximo à praça central (Figura 6) –, o enfrentamento da população residente nas áreas designadas ao parcelamento e regularização fundiários dura mais de quatro décadas.

¹³ Janssen, ao projetar o setor Pedro Ludovico, subdivide seus desenhos em paróquias: Paróquia do Areião, Paróquia do Botafogo, Paróquia do Estádio, Paróquia Jardim Zoológico, Paróquia Jardim Botânico e Bairro Bela Vista, como parte do Setor. Apesar de não ser uma subdivisão territorial oficial, é uma nomeação relativa à igreja católica que denomina área controlada por um pároco. A Paróquia de Santo Antônio presente na Avenida Circular tem sua fundação em 1957 (Arquidiocese de Goiânia).

Exmo. Snr.

DR. EURICO CALIXTO DE GODOI

DD.SECRETARIO DE ESTADO DE VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS

N E S T A

Senhor Secretário,

Dada às dificuldades encontradas na demarcação da parte invadida do "Setor Pedro Ludovico", por parte dos moradores que se opõem, de todos os modos a que sejam furadas as paredes de suas residências para fins de visada, bem como o fato de virem sistematicamente arrancando os piquetes colocados, obrigando-nos a refazer grande parte dos serviços, vimos a presença de V.Excia., solicitar um reajustamento dos preços de demarcação daqueles lotes, por nós contratados.

Entretanto achamos mais viável em vez do reajustamento - pretendido, sermos recompensados aos trabalhos que tivermos de refazer, - permitindo V.Excia., seja entregue a demarcação do "Setor Pedro Ludovico" apenas com os marcos dos eixos das ruas e cantos de quadras daquela parte invadida, que totaliza 1.341 lotes.

A demarcação dos demais lotes num total de 7.243 unidades, inclusive as áreas públicas, já se acha em vias de conclusão, esperando que V.Excia., ^{autorize} o que ora solicitamos para a entrada da respectiva fatura. ^{aprovação}

Os lotes da parte invadida seriam demarcados facilmente pelos topógrafos desta Secretaria, uma vez que já se encontram demarcados os cantos das quadras, à proporção que os seus proprietários forem requerendo.

Figura 8 — Correspondência de Ewald Janssen, endereçada ao secretário do DVOP, esclarecendo acerca das dificuldades com os ocupantes do Pedro Ludovico

Fonte: GUIMARÃES, 2019, p.71

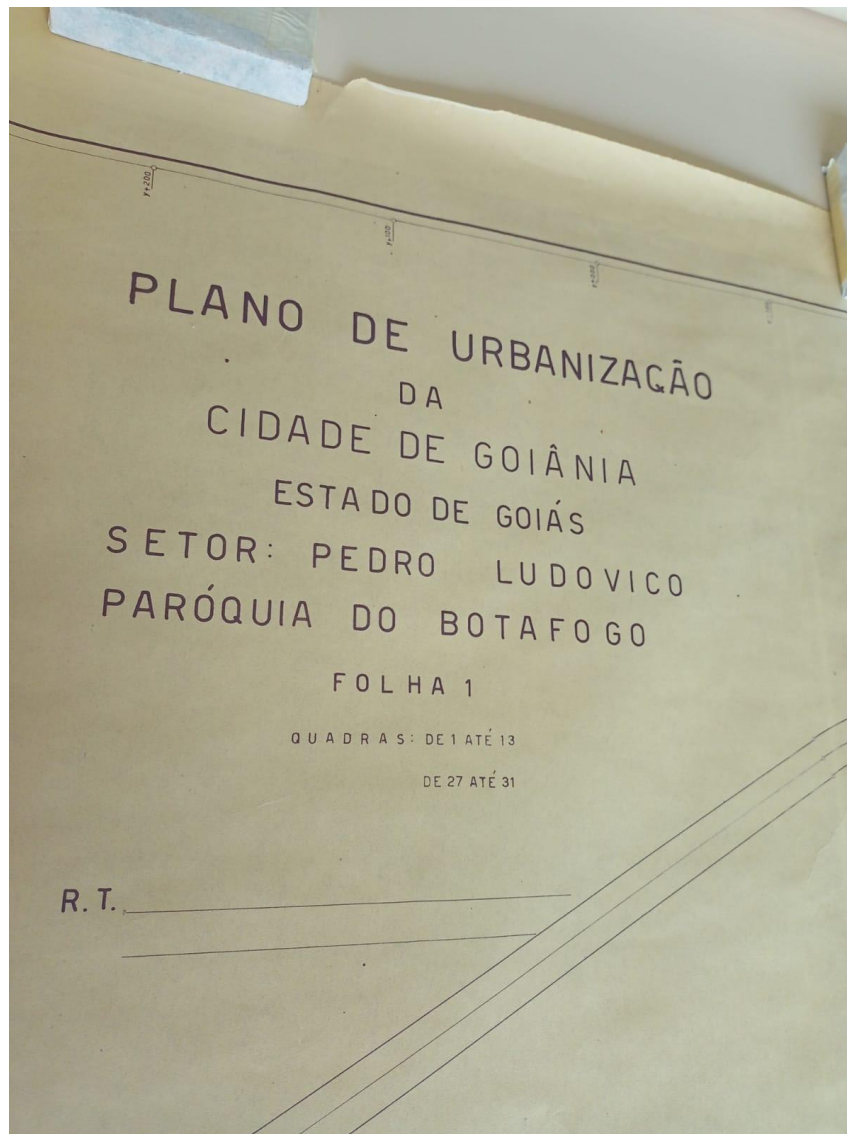


Figura 9 — Exemplo de uma das folhas de desenho técnico setorizado por Paróquias que compunham o Plano de Urbanização de Janssen

Fonte: Acervo Janssen, Museu Antropológico da UFG.

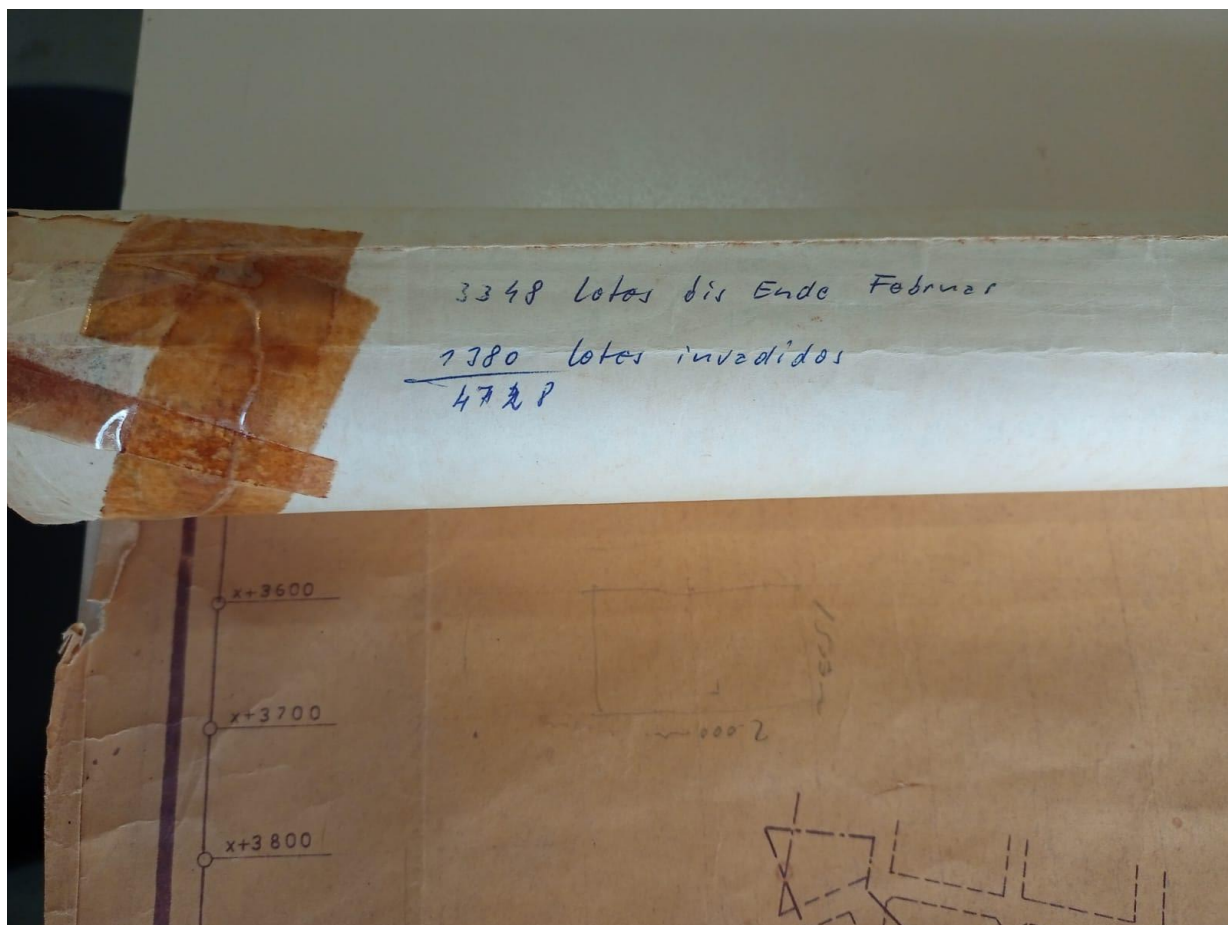


Figura 10 — Anotação de Janssen em verso de desenho indicando a contabilização de 'lotes invadidos'
Fonte: Acervo Janssen, Museu Antropológico da UFG.

O Plano de Urbanização de Janssen data da década de 1960 (Figura 11), período a partir do qual, podemos encontrar publicações de jornais relatando as constantes investidas do poder público para a retirada de moradores de algumas porções do Setor, a derrubada de barracões e a busca por infraestruturas por parte dos residentes. Tais registros podem ser encontrados ainda na década de 1980; sendo possível identificar moradias sem regularização mesmo na década de 2000 (Figuras de 12 a 20).

Se a cidade de Goiânia nasce da 'necessidade' de modernização e encontra na especulação imobiliária, facilitada pelo poder público, a viabilidade econômica para a materialização do discurso do progresso, negando a vida que lá já se consolidava, não é diferente para o Setor Pedro Ludovico. Em diálogo com antigos moradores das porções regularizadas do bairro foi possível identificar a razão pela qual vieram morar em uma 'área suburbana de Goiânia', a promessa do progresso.

P: Mas, o que que deu na senhora para vir morar em um apartamento perto de uma "invasão"?

Dona I: E eu tinha um namorado que me informou que estava formando esse bairro aqui. Como eu morava lá na rua 68 [Setor Central], lá perto da rodoviária, então vir pra cá era melhorar de vida. Entendeu?

P: Era uma novidade, uma modernidade?

Dona I: Era um progresso. O progresso foi a motivação.

Dá-se que, a integração da cidade real à cidade ideal não se sustenta apenas com Planos de Urbanização e regularizações e, à medida que se 'corrige' o Setor e o conecta ao centro da capital, a paisagem urbana muda, mas a memória das disputas persiste. Como na década de 1980 se podiam ver as ocupações coladas aos novos edifícios, hoje podemos ver a feira livre, que remonta à década de 1960, em contato direto ao Mercado Municipal.

Seu E.: Eu já ficava incomodado com a situação do nosso entorno aqui. Quando eu mudei pra cá, você precisava ver. Em volta aqui, era tudo cheio de barracão. Barracãozinho muito simples, construções simples. Pessoal que morava aqui eram todos de poder aquisitivo muito básico.

P: O quão próximo eram os barracos daqui do prédio?

Seu E: [elas] faziam divisa de muro.

Se os antigos edifícios e o Parque Areião são testemunhas e peças no avanço do progresso, a feira livre do Setor Pedro Ludovico é também, além de testemunha, ponto de resistência de um povo que aqui no bairro não mais reside. A feira reconstrói um fazer popular anterior aos planos de Janssen e vive, ao longo dos anos, mas não sem afetação, a chegada do progresso.



Figura 11 — Detalhe de carimbo de Planta de Urbanização do Setor Pedro Ludovico, Paróquia do Botafogo

Fonte: Acervo Janssen, Museu Antropológico da UFG.

Setor Pedro Ludovico
Invasão do Areião
Prolongamento de AV-136

SEPLAM - Biblioteca
Artigo n.º 850
Jornal: O Povo
29.1.80, 1980.

Invasão do Areião: Prefeitura promete solucionar cada caso

Os moradores da invasão denominada Areião localizada no início da rua 115, no Jardim Goiás e por onde deverá passar a avenida 136, que a Prefeitura está abrindo naquele setor, confessam-se tranquilos quanto à solução que a Prefeitura prometeu para retirá-los daquele local.

Em janeiro, quando as máquinas da Prefeitura iniciaram os trabalhos de aterramento, para a abertura da avenida 136 de pista dupla e que ligará o Setor Sul ao futuro Shopping Center, os moradores daquela invasão ficaram apreensivos, mas tudo parece que terá um fim sem problemas.

O coletor de lixo da Comurg, Luiz Antonio de Amorim, que reside naquela invasão há quatro anos, pai de dois filhos, afirmou que "acredita que a Prefeitura conseguirá um local para as 100 famílias que ali vivem serem transferidas".

Também a senhora Luzia Cândida de Souza, mãe de nove filhos, que mora num barraco com um quarto e cozinha, mostrou-se tranquila. Segundo ela "foi realizada uma reunião, na qual, pessoas da Prefeitura prometeram que enquanto não agilizarem os desabrigoados da invasão, não voltariam a mexer com os moradores do local".

Maria Antônia dos Santos, mãe de três filhos e moradora na invasão há três anos, alega que recebeu uma intimação, no ano passado, para arrancar o barraco e abandonar o local. Ela não tem a mínima ideia do que irá acontecer, mas acredita que o prefeito Indio do Brasil resolverá o problema, já que os moradores do local não têm condições de comprar casa.

A maior parte dos moradores da invasão são serventes de pedreiros, ou vivem de pequenos afazeres com renda insignificante. No local existe, inclusive uma venda, situada em posição que dificulta a continuação da avenida. Seu proprietário José Ferreira Santos, pai de cinco filhos, afirmou que "já veio pedir da Prefeitura e aconselhou que ninguém deve sair dos barracos sem que a Prefeitura encontre uma solução".

Todos os moradores da invasão afirmam que a Prefeitura pretende construir um conjunto e vender as casas aos moradores do Areião em prestações que todos terão condições de pagar.

Wilma Rocha, cujo marido é pedreiro disse estar achando ruim ter que sair do local, pois já mora ali há mais de dois anos. Valmerina Pereira de Brito, com cinco filhos, marido pedreiro, não está preocupada. "Nos participamos de uma reunião realizada na creche Lar São Francisco, aqui mesmo na invasão, quando o pessoal da Prefeitura nos informou que será construído um conjunto cujas casas nós compraremos à prestação, de acordo com os salários de nossos maridos".



Na invasão do Areião, cerca de 100 famílias vivem em condições precárias. Por aqui deve passar a avenida 136, mas a Prefeitura promete uma solução para o problema.

Figura 12 — Invasão do Areião: Prefeitura promete solucionar o caso. Jornal Opção, 29 abr.1980
Fonte: Biblioteca SEPLAM



SEPLAM - Biblioteca

SEPLAM - Biblioteca
Artigo n.º 917
Título: Protesto das mulheres
01. / 06. / 1980.

70

Figura 13 — Areião: Protesto vai às ruas. Diário da Manhã, 07 jun. 1980

Fonte: Biblioteca SEPLAM

Setor Pedro Ludovico
(despejo no Areião)
Invasões

SEPLAM - Biblioteca

SEPLAM - Biblioteca
Artigo 937
Jornal Diário da Manhã
30 / 08 / 1980

Novas ameaças de despejo no Areião

Sônia Maria Montel de Souza, invasora do Areião, no Setor Pedro Ludovico, não sabe onde vai morar daqui alguns dias. O seu barraco ocupa uma área ao lado da via que deverá ser transformada na continuidade da avenida 136, que liga o Setor Sul à BR-153. Segundo ela, técnicos da Prefeitura estiveram no local, sexta-feira última e disseram que até o final desta semana ela deverá desmontar o barraco, porque está no meio da rua. Diante de sua preocupação quanto ao destino da família, esses funcionários indicaram uma outra área, desocupada, no Jardim Goiás e ela começou, junto com uma vizinha, o preparo do terreno, mas um cidadão desconhecido apareceu e embargou o serviço, alegando ser o dono da terra.

Isso contrariou notícias veiculada recentemente no boletim da Assessoria de Imprensa da Prefeitura, prometendo a cada invasor do Areião uma área onde ele possa morar. Sônia Maria admite que seu barraco está fora de nível, dentro da invasão, atrapalhando realmente a passagem da nova avenida. O que ela não entende é a urgência com que foi pedida a sua retirada, sem qualquer providência para abrigá-la em outro local.

Ela disse também que os mesmos técnicos a aconselharam a chegar o barraco mais para o interior da área de invasão, onde há bastante espaço. Mas um homem que ocupa o lugar não concordou em que se seja feito, porque há muitos anos já demarcou sua parte cercand-a com fios de arame farpado. Outros problemas iguais a esse são encontrados na invasão do Areião, que já conta uns 30 anos de existência — segundo disseram moradores — e tem um número aproximado de mil barracos.

Há, por exemplo, uma chácara formada no terreno invadido, plantada com milho feijão e legumes, onde um trabalhador contratado pela proprietária dá os seus serviços no cuidado com as plantas. A dona da chácara é Diondina Ribeiro e já possui uma planta da área, com projeto para construção de mais alguns barracos. Explica que não permitirá que outros invasores entrem para o terreno, que também é cercado, porque ela toma conta de cinco "crianças alheias" e do quintal tira a verdura para o sustento seu e da família. Diondina disse também já haver criado outras seis crianças por conta própria, estando todas elas, hoje, encaminhadas na vida: umas se casaram e outros estão empregados aqui ou em Brasília.

Na divisa com a chácara, mais acima, há um motel que, segundo Diondina, é construído sobre área invadida também. Mas há outras áreas grandes, e conforme disse Miguel Pereira de Souza, invasor, com casas muito chiques e de gente que tem dinheiro. Ao que parece, é uma invasão cheia de acusações entre os invasores. Uma comissão de reuniões, dirigida por Terezinha Pereira da Silva, também invasora, deu ontem a sua versão.

Ainda a semana passada, segundo Terezinha Pereira, a comissão esteve reunida com Indio Artiga e recebeu dele essa promessa, diante do que estão tranquilos, "porque confiamos nas palavras do prefeito". Eles informaram também que não haverá uma área nova para os invasores, mas que será feita a organização do Areião, afastando os moradores mais próximos da rua para o interior do terreno, onde há muito espaço. Sobre a disposição de ceder parte delas, o presidente da comissão de reuniões garantiu que nenhuma pressão será necessária e que ninguém será prejudicado por falta de lugar, uma vez que a terra é pública, ninguém é dono; logo, não pode segurar.



O barraco de Sônia Montel: à margem da estrada e da favela



Muitas famílias moram na área há mais de 30 anos



De sua chácara, Diondina Ribeiro retira e alimentação para a família



O boteco da vila: modesto, porém bastante movimentado

Figura 14 — Novas ameaças de despejo no Areião. Diário da Manhã, 20 ago. 1980

Fonte: Biblioteca SEPLAM



Como garantir a posse de um terreno? As lições estão na cartilha editada pela Arquidiocese de Goiânia

Cartilha ensina a legalizar invasão

O Secretariado da Pastoral da Arquidiocese de Goiânia começou a distribuir ontem na invasão do Areião, a Cartilha do Posseiro Urbano, de 24 páginas, impressa em off-set, com a finalidade de ensinar aos moradores das invasões os seus direitos que são amparados por dispositivos da legislação brasileira, e como proceder em caso de ameaça de despejo. Todos os moradores de invasões de Goiânia vão receber a cartilha, bastante ilustrada, que em linguagem

de cordel faz os esclarecimentos considerados necessários aos posseiros urbanos.

Dom Fernando explicou que o trabalho foi elaborado por um grupo de agentes pastorais da periferia de Goiânia, assessorado por advogados e elementos do Secretariado da Pastoral. A Cartilha se destina principalmente às famílias que, levadas pela fome ou por outras formas de pressão, deslocam-se do lugar onde moram. **Página 23**

Figura 15 — Cartilha ensina a legalizar invasão. Jornal Opção, 07 set. 1980

Fonte: Biblioteca SEPLAM

Selton Pedro Landovico
Invasões do Areião - 1980

SEPLAM - Biblioteca

SEPLAM - Biblioteca

Artigo n.º 98.6
Jornal Diário da Manhã
17 / 12 / 1980



Índio do Brasil Artiaga explicou que a união das três forças - Estado, Prefeitura e povo - seria com que se concretize o projeto de demarcação dos lotes

Índio visita invasão do Areião e promete a demarcação dos lotes

Em reunião realizada na invasão Areião, o prefeito de Goiânia, Índio Artiaga, apresentou ontem às propostas da Prefeitura aos moradores, para tentar a regularização daquele local. A proposta é de demarcação de lotes com áreas de 253 m², e a venda dos mesmos a um preço acessível aos invasores os moradores vão estudar a proposta, que provavelmente será aceita, e na próxima segunda-feira, juntamente com uma equipe da Prefeitura e mais o prefeito darão início à concretização do projeto.

Durante a reunião, foram discutidos ainda a situação da invasão, que atualmente se encontra sem água encanada e energia elétrica, e a construção de uma escola, uma creche e um centro comunitário. O prefeito, afirmou que vai estudar todos estes problemas e tentar resolvê-los, mas antes trabalhará na concretização do projeto de demarcação dos lotes.

TODOS JUNTOS

O prefeito explicou aos moradores que é preciso que haja a união de todos, "porque sem ela, dificilmente se conseguiria uma solução para esses problemas". Disse ainda que existem certas pessoas que vão à invasão, para tentar convencer os invasores a não aceitar as propostas da Prefeitura, mas que os moradores não deveriam ouvi-las, a não ser que elas tragam propostas concretas, "como a Prefeitura está trazendo".

Índio Artiaga ressaltou também que sem a influência da primeira dama do Estado, Maria Valadão, a Prefeitura não conseguiria apresentar este projeto. "É a união das três forças, Estado, Prefeitura e povo, que vai permitir a concretização do projeto. A influência da primeira dama foi de grande importância", acrescentou.

A Prefeitura de Goiânia, segundo Índio Artiaga, pretende ainda resolver os problemas de várias outras invasões. Em primeiro lugar, Lino Consorte, assessor da Prefeitura, visita a invasão, e estuda as "panelas" - mais viáveis de solução. Depois levá-los ao prefeito, que procura com o apoio do Estado, resolver os problemas.

Esta é a primeira tentativa de regularização de uma invasão, e ela foi muito bem aceita pelos moradores, como explica a presidente da Comissão do Areião, dona Lourdes: "Essa solução foi ótima, apesar da medida do lote ser de 253 m², e a nossa proposta anterior ter sido de 300 m². Mas como explicou o prefeito, se fosse 300 m², não teria lote para todo mundo. Agora é só fazer o centro comunitário, o remodelamento das casas e organizarmos o resto que faltar, para termos mais um bairro formado em Goiânia".

Ela acha que a visita do prefeito à invasão deixou bem claro a demarcação e o remanejamento será feito, "o que nos leva a crer que eles estão querendo nos ajudar". Finalizando, dona Lourdes disse que espera contar com a ajuda de várias entidades e pessoas de Goiânia, que estejam "interessados em ajudar os pobres".

UM BOM PREFEITO

No meio da euforia dos moradores, um deles comentava: "Apesar de tudo que dizem por aí, e das falhas que realmente existem na Prefeitura, Índio do Brasil Artiaga está sendo um bom prefeito para Goiânia. Há muito tempo não se via um que desse tanta atenção ao povo goianiense, e que tentasse realmente fazer com que todos fiquem satisfeitos", ressaltou.

O prefeito após a reunião, tomou café na casa de um dos moradores, e lá explicou que o objetivo da Prefeitura de Goiânia é acabar com as irregularidades e as insatisfações dos goianienses. Sugeriu também aos invasores do Areião que entrassem no esquema do cooperativismo, que representa a "verdadeira confraternização entre os comunitários". Na sua saída o povo do Areião saudou o prefeito com fogos, gritos e palmas.

Figura 16 — Índio visita invasão do Areião e promete a demarcação dos lotes. Diário da Manhã, 17 dez. 1980

Fonte: Biblioteca SEPLAM



Figura 18 — Prédios substituirão barracos da ciclovia. O Popular, 13 abr. 1999
 Fonte: Biblioteca SEPLAM

SETOR PEDRO LUDOVICO

Ainda sem papel passado

QUADRAS INTEIRAS DO BAIRRO TÊM IMÓVEIS SEM ESCRITURA, O QUE IMPEDE RECOLHIMENTO DO IPTU. PREFEITURA DIZ QUE REGULARIZAÇÃO ESTÁ SENDO PROVIDENCIADA

CRISTIANO LEORAS

Parte dos moradores do Setor Pedro Ludovico ainda não realizou o sonho de ter a escritura que comprova a propriedade sobre a própria moradia. Vários imóveis ainda não são escriturados e seus moradores lutam há muito tempo pela regularização. A moradora Isabel Cristina Germano Ribeiro, da Associação de Moradores do Setor Pedro Ludovico, afirma

que há quadras inteiras, tanto no Pedro Ludovico quanto no Parque Amazônia, em que lotes e casas não estão registrados nem incluídos no Imposto Predial Territorial Urbano.

"É uma perda para os cofres do município", lamenta Cristina Ribeiro. Por outro lado, segundo a representante dos moradores, quem recebe o talão do IPTU paga com satisfação. Ela assinala que a falta das escrituras deixa os

cupados com a especulação imobiliária, já que estão previstas grandes edificações no bairro e melhorias na infra-estrutura.

De acordo com o assessor-técnico de Regularização Urbana da Secretaria de Planejamento do Município (Seplam), Francisco das Chagas Magalhães Sobrinho, a Prefeitura está providenciando a regularização dos lotes do Setor Pedro Ludovico. No momento, o Município, em conjunto com o governo estadual,

realiza um estudo de toda a documentação das áreas remanescentes das fazendas que deram origem a Goiânia.

Levantamento

Durante a pesquisa, também será feito um levantamento cartorial para verificar os imóveis que já estão registrados. O trabalho será remetido à Procuradoria-Geral do Município, que dará seguimento ao processo de regularização das áreas. Segundo

Magalhães, a tarefa de tirar da clandestinidade as áreas do setor é feita paralelamente ao processo de regularização dos loteamentos criados na antiga Fazenda São Domingos, na Região Noroeste de Goiânia, que será responsável pela legalização de 14 mil lotes. A regularização desses imóveis foi garantida num termo de ajustamento de conduta assinado pela Prefeitura e pelo governo estadual com o Ministério Público em 12 de abril.

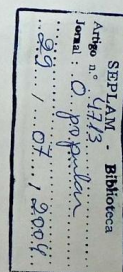


Figura 19 — Ainda sem papel passado. O Popular, 29 jul. 2004

Fonte: Biblioteca SEPLAM



Figura 20 — Papelada Valiosa. Diário da Manhã, 08 set. 2004

Fonte: Biblioteca SEPLAM. Recorte nosso.

AS FEIRAS

De raízes coloniais no Brasil – ibéricas e, posteriormente, africanas – as feiras podem ser, de maneira geral, definidas como mercado varejista a céu aberto, de ocorrência semanal e de utilidade pública na distribuição de bens alimentícios e básicos (MASCARENHAS, 2008). No entanto, a feira livre resistente em um centro urbano traz consigo uma trajetória de lutas constantes que uma definição panorâmica não envolve, principalmente se as compreendermos como processo histórico e não como acontecimento apenas (IPHAN, 2006)

“As praças mercantis são os motores da vida econômica: quebram a hostilidade do espaço, lançam as grandes circulações que, à velocidade permitida pela época, triunfam custe o que custar sobre as distâncias” (BRAUDEL, 1983, p.425). E, se ligam a estas, as feiras, que são ainda para o mesmo autor, praças mercantis temporárias, agentes igualmente responsáveis pela movimentação econômica como um todo, englobando variedades em serviços, mercadorias e regimes monetários (BRAUDEL, 1995).

As feiras, apesar de juntamente ao Mercado¹⁴ na Idade Média oferecerem as mesmas possibilidade de modernização (LE GOFF, 1998), representam até os dias atuais uma economia rudimentar persistentemente rodeada pela modernidade da ordem monetária, sem que tal regime as suprima (BRAUDEL, 1995). A consistente diversidade econômica abre espaço para uma simplificação nas trocas cotidianas que fogem às perplexidades da instituição de um sistema monetário rígido e viabiliza, para aqueles em vulnerabilidade social, um caminho de inserção no fluxo econômico (BRAUDEL, 1995). Dessa maneira, além de romper barreiras literais,

¹⁴ Além da própria citação de Le Goff (1998), indicando a existência de mercados já na Idade Média (da queda do império romano no ano 476 à queda de Constantinopla em 1453), não podemos nos esquecer dos *Macellum* da Roma Antiga como grandes complexos de mercados urbanos, indicando essa constante coexistência na cidade entre feira de rua e mercados.

organizar curtas e longas rotas de trânsito de vendedores, compradores e mercadoria, dentro e fora da malha urbana (BRAUDEL, 1983), o sistema cotidiano de funcionamento da feira é um importante instrumento de triunfo das distâncias entre classes sociais em um mesmo lugar na cidade.

Para além das relações econômicas internas e externas, as feiras mercantis sempre trouxeram para a vida urbana uma importante relação espacial: a vinda do campo à cidade. São estas, então, um importante ponto de contato entre cidade e campo e fortalecedor da não separação absoluta entre estes dois pólos de produção e reprodução humana (LE GOFF, 1998), fator que muito fundamentou o desprezo pelas feiras e está diretamente ligado ao menosprezo pelo camponês e pelo trabalho rural perpetrado pela tradição cristã na alta Idade Média, reforçada com relação à Antiguidade.

[...] ele [o camponês] é quase o último a se deixar cristianizar, ele se torna para os cristãos, que geralmente moram nas cidades, o pagão por excelência, e o termo pagão, *paganus*, quer dizer também camponês (*paysan*). Essa identificação camponês-pagão não se faz para reforçar o prestígio do trabalhador por excelência que é o camponês, encarnação do homem condenado ao trabalho pelo pecado original [...] (LE GOFF, 1998, p.49)

A compreensão da valorização do trabalho apenas na cidade fortalece uma importante movimentação contra a rusticidade camponesa. O objeto de representação (camponês) e seu adjetivo (rústico) transformam-se ao longo dos séculos, mas permanece a proposta da cidade enquanto pólo modernizador e a feira enquanto território alheio representante do passado e, portanto do atraso (MASCARENHAS, 2008). Preserva-se, assim, a percepção dicotômica entre feira e cidade.

No entanto, especificamente, a feira livre que conhecemos hoje já representou, no Brasil, importante tentativa modernizadora frente ao que antes eram os ambulantes e quitadeiras coloniais (MASCARENHAS, 2008). Se constituiu

importante pólo comercial incentivado pelos governos, até que, na década de 1960, durante a ditadura militar brasileira – que promoveu uma intensa e crescente tentativa sem limites de modernização econômica no país –, o fomento passa a ser direcionado aos grandes estabelecimentos de autosserviço, conhecidos como: supermercados.

Sob o comando do General Emílio Garrastazu Médici – que durou de outubro de 1969 a março de 1974 –, o Governo Federal lança, em 1970, o I Plano Nacional de Desenvolvimento que passa a caracterizar as feiras livres como “forma anacrônica de varejo” (MASCARENHAS, 2008, p.78). Se nos detivermos à definição do dicionário, as feiras livres representavam para o Brasil de 1970 algo que “contraria a cronologia; que está em desacordo com os usos e costumes de uma época; contrário ao que é moderno; retrógrado” (HOJAISS, 2004, p.199). Ou seja, ainda em Mascarenhas, as feiras não apenas apresentavam um anacronismo econômico ao ideal moderno que ainda persistia, mas também um anacronismo frente às constantes tentativas de modernizar paisagens urbanas (2008, p.80).

Ao longo da história, a simples existência das feiras enquanto acontecimento já incorria em disputas nas definições de cidade. A rua, principalmente na cidade e economia modernas, perde em grande parte sua função cultural e comunitária para dar lugar à funcionalidade prática do encurtamento das distâncias e da velocidade do progresso. Se partimos da compreensão que o principal e originário local de produção e reprodução das feiras livres é justamente a rua e os caminhos, “a ‘morte’ da rua [...] e todo seu folclore engloba [também] a ‘morte’ das feiras livres, literalmente ausentes nos bairros e cidades pautados pelo urbanismo progressista.” (MASCARENHAS, 2008, p.76).

Assim, em um ambiente invadido pelo automóvel que ameaça sua existência, a feira livre de um centro urbano se torna ponto de reapropriação dos espaços de vida comum, um território alheio ao projeto dominante de cidade (MASCARENHAS,

2008) que ao mesmo tempo escapa da construção hegemônica de espaço e também se coloca, justamente por ser um local de escape, com um agente cotidiano de disputa. A feira, desta perspectiva, corrobora com a redução da noção universalista e totalizante proposta pelo modelo cientificista de compreensão urbana para o que Mascarenhas (2008, p. 75) irá nomear como “microcosmos dos lugares na cidade”, ou seja, espaços onde, de fato, se habita na metrópole, sendo a feira, justamente um exemplo desses lugares.

Se Harvey (1993) define a compressão do espaço-tempo orquestrada pelo capitalismo, como uma alteração profunda na qualidade espacial – a ponto de alterar a forma como compreendemos e representamos o mundo –, as qualidades sociais e espontâneas da feira livre dão lugar a uma expansão deste mesmo espaço-tempo, também alterando a qualidade de um lugar na cidade e potencialmente requalificando nossa compreensão de mundos possíveis.

ESCUTAR O TEMPO

Oh, tempo rei

Transformai

As velhas formas do viver

Ensinai-me, oh Pai

O que eu, ainda não sei

Mãe Senhora do Perpétuo

Socorrei

Gilberto Gil

Raça Humana

A profunda e inconsciente relação que aqui se exige estabelecer com o conhecimento, o mundo e consigo mesmo, ou seja, a política cognitiva proposta nesta incursão ao campo se estabelece como contraste à política cognitiva realista, descrita por Virgínia Kastrup (2009), na qualidade daquela que toma por prontas as informações fornecidas pelo mundo. Pelo contrário, ainda em Kastrup, adotamos uma política cognitiva construtivista, na qual o mundo é imaginado e construído com o agente do conhecimento. Escolha processual crucial para localizar pesquisador e objeto neste intenso cotidiano de trocas onde a intenção primeira não é jamais a representação do objeto – visto que “toma a sério os limites do saber e os constrangimentos da matéria” (KASTRUP, 2009, p.49) e compreende a pura representação do objeto como impossível, enquanto necessário um acompanhamento de seu processo.

O processo da política cognitiva construtivista conforma uma atitude atencional específica, a atenção cartográfica. Esta tem como maior inibidora a atenção seletiva (KASTRUP, 2009, p.34) que, incide nesta disputa, ao pressupormos a seleção como função por excelência da atenção, operada e movida pelo interesse. No entanto, frente a esta referente investigação de William James, aponta Merleau-Ponty (1999) que: "a atenção não seleciona elemento num campo perceptivo dado, mas configura o próprio campo perceptivo". Desta maneira, não seria, na atenção cartográfica, o interesse que move a atenção por meio da seleção, mas sim a atenção que se move no campo perceptivo – que é sua totalidade –, em voos e pousos *no* movimento cognitivo.

Na hipótese contrária à atenção cartográfica, a atenção seletiva "ao efetuar a seleção e seguir suas expectativas, estará arriscando a nunca descobrir nada além do que já sabe; e, se seguir as inclinações, certamente falsificará o que possa perceber" (FREUD, 1969, p.150). A atitude atencional do cartógrafo pede então, frente a isto, uma atenção uniformemente suspensa que se dispõe a prestar igual atenção a tudo, mesmo que não dê atenção a tudo.

Enquanto na atenção uniforme as experiências externas nos acometem muitas vezes de maneira fragmentada e sem sentido imediato, na suspensão, a atenção constantemente se volta aos dados subjetivos e acumulados do pesquisador, havendo uma necessidade constante de "ajuste fino da sintonia inconsciente" (KASTRUP, 2009, p.39), já que são as próprias manifestações inconscientes que conduzem 'o prestar atenção', o voo e o pouso. Logo, a atenção uniformemente suspensa, desdobra-se em encontro e acolhimento não apenas de si com o mundo, mas do mundo consigo.

O ajuste, na atenção uniformemente suspensa, então atua pontualmente em possibilitar a compreensão das diversas incorrências na experiência, pois "algumas concorrem para modular o próprio problema, tornando-o mais concreto e bem

colocado. [...]; outras experiências se desdobram em microproblemas que exigirão tratamento específico” (KASTRUP, 2009, p.39). Dessa maneira, possibilitando ao pesquisador, que não deixa de estar implicado no campo, distinguir entre o macrocontexto da pesquisa e o microcontexto que definem respectivamente problemáticas gerais e ‘menores’ emanadas nas incursões ao campo.

A seriedade quanto à consciência da posição do pesquisador em campo é tamanha que é essencial para Virgínia Kastrup (2009), e também para este trabalho, que, para além dos ajustes finos nas emersões do inconsciente, que a suspensão da atenção também confira a suspensão de suas inclinações e expectativas enquanto agente. Ao abandonar temporariamente uma política cognitiva realista, nos privamos intencionalmente da possibilidade de selecionar previamente e de inibir o surgimento de surpresas. E neste ponto, Kastrup (2009) desdobra tais contribuições trazidas por Freud – ao descrever a atenção flutuante – em uma expansão das experiências. Pois para Freud, esta formulação se limitaria a uma atenção flutuante e auditiva, enquanto que para o pesquisador-cartógrafo todos os sentidos são canais para a atenção sensível e uniformemente suspensa, exigindo tal expansão.

Assim, ao vislumbrar os pressupostos e modulações do estar em campo, o pesquisador opera um movimento de vai e vem, se implicando e se retirando física e psiquicamente do campo e, produzindo *com o campo* neste movimento dados desde a primeira visita.

Informações, saberes e expectativas precisam ser deixados na porta de entrada, e o cartógrafo deve pautar-se sobretudo numa atenção sensível para que possa, enfim, encontrar o que não conhecia, embora já estivesse ali, como virtualidade (KASTRUP, 2009, p.48-49)

Tal atitude em campo proporciona ao pesquisador um agenciamento inseparável entre memória e imaginação e, além disso, proporciona a consciência

perene do processo e da dimensão construtivista do conhecimento. Esta que não se faz sem seus devido suportes materiais onde

[...] a matéria não é mero suporte passivo de um movimento de produção por parte do pesquisador. Ela não se submete ao domínio, mas expõe veios que devem ser seguidos e oferece resistência à ação humana. Mais que domínio, o conhecimento surge como composição (KASTRUP, 2009, p.49)

E justamente por isso, neste trabalho nos debruçamos sobre os suportes (ou meios) materiais da memória. Ao direcionar o olhar à matéria em um movimento inseparável entre memória e imaginação, escutaremos então as coisas, cujos suportes são as estruturas e objetos; os espaços, cujos suportes são as organizações territoriais e os caminhos; e os gestos, cujo suporte é o corpo.

Enquanto a cartografia se fez processo do início ao fim e o campo ultrapassou os limites físicos da feira, exigindo esta constante política cognitiva, as incursões etnográficas foram maneiras de fazer aos domingos. Estas compõem uma metodologia de escuta que assume “[...] o pensar a ‘si mesmo’ na paisagem urbana [...]” (ROCHA; ECKART, 2013, p.21) e o pensar as práticas e saberes dos agentes daquela paisagem, “considerando que objeto, sujeito e conhecimento são efeitos coemergentes do processo do pesquisar” (PASSOS; BARROS, 2009, p.18). Na constante produção e reprodução deste caminho dois importantes recursos foram utilizados para o registro do que se escutou: a escrita e as imagens, reforçando-os enquanto relicários da memória, recurso para a produção de imaginação e, portanto, produção de significado.

Em uma constante e desafiadora tarefa de captar o efêmero, o uso do equipamento fotográfico dá lugar ao pesquisador em campo, identifica-o e confirma o gesto de pesquisa, além de ser um canal de interação (ROCHA; ECKART, 2013). Uma vez registrados os momentos, a imagem adquire caráter de *index* temporal: “A fotografia preserva desse momento do passado um vestígio do real com que o

presente está ligado por continuidade, por contato [...]” (ASSMANN, 2011, p.238). E dessa forma, o presente uma vez vivido pela pesquisa hoje pode interagir em igualdade com as imagens uma vez recolhidas ou geradas em outros tempos, agindo como metáfora – por ser memória em si – e meio da memória (ASSMANN, 2011).

E assim, a escrita também assume este papel. Como segundo campo na metodologia etnográfica é, para além de um recurso técnico, um estímulo à memória. “A escrita mnemônica dos próprios pensamentos é traduzida na figuração de nascimento, sustento, educação e novo relacionamento” (ASSMANN, 2011, p.204), onde partindo da experiência e de fragmentos do real (as imagens) é possível construir algo novo, uma nova vivência dialógica consigo e com o campo. A escrita se faz igualmente, portanto, como meio não apenas da memória, mas da auto comunicação (ASSMANN, 2011). É registro do próprio pesquisador no dado e é também, ela mesma, dado produzido e recolhido em campo e através dele. Com esta característica em mente, compreendemos do mesmo modo o desenho como escrita.

É com todos estes entrelaços que nos colocamos em escuta ativa e aqui propomos o registro. Cientes da inseparabilidade e do movimento necessários entre: consciente e inconsciente, sujeito e objeto, memória e imaginação e, imagem e escrita. Compondo o que Assmann nomeará de 'estrutura da medialidade dupla e da intermedialidade', que nada mais é que a estrutura do meio, a estrutura que sustenta o que aqui chamamos de suportes materiais da memória. Esta estrutura que confere tamanha “complexidade e produtividade tanto da memória individual como da memória cultural, [...]” (ASSMANN, 2011, p.237), dando diversas formas e maneiras aos seus suportes que riscam o tempo e em seus tempos.

DOS LUGARES

Ao considerar a memória dos locais, para Aleida Assmann (2011), podemos nos deter entre dois aspectos distintos: a memória que lembra um local (*genetivus objectivus*) e a memória presente nos locais (*genetivus subjectivus*). O primeiro sugerindo o local como objeto da memória e, o segundo, a compreensão do local como sujeito, um significante por si. Sendo importante, para além disso, diferenciar 'locais' de 'espaços', como pontua a autora

Espaços, no sentido de "países e regiões conhecidas", são analisados, mensurados, colonizados, anexados, ligados uns aos outros; *locais*, todavia, nos quais se pode ir a fundo "quando se esteja em cada lugar, a cada momento" ainda conservam um segredo (ASSMANN, 2011, p.319).

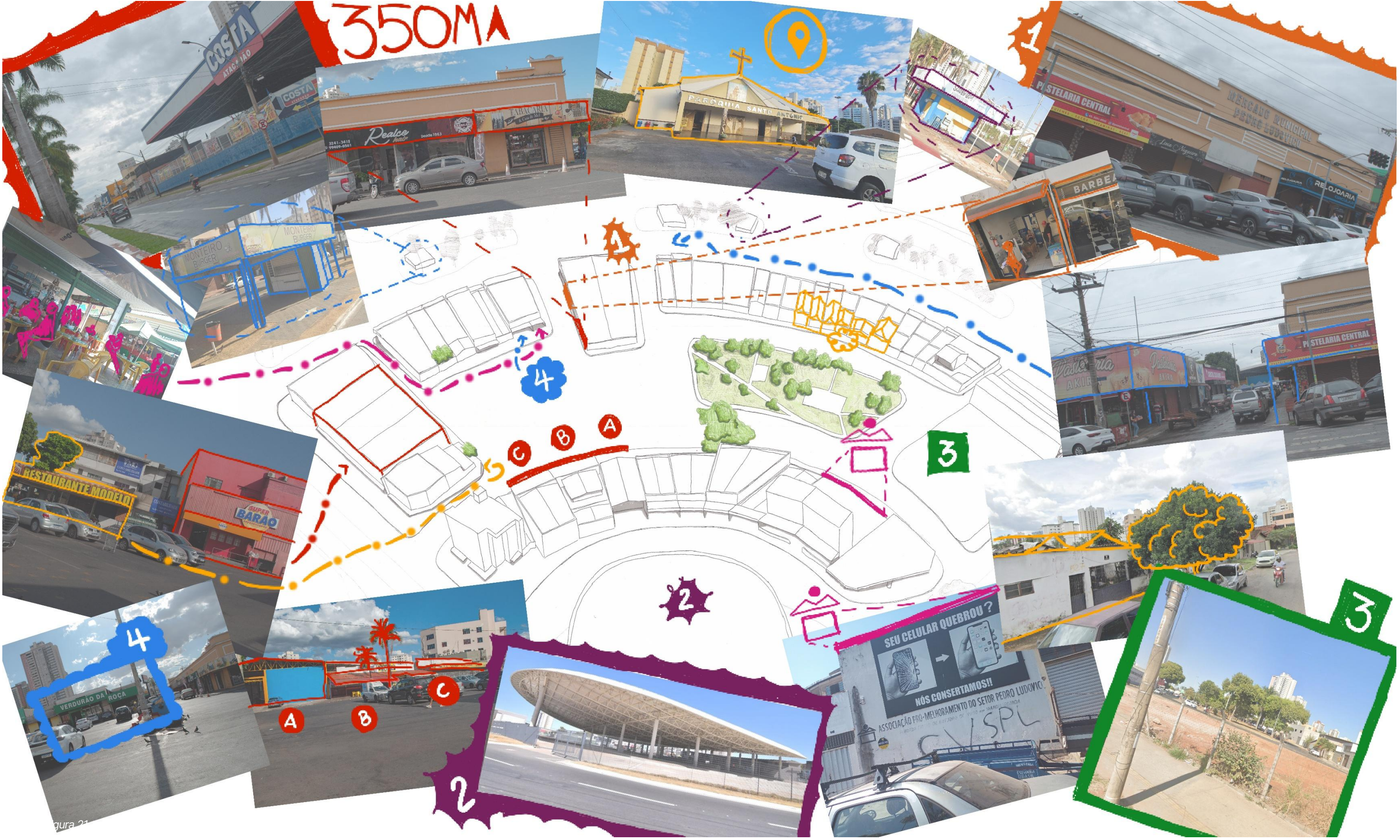
Ademais, estes segredos – ou memórias acumuladas – se ancoram no chão dos lugares e corporificam no contínuo do tempo, produzindo um intenso poder vincutivo que rende um alto capital simbólico que reside, portanto, não no edifício, mas sim no solo (ASSMANN, 2011). Fazendo do espaço um importante ordenador dos conteúdos das memórias que abriga e um de seus meios de restauração. As memórias abrigadas no solo da feira contam segredos sobre o bairro, seu entorno, recebem os passos e as pausas de quem compõe a paisagem da feira, contando assim as histórias dessa rede de personalidades cotidianas que lá cruzam há décadas. Memórias, então, de uma ordem que transcende o indivíduo "onde uma recordação individual dilui-se em uma recordação geral" (ASSMANN, 2011, p.319).

Em primeiro lugar, como já aqui mencionado, o chão do bairro travou no início da história de sua ocupação, disputas, e ainda permanece sob algumas delas, reverberando lutas que impactaram e ainda impactam seus arredores e centralidades. A paisagem circunvizinha ao local da feira é muito diversa (Figura 21)

e possui estabelecimentos responsáveis pela movimentação em várias horas do dia. 'Pit dog's', pastelarias e bares funcionam até altas horas, juntamente com o Atacadão Costa, o Terminal Isidória e a Paróquia Santo Antônio. Cada um movimentando esta região central do setor – nas imediações da Avenida Circular – a sua maneira e corporificando memórias no solo em estratos temporais diferentes.

Não foi possível encontrar até a finalização das buscas desta pesquisa a data de inauguração do Atacadão Costa presente na Avenida T-63. No entanto, o Terminal Isidória nos conta de várias transformações no entorno do setor. Não obtivemos dados sobre os usos do terreno antes da implantação do terminal, mas nos desenhos de Janssen é possível identificá-lo com outra destinação, a de ser uma praça central para o bairro (Figura 6). A proposta de Janssen é sancionada em 20 de maio de 1972, pela lei nº 4.559, nomeando a praça de "PRAÇA ISIDÓRIA DE ALMEIDA BARBOSA". Apesar de não termos para este trabalho a data precisa da transformação da praça em terminal, sabemos que em 1987, o terminal já era "o ponto de confluência de todos os ônibus da região sul e sudeste da cidade e uma referência do Pedro Ludovico" (DIÁRIO DA MANHÃ, 1987, p.12) (Figura 22).

350MA



1



▲ Na página anterior

Figura 21 — Entorno e paisagem imediata à feira

Fonte: Imagens e produção da própria autora, nov. 2025

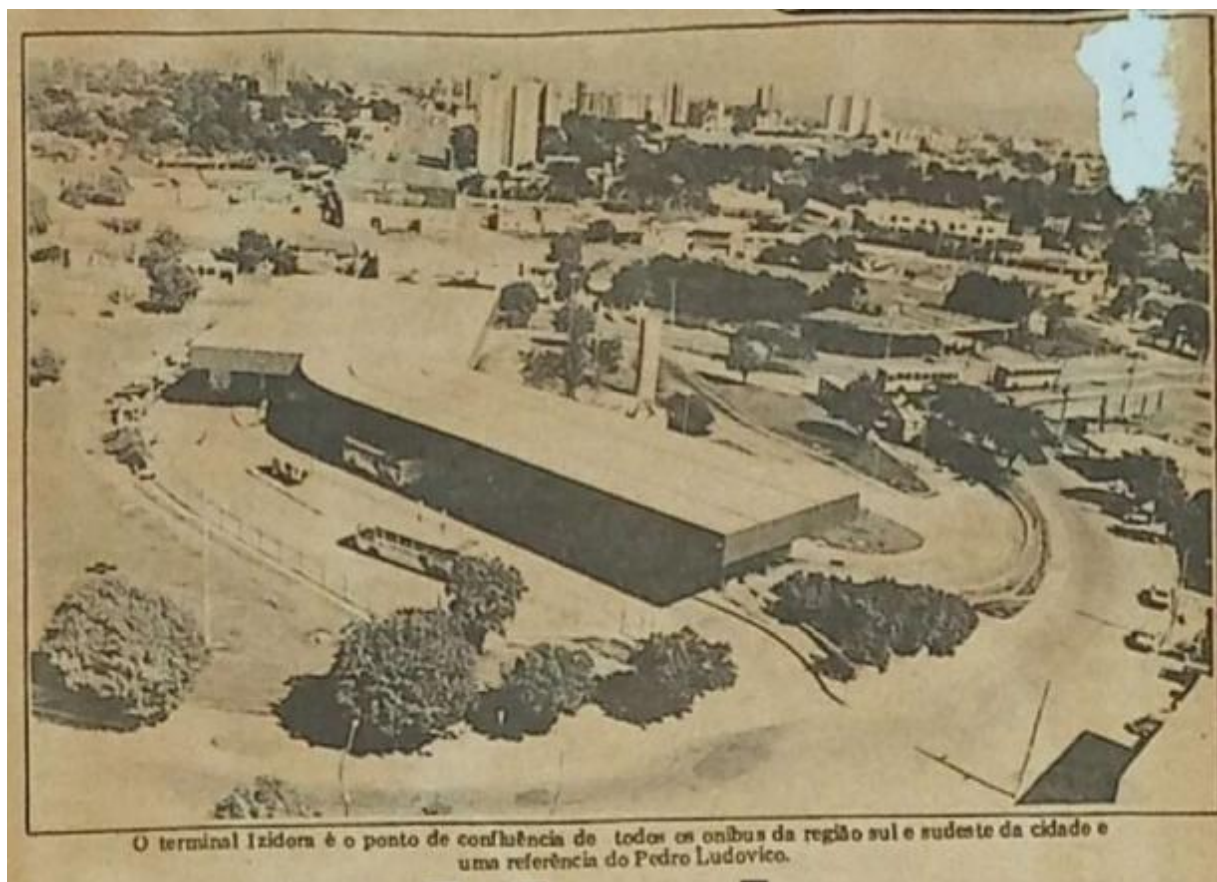


Figura 22 — Setor Pedro Ludovico. Recorte do Diário da Manhã, 26 abr. 1987

Fonte: Biblioteca SEPLAM. Recorte nosso.

Uma das barracas mais antigas da feira completa neste ano 62 anos de ponto, ou seja, no mesmo lugar; se nos pautarmos nesta margem temporal, a feira já existia em meados de 1963. A única edificação dentre as de maior porte nas proximidades que remonta tempos próximos aos da feira, é a Paróquia Santo Antônio, que, no que consta os registros da Arquidiocese de Goiânia¹⁵, foi criada em 25 de dezembro de 1957. Dinâmica que conta das

[...] primeiras feiras do Brasil Colônia, no século XVIII, [que] desenvolveram-se da mesma forma que tantas outras na Europa. Elas localizavam-se em grandes pátios em frente a um marco nessas localidades, como uma Igreja ou um largo, e rodeadas por inúmeras casas comerciais, [...] (IPHAN, 2006, p.23).

As casas residenciais, embora não comerciais, estão presentes nas proximidades da feira, principalmente nas imediações da praça da feira. O que antes possivelmente pode ter dado lugar a outras residências comerciais, é hoje ocupado por supermercados, 'verdurões', barbearias, tabacarias, lojas de produtos naturais, peixarias, açougues, bares, restaurantes, lojas de mobiliário, lojas de peças automotivas, entre outros pequenos comércio e roupas, picolés e jogo do bicho. Muitos deles abrigados pelo Mercado Municipal do Setor.

O Mercado Municipal tem memórias muito atreladas às da feira livre. Na lei que determina sua criação, Lei nº 2.321, de 9 de maio de 1963, consta a informação de que a obra substituiria um mercado provisório já existente no setor. Apesar de não identificar se este tal mercado ocorria no mesmo lugar onde foi entregue a obra, e onde ainda permanece, indica a coexistência de um outro pólo comercial além da feira e que provavelmente tiveram princípios próximos. Assim como a feira, o Mercado passa por diversas transformações e reestruturações, mas em outro paço.

¹⁵ Disponível em: <https://arquidiocesedegoiania.org.br>. Acesso em: 10 nov. 2025.

Enquanto a feira se transformava, também se transformava o mercado, que já com 62 anos de vida, passou por 4 reformas. A primeira se trata da sua obra em alvenaria, substituindo as antigas estruturas em madeira, entregue em 1968 (GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS), esta que antes contava apenas com bancas internas, passa a receber também bancas externas, o que é motivo de reclamação de banqueiros, anos depois de sua construção, alegando a pouca movimentação interna de fregueses e a péssima infraestrutura e diversidade em produtos. Nesta mesma matéria, uma moradora do setor alega “como o mercado nunca funcionou direito a gente daqui do local já acostumou a comprar as verduras na feira livre de domingo aqui nos fundos do mercado” (Figura 23).

Em 1996, segundo uma breve descrição no site do Governo do Estado de Goiás ¹⁶, sob a administração de Darci Accorsi, o mercado passa por uma nova reforma, sem a especificação de quais foram as mudanças. Já em 2004, na administração do prefeito Pedro Wilson, foi feita uma outra pequena reforma contando com a renovação da pintura das fachadas e pequenos reparos, dados ainda fornecidos pelo Governo do Estado. Apesar dos recentes esforços, um ano após a última reforma, em 2005, o jornal A Hora (Figura 24) já denunciava, requeria e prometia novas reformas, solicitação que é então atendida pelo prefeito Íris Rezende em 2007 (Figura 25). Sua obra foi entregue em 2008 (Figura 26), com intensas alterações nas fachadas e a retirada das bancas externas, transformando todos os estabelecimentos em lojas de alvenaria. Por fim, em 2024 o Mercado Municipal recebe pela prefeitura uma unidade do Atende Fácil, na expectativa que a adição condicione maior fluxo de pessoas na área interna do Mercado. Enquanto se constata ao longo dos anos o esvaziamento contínuo da população do mercado, não foram identificados comentários nesse sentido a respeito da feira.

¹⁶ Disponível em: <https://www.goiania.go.gov.br/sobre-goiania/mercados-municipais>. Acesso em: 05 nov. 2025.

Outra importante e outrora imponente presença no mesmo chão da feira é a sede da Associação Pró-Melhoramento do Setor Pedro Ludovico. Mesmo que as tentativas de contato com a associação não tenham sido profícuas até este momento da pesquisa, foi possível identificar sua intensa atividade nas suas primeiras décadas de atuação (Figuras 27 e 28). A Associação foi “juntamente com a Associação de Amigos da Vila Nova, uma das entidades comunitárias mais tradicionais de nossa capital” (DIÁRIO DA MANHÃ, 1987, p.12) (Figura 29), sua sede é datada do ano de 1960, também contígua à feira e ao Mercado. Sua sede permanece no mesmo lugar desde sua fundação, em frente ao terminal.

Mercado do Setor Pedro, outro que está acabando

Construído há quase 10 anos o mercado do Setor Pedro Ludovico vive hoje uma situação de precariedade no atendimento, nunca visto. Nas 20 salas de serviços diversos há normalidade mas nas 40 bancas para comercialização de verduras, legumes e frutas o atendimento não oferece o abastecimento necessário à população por que somente três bancas funcionam.

Ana Dias Silva, Antônio Ferreira e Rosano são os resistentes investidores de comercialização de frutas, legumes e verduras naquele local que segundo eles "de uns quatro anos para cá, com a mudança da frente das salas para a frente externas, o comércio piorou bastante". A crítica maior dos locatários, além da fuga dos consumidores ocasionada pela exteriorização do comércio de secos e molhados, é à prefeitura que insere diversas dificuldades para quem deseja ter uma banca. Segundo Antônio Ferreira, até hoje não conseguiu a transferência da sua banca, "o problema maior é que a Prefeitura impõe muitas dificuldades ao interessado porque desde de que foi construído o mercado todos os proprietários de bancas desistiram do negócio e não pagam as taxas. Quem quer comprar tem que pagar dívida de 10 anos dos outros, assim não tem jeito de movimentar o comércio".

OS MORADORES

Joana Quirino, moradora do setor diz que "como o mercado nunca fun-



O mercado do Setor Pedro Ludovico é hoje lugar deserto onde poucos frequentes aparecem para comprar. As instalações também são precárias.

cionou direito a gente daqui do local já acostumou a comprar as verduras na feira livre de domingo aqui nos fundos do mercado". No geral a posição dos moradores é de que se o mercado surprisse o abastecimento o movimento seria intenso. Como disse outra moradora do setor "seria muito bom ter um mercado onde a gente encontrasse tudo que precisasse mas como a gente sabe que não têm nem vai lá".

Ana Dias Silva, Rosano e Antônio

Ferreira fazem um apelo à prefeitura para que facilite as coisas porque "os tempos estão difíceis e não é possível que um setor tão habitado não tenha um mercado decente. Ninguém vive de asfalto e embora isto também seja uma necessidade não dá para entender que muitos tenham que ir à cidade comprar coisas que tem aqui mas ninguém sabe porque com três bancas todo mundo acha que o que tem aqui não presta".

porque desde de que foi construído o mercado todos os proprietários de bancas desistiram do negócio e não pagam as taxas. Quem quer comprar tem que pagar dívida de 10 anos dos outros, assim não tem jeito de movimentar o comércio".

OS MORADORES

Joana Quirino, moradora do setor diz que "como o mercado nunca fun-

cionou direito a gente daqui do local já acostumou a comprar as verduras na feira livre de domingo aqui nos fundos do mercado". No geral a posição dos moradores é de que se o mercado surprisse o abastecimento o movimento seria intenso. Como disse outra moradora do setor "seria muito bom ter um mercado onde a gente encontrasse tudo que precisasse mas como a gente sabe que não têm nem vai lá".

Ana Dias Silva, Rosano e Antônio

Figura 23 — Mercado do Setor Pedro: outro que está acabando. Recorte e detalhe de página de jornal sem especificação de data ou veículo

Fonte: Biblioteca SEPLAM. Recorte nosso.



Figura 25 — Assinatura da ordem de serviço para a reforma do mercado do Setor Pedro Ludovico. Recorte do Jornal A Hora, set. 2007

Fonte: Biblioteca SEPLAM. Recorte nosso.

O Popular

GOIÂNIA, sexta-feira, 6 de junho de 2008



Reformado, fachada do Mercado do Setor Pedro Ludovico recuperou os traços originais e interior ganhou mais conforto

Mercado será reaberto após um ano em reforma

MERCADO DO SETOR PEDRO LUDOVICO SÓ DEVERÁ FUNCIONAR DENTRO DE 30 DIAS, DEPOIS QUE PERMISSIONÁRIOS FIZERAM ADEQUAÇÕES NAS LOJAS

Malu Longo

Reinaugurado no domingo, 1º de junho, após quase um ano de reforma, o Mercado do Setor Pedro Ludovico ainda permanece fechado. Os 55 permissionários terão de atender a exigências da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Município (Sedem) para recuparem as bancas e salas. A direção da unidade estima que será necessário um mês para os ajustes.

Hoje à noite, na sede do Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa (Sebrae-GO), eles voltam a se reunir para discutir providências como padronização de áreas comuns e a formação de uma associação. Flávio Costa, diretor da unidade, explica que o objetivo é melhorar a parte física do prédio, o atendimento e o visual das lojas. Para isso, a Sedem fez convênio com o Sebrae-GO e com o Banco do Povo.

Os permissionários estão aprendendo como inovar em seus negócios. Benedito de Oliveira Souza que começou no mercado em 1968, ano de sua inauguração, ainda não sabe se vai continuar vendendo produtos importados. Apenas com formação primária, o curso que acaba de fazer mudou sua visão de comerciante.

Além da melhora dos equipamentos com apoio da arquiteta da Sedem, os permissionários terão de renegociar seus débitos com a Prefeitura. A partir do momento que retornarem, aquele que ocupar uma banca de 6 metros quadrados vai pagar mensalmente ao poder público cerca de 20 reais. As com 18 metros quadrados, o valor não chega a 100 reais. "A Prefeitura fez toda a reforma, como pintura e troca de piso e de instalação eletro-hidráulica, os permissionários têm de fazer a parte deles agora", afirma o titular da Sedem João Paiva Ribeiro.

Com a parte externa pintada em amarelo-terra com detalhes brancos e um letreiro metálico em caixa alta, o mercado agora se destaca entre as lojas da Avenida Circular, no Setor Pedro Ludovico. Lá dentro, tudo está diferente. Com o pé direito mais alto, o clima interno ficou agradável e as bancas ganharam visibilidade. Além de possibilitar uma boa circulação, a área livre interna deverá abrigar ainda dois quiosques e atrações artísticas e culturais, a exemplo do Mercado da 74, no Centro.

Iron Ferreira Sobrinho, que desde 1978 possui no local uma loja especializada em consertos de relógios, jóias e celulares, está animado. "A melhoria foi grande, mais vai depender agora dos permissionários", disse ele. E tudo indica que eles vão corresponder. Só um açuque investiu R\$ 40 mil em equipamentos.

CAMPINAS
Também em reforma, o Mercado de Campinas deverá ser entregue à população somente no fim deste mês. A ocupação se dará nos mesmos moldes do mercado do Setor Pedro Ludovico.



Corredor amplo e pé-direito alto: clima agradável!

Figura 26 — Mercado será reaberto após um ano em reforma. Recorte do O Popular, 06 jun. 2008
Fonte: Biblioteca SEPLAM



Figura 27 — Associação realiza censo para agilizar trabalhos. Recorte de Diário da Manhã, 26 abr. 1987
Fonte: Biblioteca SEPLAM. Recorte nosso.

3 Associados têm até 70% de desconto na área de saúde

Descontos de até 70 por cento para exames médicos e laboratoriais é quanto usufruem os moradores do Setor Pedro Ludovico que são filiados à Associação Pró-Melhoramento onde a entidade possui cerca de 3000 membros, embora uma grande parcela esteja com sua contribuição de associado atrasada.

A Associação mantém convênio com clínicos gerais, dentistas como Paulo Paulino e o laboratório Osvaldo Cruz da capital. Uma consulta médica que está a faixa entre Cz\$ 1.500 a 2.000, através do convênio o morador que faz parte da entidade comunitária paga, no momento, apenas Cz\$ 300. Num exame de sangue hemograma há um desconto de 60% e r r cento. A diretoria da Pró-Melhoramento chama a atenção da comunidade para a importância dos filiados estarem em dia com sua taxa de contribuição.

CURSOS VOLTARÃO

Está previsto para o início do segundo semestre o retorno dos cursos de corte/costura, cabeleireiro, manicure, pedicure, datilografia e de gestante, dentre outros, que até o ano passado foram ministrados na sede da Associação Pró-Melhoramento. Seu presidente, Misael Pereira, adianta que o convênio neste sentido foi redatado com a LBA e tão logo a sede da Associação esteja reformada os cursos vão ser novamente oferecidos a toda à comunidade.

6 Escola da Associação busca um melhor nível de ensino

As crianças da Escola da Associação aprendem a partir na "coordenação motora".

Com aproximadamente 270 alunos frequentando o pré-escolar, a alfabetização e o 1º ano da primeira fase a escola que funciona na sede da Associação Pró-Melhoramento do Setor Pedro Ludovico tem o cuidado de procurar ministrar um ensino à altura de uma melhor educação. Segundo o secretário geral da Associação, Paulo César Floriano da Silva, 25 anos, tem-se a maior atenção e carinho quanto à iniciação escolar da criança, admitindo que são em sua maioria filhos de mães trabalhadoras.

"Se chega aqui uma criança que mesmo já tendo passado por qualquer frequência de aula nós voltamos ela a começar do jardim que é para aprender a coordenação motora", explica o jovem secretário. Na escola trabalham as professoras Doralice dos Santos, Cleusa Vieira dos Santos e Ester Lima Oliveira.

Todas as sextas-feiras há reuniões com professores e a diretoria da Associação Pró-Melhoramento para traçar o planejamento das aulas para a semana seguinte, além do planejamento diário em conjunto. As maiores dificuldades encontradas hoje pelos professores segundo elas mesmas são tamanhos pequenos do quadro-negro, falta de papel e de mais cadeirinhas para as crianças. Por outro lado, na escola, ensina-se a importância de fatos e datas de destaque como o Dia Nacional do Livro comemorado segunda-feira, dia 18, e o do Índio, 19.

Figura 28 — Sessão 'Bairros' - Setor Pedro Ludovico. Recorte de Diário da Manhã, 22 abr.1988
Fonte: Biblioteca SEPLAM. Recorte nosso.

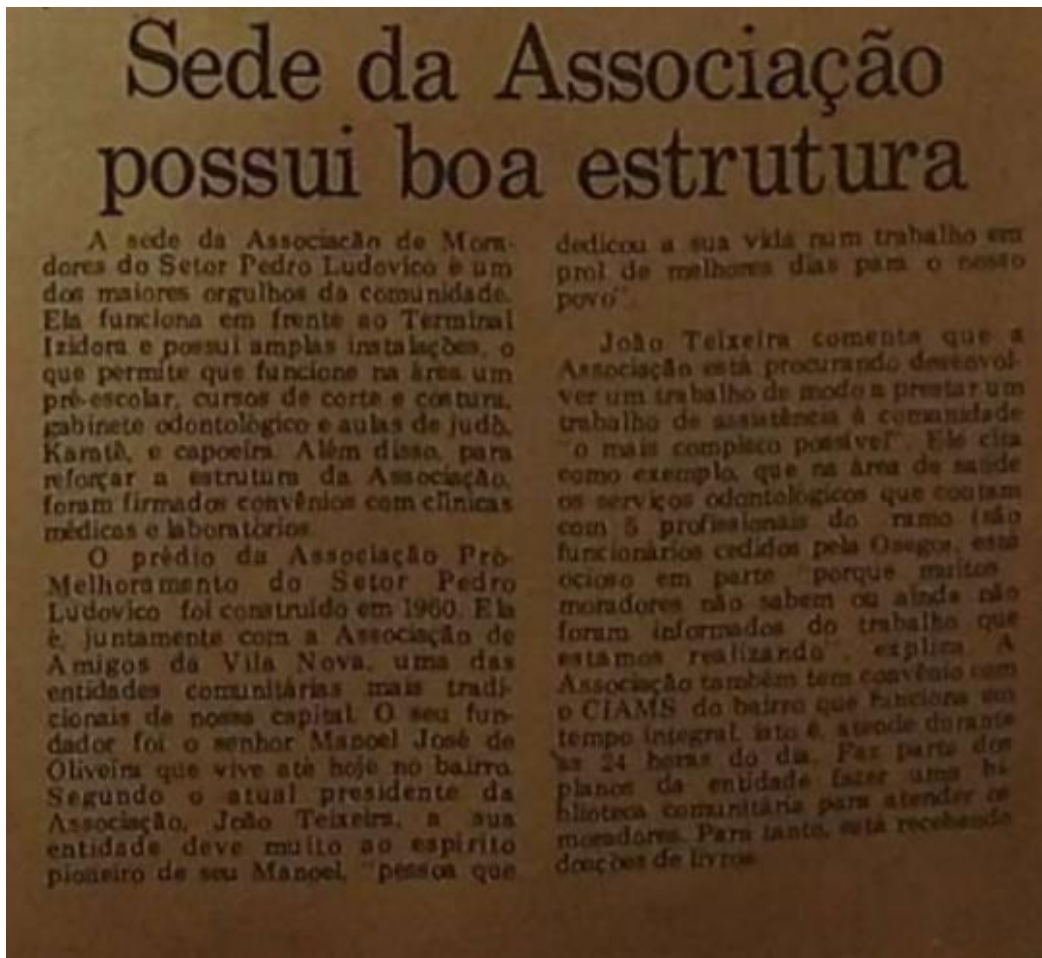


Figura 29 — Associação realiza censo para agilizar trabalhos. Recorte de Diário da Manhã, 26 abr. 1987
 Fonte: Biblioteca SEPLAM. Recorte nosso.

▲ Na página anterior

Figura 30 — Mapa de ruas e percursos.

Fonte: Da autora, nov. 2025

Com todas essas influências diretas e indiretas que se acumulam historicamente nos entornos do chão da feira, podemos agora tomar para análise a presente espacialidade a partir das pistas que foram possíveis serem de captadas (Figura 30).

Há uma predominância na venda de alimentos (verduras, frutas, legumes, hortaliças, produtos de origem animal e etc.), frente à venda de produtos de consumo imediato (pastéis, pamonhas, ultraprocessados e etc.) e de objetos (roupas, instrumentos de cozinha e diversidades). Não há uma setorização estabelecida por tipos de barraca, fluxos ou dimensionamento, mas foi sabido ao longo das incursões que o preço do piso das barracas (ou lote) varia não só de acordo com bairro em que se estabelece a feira, mas também em relação às demais barracas. Pisos mais centralizados na feira, são mais caros que pisos na periferia da feira.

As ruas da feira são delimitadas por dois fatores que nem sempre são determinantes: a posição da ilha de uma barraca em relação a outra e a posição do feirante na ilha que define frente e costas das barracas (Figuras 31 a 34). As ruas, em sua maioria cobertas devido ao persistente encontro entre as coberturas e estruturas das barracas, uma vez delimitadas direcionam a movimentação dos usuários em conjunto com os comércios que abrem junto ao horário da feira. É possível identificar trajetórias específicas, que compreendem avanços e pausas, entre aqueles que vão na feira apenas para comprar, que consiste muito mais em um 'pinga-pinga' entre barracas e por vezes nos comércios ao redor; aqueles que vão para o consumo imediato nas barracas onde em todos os domingos vão comer pastel, pamonha ou até em algum dos bares, comércio do entorno que intensifica

visivelmente a circulação periférica de pedestres na feira; e, aqueles que compram e aproveitam para consumir, ou consomem e aproveitam para comprar.

A não setorização da feira por tipo de barraca, compreende um desenvolvimento orgânico da mesma, no entanto também direciona o caminhar, gerando alguns 'pólos' de suficiência no lugar que faz com que o freguês não necessite percorrer toda a feira para adquirir tudo o que precisa. Dessa maneira, alguns compradores conhecem apenas uma parte da feira sem nunca, em anos, terem se interessado em investir em outras regiões.

A possibilidade de entrada por todos os lados também é outro fator que impulsiona a diversidade em trajetos, já que motiva que se entre por um dos lados, se resolva o necessário nas primeiras cinco barracas que encontrar e volte pelo mesmo lugar por onde entrou. Tal comprometimento estimula uma rede de caminhos difícil de mapear que esconde diversos segredos que só cabe à imaginação estipular, dadas as pistas do consumo, tipos de barracas e delimitação de rua.



Figura 31 — Rua da feira.
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 32 — Rua da feira.
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 33 — Rua da feira
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 34 — Rua da feira
Fonte: Da autora, nov. 2025

DAS COISAS

Ainda em *Espaços da Recordação*, Aleida Assmann (2021) dedica um dos capítulos da terceira parte de seu livro à *Memória como um tesouro de sofrimentos*. Em seus parágrafos introdutórios, a autora nos elucida a respeito de um conceito calculado sob gesto e imagem em Aby Warburg que foi tomado de outra maneira pelo artista armênio Sarkis: o conceito de “tesouro de sofrimentos”. “Enquanto para Warburg esse conceito compreendia uma energia arcaica primordial, impregnada de determinadas fórmulas imagéticas e reativáveis, Sarkis pensa mais com relação ao momento cumulativo de um inventário material” (ASSMANN, 2011, p.401), um “empilhamento interno da memória” como Sarkis discorre e Assmann nos traz, uma condensação da memória na forma, o tornar constante o tempo da lembrança nas coisas.

Mesmo tratando amplamente de experiências traumáticas e orgásticas imprimindo-as em tesouros, a autora direciona seu olhar à memória da catástrofe do holocausto e, ao lidar com tamanha complexidade psíquica, reitera a movimentação humana de promoção da facilitação ao encarar o mundo, chamada a “arte de abreviamento do mundo” (ASSMANN, 2011, p.405), que se consolida em símbolos. Neste trabalho não estamos lidando com uma catástrofe dessas proporções, em respeito, resguardamos esta consciência de posição. Mas ainda podemos nos relacionar com as camadas de complexidade em que está inserido um lugar na cidade contemporânea e a tendência de generalização abreviadora que comumente há na escuta desses lugares.

Ocorre que, apesar desta tendência,

[...] em nosso sistema de reconhecimento temos, profundamente arraigadas, esquematizações culturais que nos permitem (mais profundamente do que temos consciência) reconhecer o todo na parte, a sequência no exemplo, o geral no específico (ASSMANN, 2011, p.405).

Portanto, os objetos nos quais esbarramos em campo ao escutar atentamente um lugar da cidade também se fazem tesouros de sofrimento, não sendo, é claro, necessariamente, tesouros de um trauma profundo. Mas, sim, o empilhamento de memórias em formas cotidianas, símbolos possíveis de um sofrimento comum de resistência em um espaço-tempo que não se propõe a reconhecê-los, que normalmente são por nós apenas catalogadas e levantadas, fazendo produção e destruição faces de uma mesma lógica pervertida (ASSMANN, 2011).

As partes, os exemplos, as especificidades e as singularidades dos objetos produzidos e selecionados pelos feirantes do Setor Pedro Ludovico na produção e reprodução da feira aos domingos são pistas para caminhos legítimos de compreensão do todo, das sequências e do geral da vida da feira.

As memórias persistentes nas estruturas das barracas, por exemplo, ditam um padrão dos usuais comércios de rua, que se repetem com outra materialidade na estrutura dos *pit dogs* ao redor da feira na Avenida Circular. A presença de uma cobertura simples, estruturas metálicas descomplicadas de dimensões retangulares e uma ilha central onde se expõem ou produz o produto (Figura 35). Em contato com o dono de uma das barraquinhas de frutas que possui o mesmo ponto há mais de 40 anos, Seu D., foi possível traçar que a estrutura se mantém, mas o que anteriormente era em madeira, hoje foi substituída pelo metal. Dobrável, leve e mais durável.

A modulação das barracas está diretamente ligada com suas coberturas. Se a lona possui uma ponta, normalmente é de módulo quadrado, que em sequência se repete e criam longos pontos de compra e venda (Figura 36). Se a ponta da lona da cobertura é dupla, ela possui uma estrutura interna também duplamente sustentada e uma modulação retangular. Se a lona de sua cobertura é alongada possuindo 'águas' mais visíveis, sua estruturação interna é também estruturada

horizontalmente, possuindo um sistema de fechamento integrado à sua estrutura (Figura 37).

A escolha pelo tipo da modulação e cobertura passa por alguns fatores, entre eles: a tradição familiar, o tipo de transporte ao local da feira e o tipo de produto oferecido pela barraca. A não renovação das estruturas é notável, ao longo das trocas com os feirantes, quando estruturas e bancadas são passadas de geração em geração. O já citado Seu D., feirante de frutas, seu avô e seu pai tiveram o mesmo ofício nas mesmas feiras, e a estrutura de sua barraca segue sendo a mesma de seu progenitor.

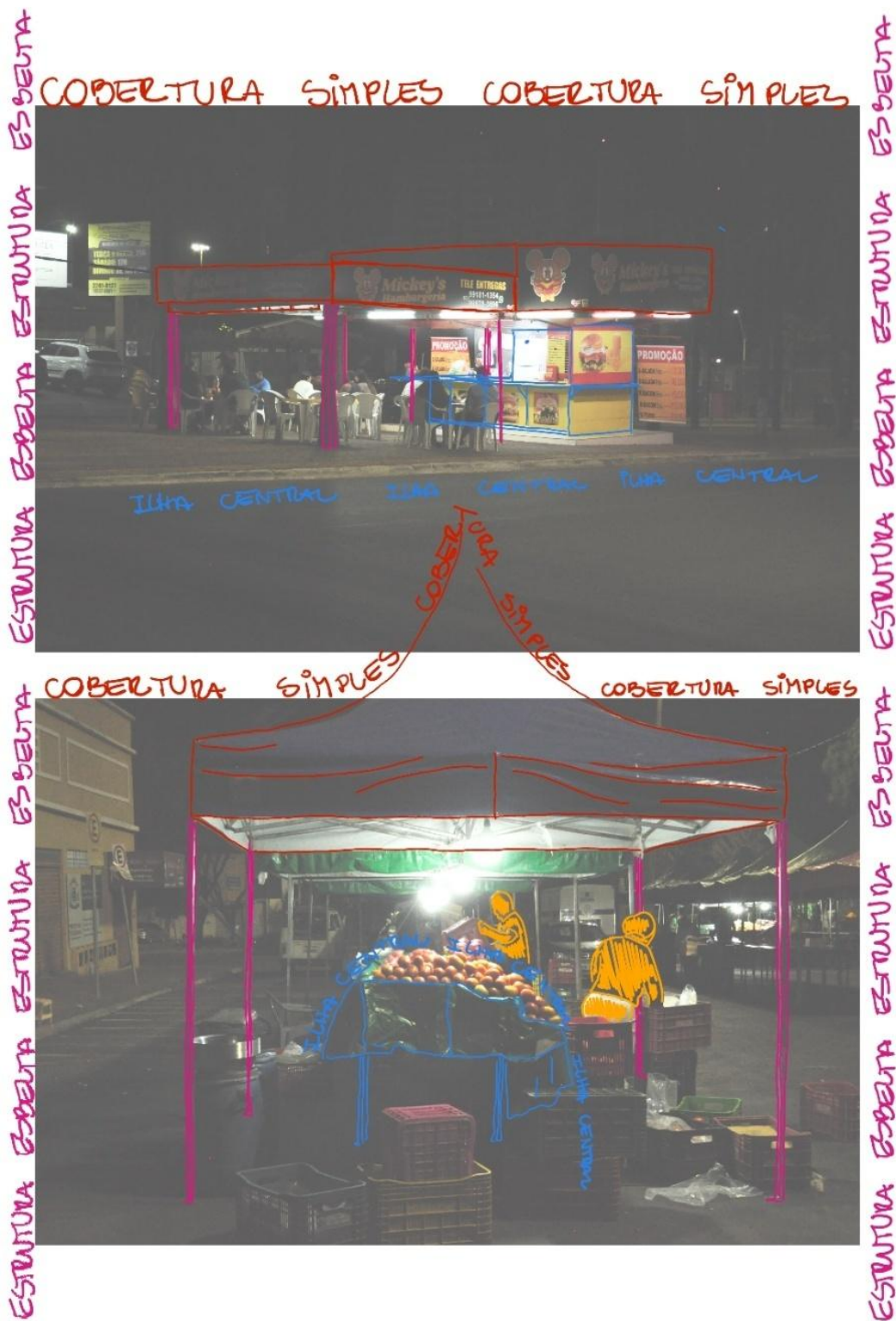


Figura 35 — Similaridades entre tipos de comércios de rua

Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 36 — Modulação das barracas
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 37 — Tipos de coberturas
Fonte: Da autora, nov. 2025

Por outro lado, a modulação e a cobertura ditam o tipo de transporte à feira e vice e versa, em geral *Kombis* (Figura 38), carros com caçamba, como caminhonetes (Figura 39), uma 'carretinha' ou reboque (Figura 40). Algumas barracas conseguem ser desmontadas completamente – como as barracas de pastel e pamonha, que possuem uma estrutura de bancada em placas metálicas que podem ser desacopladas (Figura 41) –, cabendo em espaços menores, outras apenas parcialmente – como as barracas de açougue que possuem *freezers* que podem eles mesmos serem móveis (Figura 42) ou não (Figura 43) –, enquanto outras são elas mesmas móveis com braços que encaixam nos automóveis (Figura 44).

Apesar do conjunto estrutural formado por cobertura, sustentação e ilha central (ou bancada), sofre algum nível de variação entre barracas, a cobertura permanece praticamente a mesma em quase todas, com pequenas variações nas cores das lonas entre: azul, verde e vermelho. Tornando o som do montar – chegada, liberação, expansão, estruturação, elevação, travamento e finalização – e desmontar, assíduo em início e fim de feira (Figura 45).

E como já elencado brevemente, o tipo de produto fornecido dita a modulação 'padrão' da barraca, ao menos de maneira mais direta, a ilha central. As barracas de pamonha e pastel, que necessitam de espaço para panelas e fritadeiras; as carnes frescas (açougue) que precisam de refrigeração e ventiladores, junto às barracas de caldo de cana, que, por sua vez, necessitam de encaixe para a moedora da cana ou são elas próprias a moedora (Figura 46), formam o grupo de barraquinhas que divergem do padrão de ilhas centrais horizontais. Já em relação às bancadas das ilhas horizontais foi possível identificar quatro tipos: grade, escada, compensado e ripado (Figura 47). A escolha entre estes não é esclarecida em princípio, não sem ignorar podendo ser estes similares aos já elencados para a modulação e cobertura.

Os componentes da ilha central das barracas são aqueles que mais possuem variação em formato e funcionamento quando consideramos o todo da estruturação. Muito provavelmente são os elementos que mais variam em valor, dada a padronização das coberturas e, portanto, variam também em possibilidades. São identificáveis, não apenas as variações nas bancadas, mas também em suas bases que se diferenciam entre aquelas produzidas manualmente, que aceitam reforços e pequenas correções, (Figura 48) – pelo próprio feirante ou serralheiro – ou aquelas de produção mais industrializada e controlada, que possuem um mecanismo mais complexo de encaixes, retração e expansão (Figura 49).

Ainda no 'miolo' da barraca, muitas vezes a disposição dos produtos está diretamente ligada à sua estrutura, como a barraca de galinhas e galos vivos onde a gaiola das aves é composição da ilha central, ou como as barracas de verdura que precisam de um elemento metálico a mais nas bancadas para encaixar os produtos em exposição (Figura 50). Além destas particularidades, um outro elemento estrutural muito utilizado por todas as barracas para a apresentação de produtos ou apoio logístico são as estruturas internas que sustentam as coberturas, estas servem como suporte aéreo de tudo que se possa e se precise pendurar, carnes defumadas enganchadas, sacolas, tomates, carnes a serem cortadas, cabides, 'melzinhos', fios e lâmpadas (Figura 51).



Figura 38 — As Kombis como transporte
Fonte: Da autora, nov. 2025.



Figura 39 — As caminhonetes como transporte
Fonte: Da autora, nov. 2025.



Figura 40 — As carretas como transporte
Fonte: Da autora, nov. 2025.



Figura 41 — Ilhas centrais das barracas de pastel e pamonha
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 42 — Barracas com refrigeração móvel
Fonte: Da autora, nov. 2025

MADRUGADA



MANHÃ



Figura 43 — Barracas com refrigeração fixa
Fonte: Da autora, nov. 2025

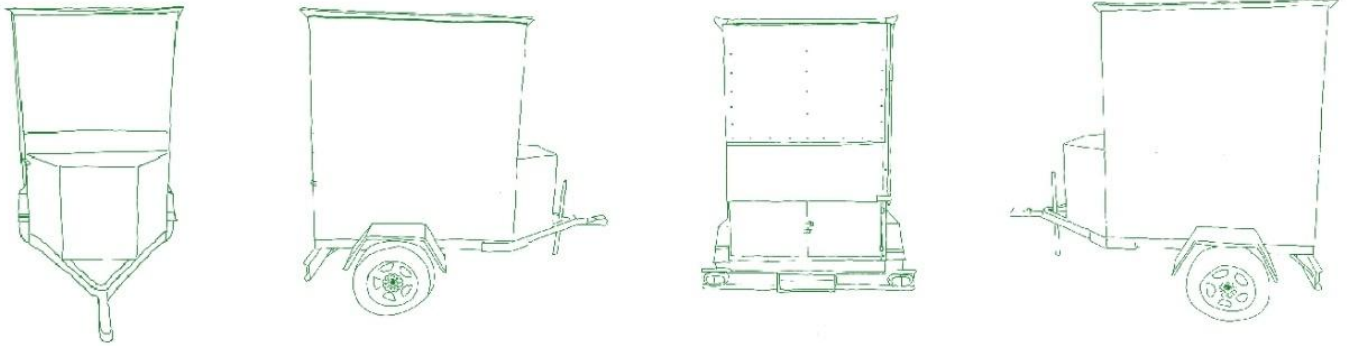


Figura 44 — Barracas móveis
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 45 — Montagem das barracas e sua estruturação
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 46 — Barraca de caldo de cana
Fonte: Da autora, nov. 2025

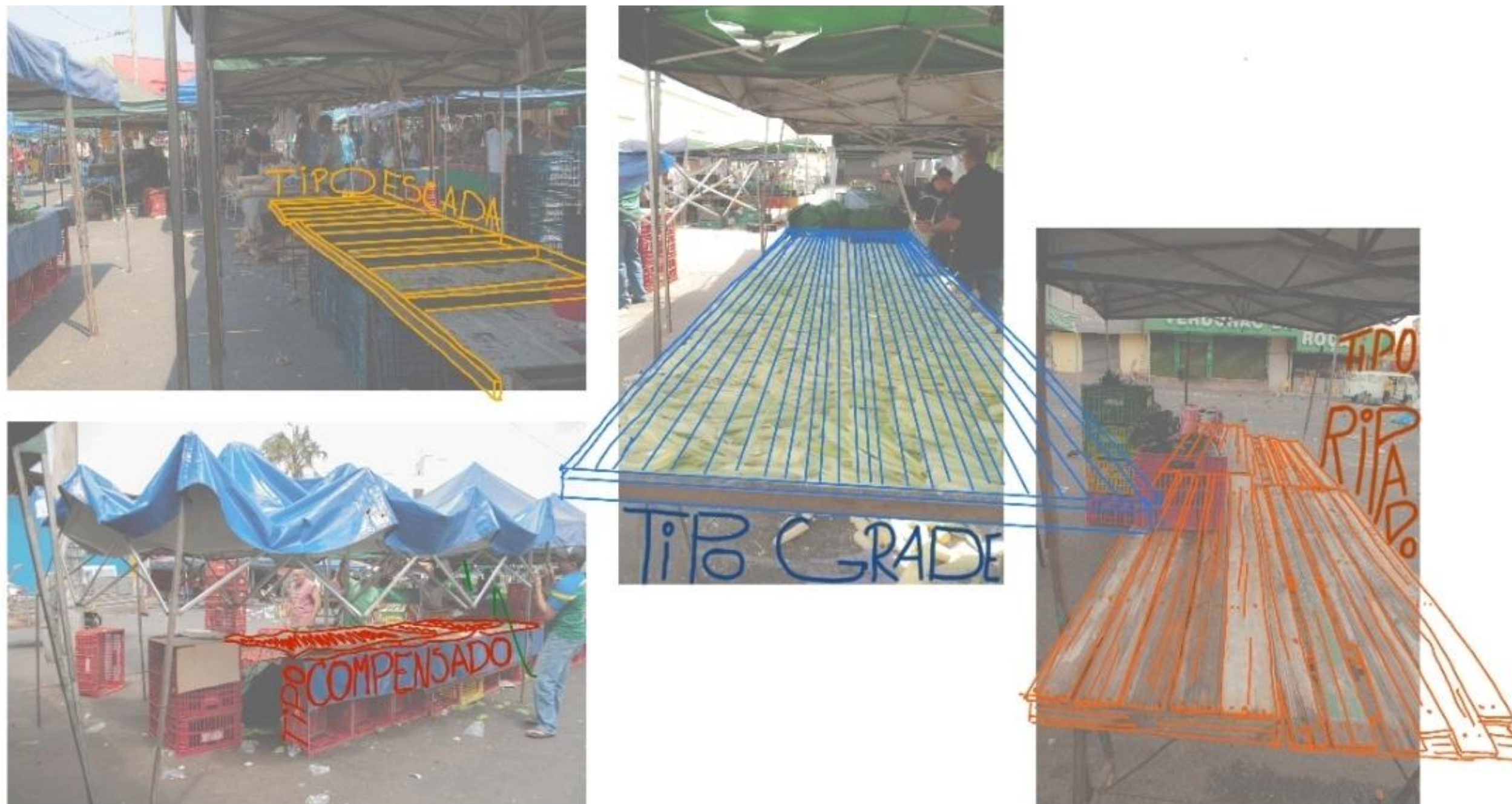


Figura 47 — Tipos de bancadas
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 48 — Base manufaturadas
Fonte: Da autora, nov. 2025

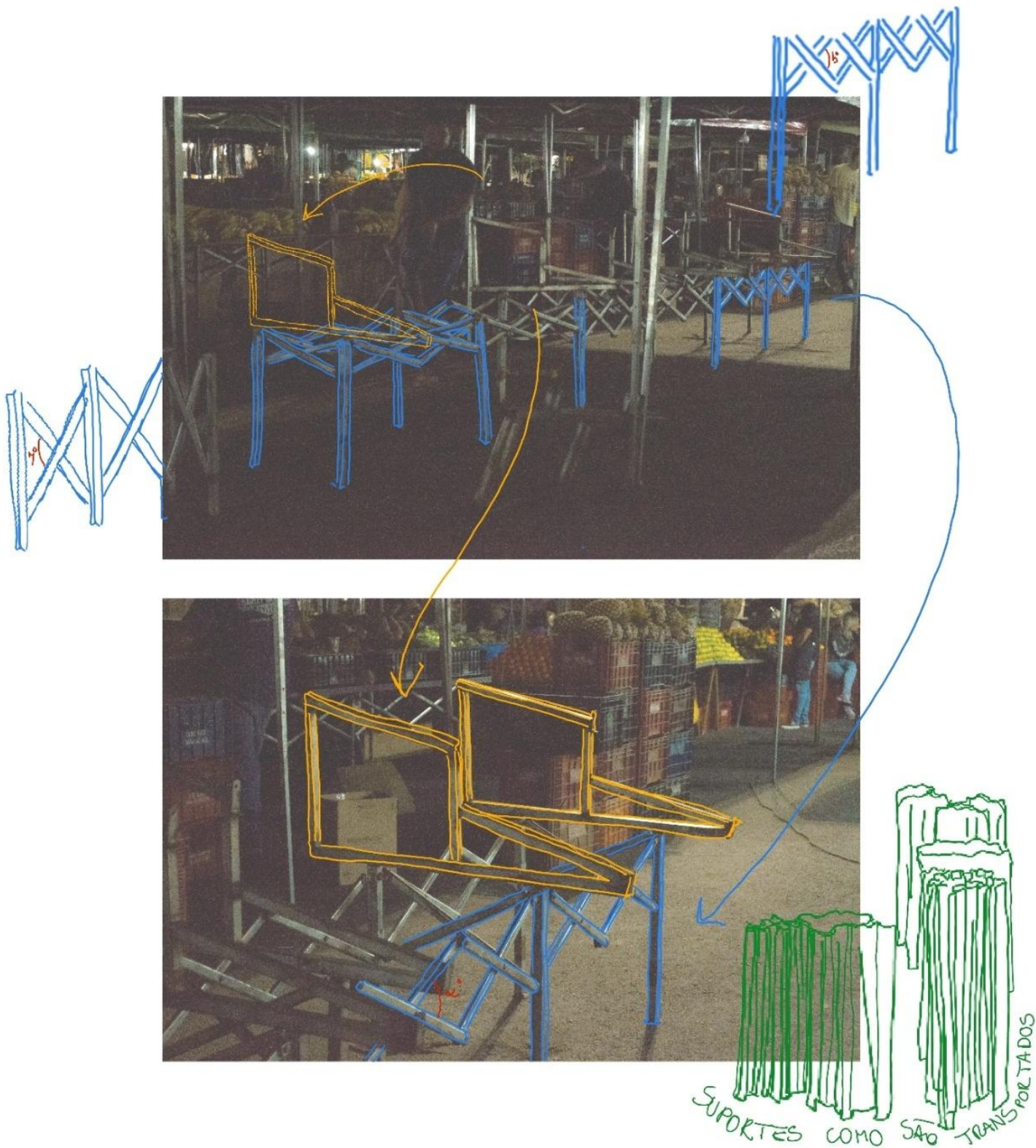


Figura 49 — Base Industrializadas
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 50 — Suportes estruturados de alimentos e animais

Fonte: Da autora, nov. 2025

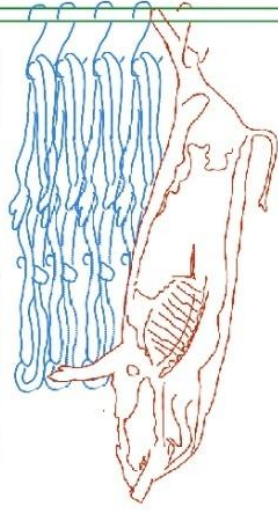
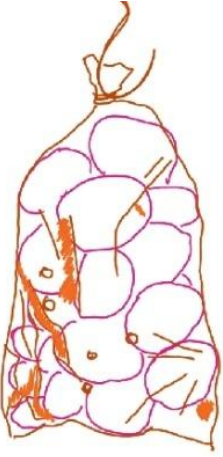


Figura 51 — Suportes aéreos

Fonte: Da autora, nov. 2025

A resolução de toda a logística de trabalho em uma pequena superestrutura modular, funciona muito bem, de maneira compacta, simples, ágil, embora sustentando uma infraestrutura não tão funcional. A luz é fornecida, ou ao menos paga, à Associação de Feirantes, no entanto, todo cabeamento, conectores e lâmpadas são propriedades dos feirantes (Figuras 52 a 54), enquanto banheiros e recolhimento do lixo são fornecidos pelo poder público em pequena quantidade, sendo um carro contendo 4 banheiros e uma rotatividade de duplas de coletores por domingo (Figuras 55 a 57). Ressaltando uma relação com o poder público e a representação popular que é distante e fornece suporte e apoio apenas de modo essencial e após intensa solicitação.

Em uma das incursões ao campo, umas das primeiras feita de maneira estruturada e com intenções voltadas ao trabalho, foi o primeiro dia de chegada dos banheiros. Apesar das solicitações serem intensas há anos, os banheiros chegam quase que de supetão em um domingo de agosto, sem aviso prévio e ocupando o espaço de algumas barracas. Os feirantes se viram obrigados a solucionar a questão e aventou-se a possibilidade de retirada dos banheiros engatando-os em algum carro. No final das contas, as barracas apenas se reorganizaram no entorno dos banheiros (Figuras 58 a 60). Nos domingos seguintes os sanitários foram alocados dentro dos limites da Praça da Feira.

A *expertise* no fazer a feira adquirida pelos feirantes ao longo de todos esses anos, no que tange materialmente a ela, compreende o carregar, montar e encaixar suas estruturas e seus pequenos objetos, dupla esta que nos dá a ambiência material da feira, as características visuais dela aos domingos. Não existe, por exemplo, pontos de água na área do estacionamento onde ocorre a feira, obrigando os feirantes a levarem seus próprios galões que são úteis em diversas ocasiões (Figuras 61 a 63), um dos importantes e recorrentes objetos da feira que mobilizam o espaço, necessário para lavar panelas, facas, se hidratar e encher o saquinho (ou por vezes garrafa PET) que se usa para molhar os vegetais (Figura 64).



Figura 52 — Cabeamentos
Fonte: Da autora, nov. 2025

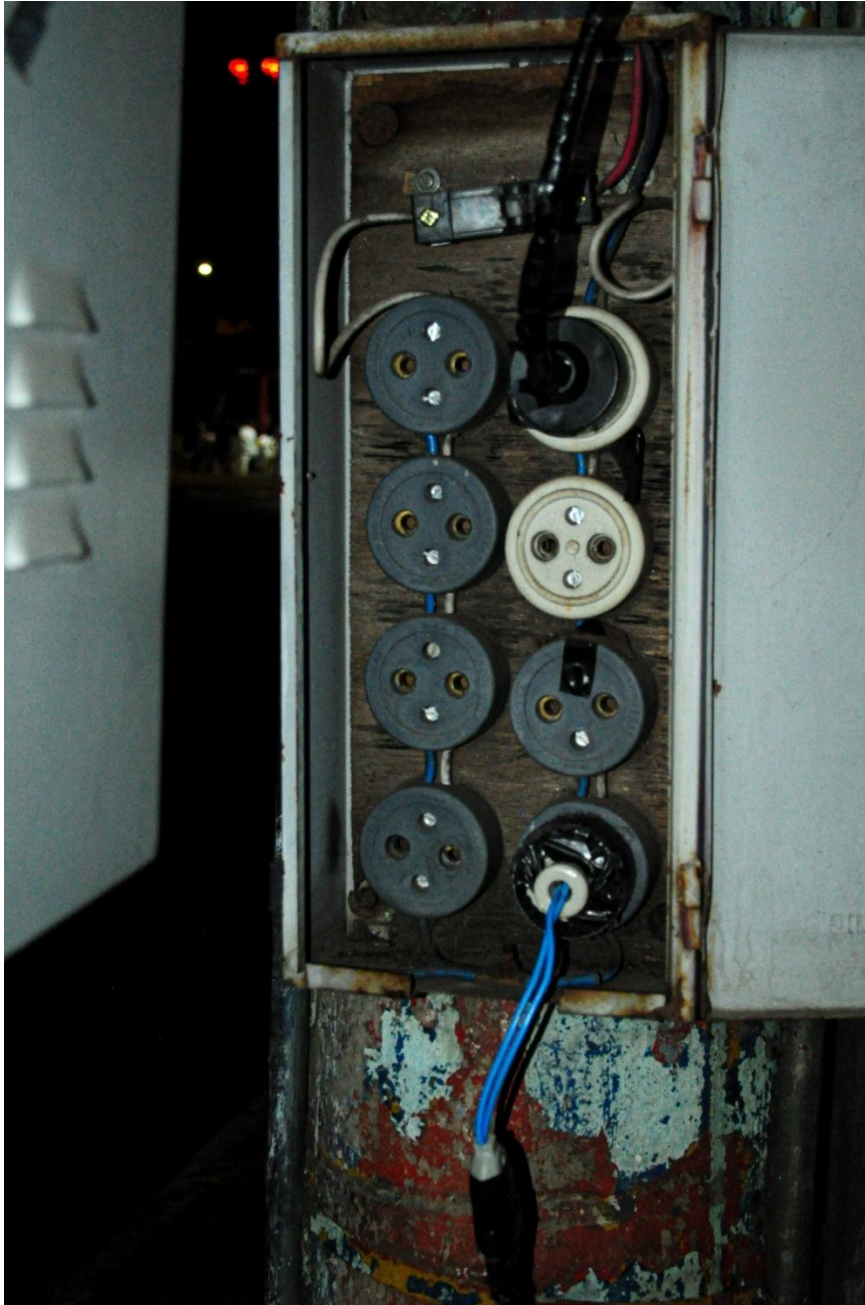


Figura 53 — Cabeamentos conectados em caixas de energia pública
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 54 — Cabeamentos conectados em caixas de energia pública

Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 55 — Modelo comum de lâmpada utilizado nas barracas
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 56 — Coletores em serviço ao final da feira
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 57 — Coletores em serviço ao final da feira
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 58 — Banheiros fornecidos pela prefeitura de Goiânia
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 59 — Feirantes avaliando possibilidades de relocação dos banheiros
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 60 — A reorganização das barraca nas imediações dos banheiros no dia de sua chegada
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 61 — Tipo de galão
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 62 — Tipo de galão
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 63 — Tipo de galão
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 64 — Saco plástico: tipo de recipiente para a molha das hortaliças e frutas
Fonte: Da autora, nov. 2025

Assim como as coberturas falam sobre as estruturas, as bases falam das bancadas, as ilhas do tipo de produto e este todo, diz dos transportes, as pequenas coisas contam-nos pequenos pedaços das histórias da barraca que as abriga e das mãos que a utilizam. Como o galão e o saquinho dizem da escassez de água e das disponibilidades de cada feirante, o abafador (Figura 65) diz da sensibilidade e produto que vende o Seu M., no caso, caldo de cana; a bacia metálica (Figura 66) ou de plástico diz sobre como se mede valor e se escolhe as frutas e verduras; a balança (Figura 67) remete à bacia, mas também remete ao litro (Figuras 68 e 69) de medir farinhas ou ao quilo das carnes se nos atentarmos também ao ventilador (Figura 70).

As bisnagas (Figura 71) por outro lado, junto ao canudos (Figura 72) e ao tacho de fritura muito bem ariado (Figura 73) contam para nós a delícia que é um pastel com molho verde e refrigerante gelado. Enquanto que, se juntamos o tacho, as prateleiras lotadas de pastéis (Figura 74), os abafadores (Figura 65) e a jarra (Figura 75) de caldo de cana recém espremido, dizem sobre um outro conjunto de pessoas que prefere comê-los com um caldo bem gelado e bastante limão china. Mas não só refrigerante e caldo de cana encontramos na feira para beber, temos também a máquina de suco (Figura 76) que nos direciona a um ótimo caldo de laranja em temperatura natural, já o cooler (Figura 77) guarda, além de caldos de laranja gelados, polpas de fruta congeladas. O moedor de café (Figuras 78 e 79) nos remete ao calor de um café quente para equalizar a temperatura do corpo com o clima goianiense, além de um hábito cotidiano comum a muitos.

Entre moedores, além dos de cana e café, podemos ver o de queijo curado (Figura 80), para um bom pão de queijo; e o moedor de milho (Figura 81) que em composição com os caldeirões de água fervente e o tacho de linguiça caseira

apimentada (Figuras 82 e 83), nos lembra de boas pamonhas à moda¹⁷. Ainda, podemos ver também o moedor de temperos (Figura 84) que nos lembra de uma pimenta do reino quente, recém moída. Já os pequenos processadores (Figura 85), processam na hora combinações de alho com ervas e pimentas, cúrcuma em raiz e especiarias.

A faca (Figura 86) corta os legumes, a carne, a verdura, a fruta para o freguês experimentar. Enquanto isso, a caixa de ferramentas (Figura 87) afia uma faca parecida e desamassa uma panela. As placas (Figuras 88 e 89) resguardam variedades em sabores, valores e a caligrafia de quem um dia as escreveu. As lixeiras (Figura 90 e 91) guardam o adeus, do alimento que vai para a feira e do guardanapo (Figura 92) que vai para o aterro. As caixas de som (Figura 93) contam de uma tentativa, de uma distração, de algumas das maneiras possíveis de vencer um domingo exaustivo de trabalho dando uma toada ao som de *Beatles* ou *Bruno e Marrone*. A cadeira de plástico (Figura 94) conta das pausas, os breves momentos de descanso ou também dos bares, para aqueles que aproveitam o movimento de domingo para tomar uma cerveja logo cedo.

As caixas de feira (Figuras 95 a 99) são um absoluto por si. São estrutura, transporte, mobiliário, contam do fim, do meio e do começo. Da diversidade das cores, dos lugares de onde os alimentos e as coisas vêm e para onde elas vão. Do trabalho árduo que é fazer surgir uma feira domingo cedo e do alívio que é colocar a última caixa no caminhão. São nelas e nos outros tantos objetos e coisas que esbarramos ao escutar atentamente a feira, são estes tesouros as pistas em que encontramos cristalizadas as memórias dos sofrimentos e deleites não apenas do lugar, mas de quem o faz, como um todo e singularmente.

¹⁷ Os tipos de pamonha no centro-oeste são inúmeros, mas os clássicos goianos são: de sal, de doce e à moda, que além de queijo como as demais, leva pedaços de linguiça caseira apimentada.



Figura 65 — Abafadores para a proteção de ruídos da máquina de espremer cana
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 66 — Bacia para seleção de frutas e vegetais
Figura: Da autora, nov. 2025



Figura 67 — Balança de pesar frutas, vegetais, verduras, carnes, farinhas...
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 68 — O 'litro' para medir e valorar farinhas
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 69 — O 'litro' para medir e valorar farinhas
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 70 — Ventilador para espantar moscas e mosquitos
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 71 — Bisnagas para temperar o pastel
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 72 — Canudos para o refrigerante, o suco e o caldo de cana
Fonte: Da autora, nov. 2025

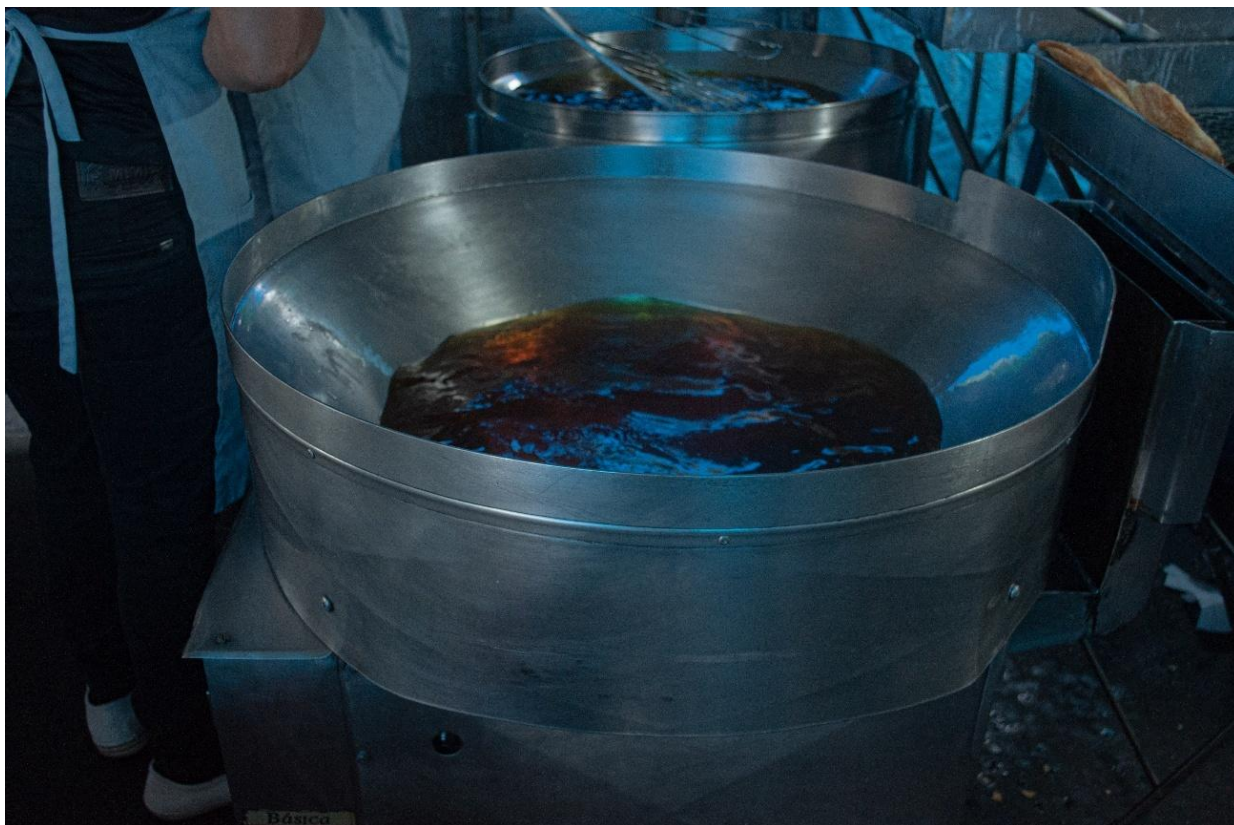


Figura 73 — O tacho para fritar pasteis
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 74 — As prateleiras para organizar os sabores dos pasteis
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 75 — A jarra de servir caldo de cana
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 76 — A máquina de espremer laranjas

Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 77 — O cooler para o armazenamento de polpas
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 78 — Máquina de moer café
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 79 — Máquina de moer café
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 80 — Máquina de moer queijo curado
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 81 — Máquina de moer milho
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 82 — Caldeirão de cozinhar pamonhas
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 83 — Caldeirão de cozinhar pamonha e tacho de fritar linguiça
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 84 — Máquina de moer temperos
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 85 — Processador de temperos
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 86 — Faca de cortar legumes, frutas, verduras, carnes...
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 87 — Caixa de ferramentas para concertar painelas e afiar facas
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 88 — Placas manuscritas de identificação e valores
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 89 — Placas impressas de identificação e valores
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 90 — Lixeira para recolhimento de pequenos resíduos
Fonte: Da autora, nov. 2025

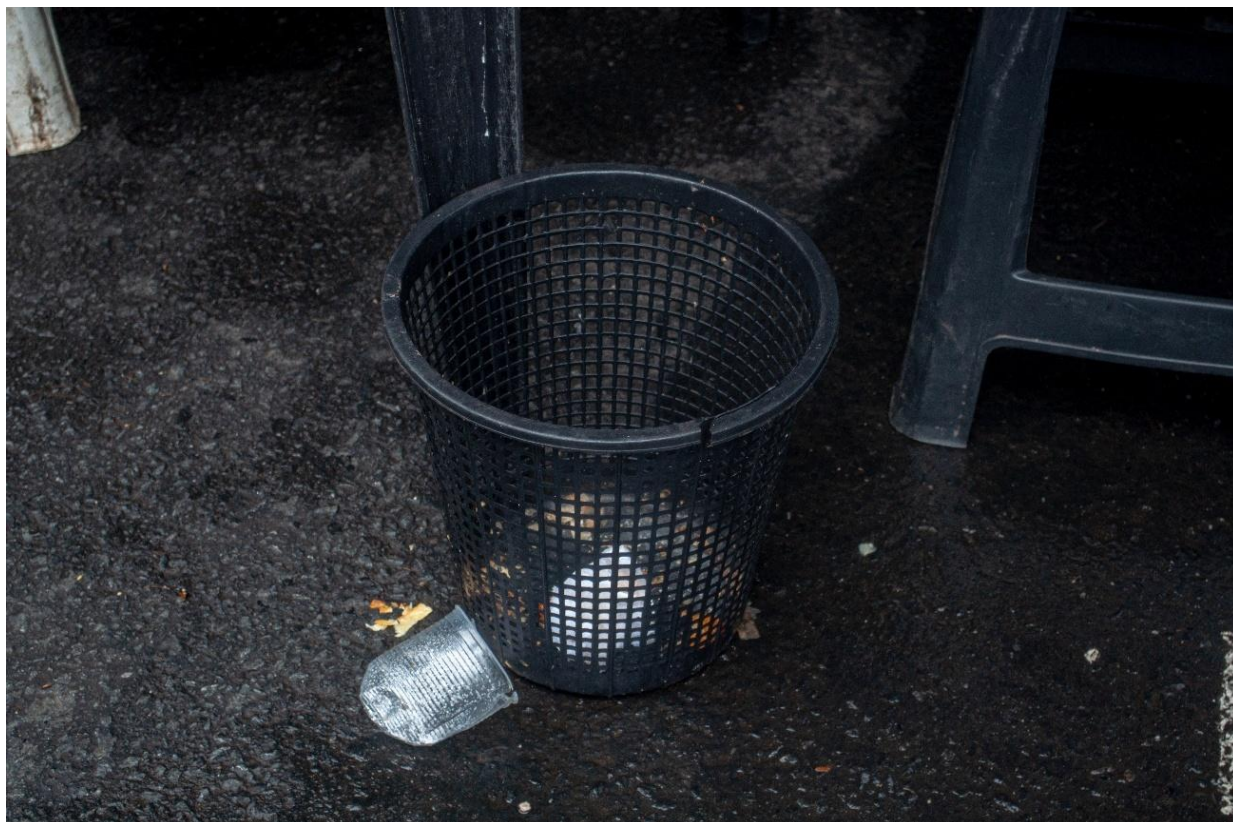


Figura 91 — Lixeira para recolhimento de pequenos resíduos
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 92 — Guardanapo para remoção de sujidades
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 93 — Caixa de som para distrações e alívios
Fonte: Da autora, nov. 2025

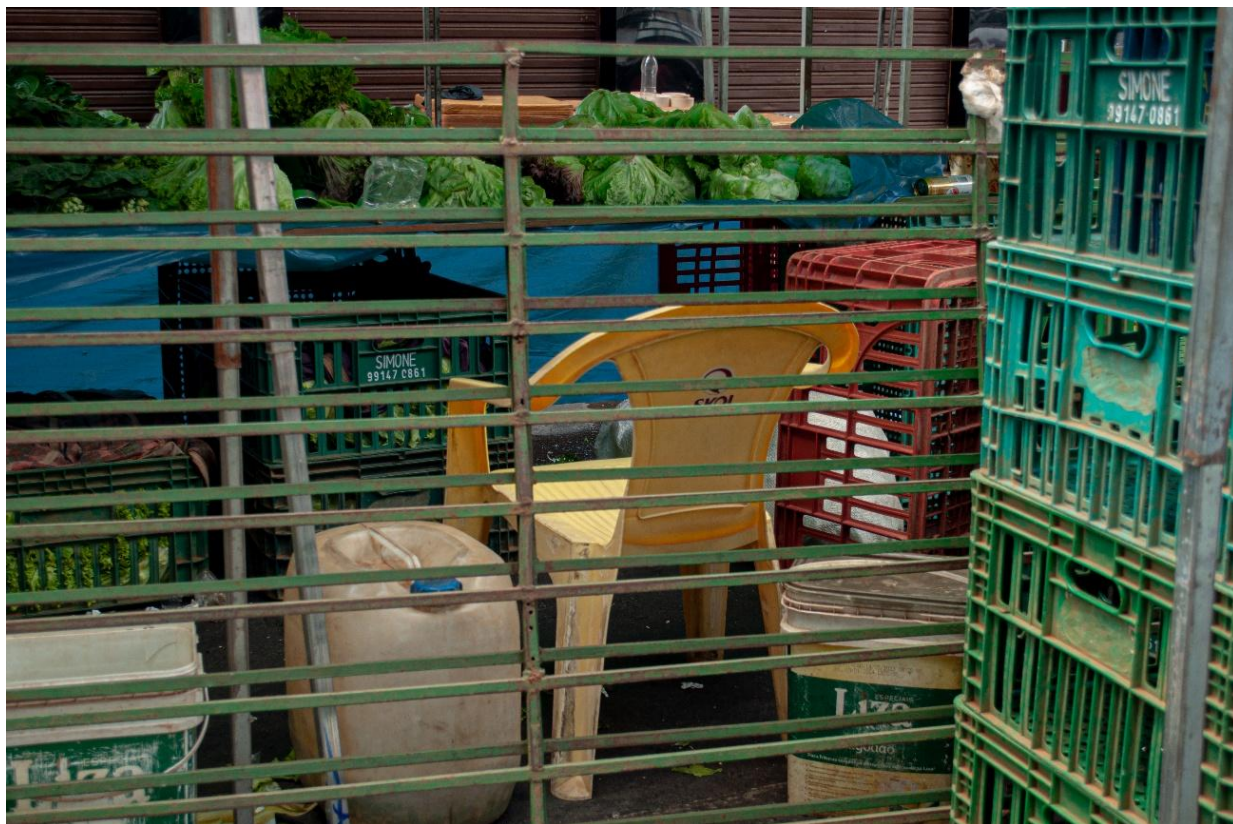


Figura 94 — Cadeira para pausas
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 95 — Caixas de feira
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 96 — Caixas de feira
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 97 — Caixas de feira
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 98 — Caixas de feira
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 99 — Caixas de feira
Fonte: Da autora, nov. 2025

DOS GESTOS

Os gestos de produção e reprodução de uma feira livre resistente em um centro urbano contemporâneo, são localizados, antes de tudo, em um tempo social atravessado pelo trabalho. Tempo marcado pela força dos “pontos de orientação que transcendem nossa vontade e nos fazem ceder à convenção” (Bosi, 2023, p.434). Impondo novas dimensões a um dia que pode se diluir no gesto da execução ao invés de se compactar no padrão das horas. Assim é o fazer a feira. Àqueles que compram, tem a possibilidade de ir à feira entre 5:50 e 12:30/13:00 dos domingos. Agora, para aqueles que produzem a feira, seu início pode ser dar na ida ao CEASA no dia anterior, na jornada aos pontos de passagem pouco depois da virada do dia de domingo ou no carregamento do caminhão às 2:00 da madrugada.

Os gestos da feira marcam um e num tempo quando o trabalho se funde com a substância da vida expondo um corpo entalhado pela memória corporal ininterrupta de décadas em labor. Produzir os gêneros (ou comprá-los), carregar os produtos, montar sua barraca, expor sua mercadoria, vender, sustentar a feira em seu período comercial, organizar e redistribuir os restos, desmontar a barraca, acomodar tudo de volta em um automóvel, ir para casa e repetir (Figura 100). Estes gestos esclarecem uma outra estrutura de memória, como afirma Assmann (2011, p.265)

[...] uma *memória* efetiva em presença permanente e ininterrupta [que] contradiz a estrutura da *recordação*, que é sempre intermitente e necessariamente inclui intervalos de não presença. Não se pode recordar algo presente, o que faz é corporificar tal coisa.

Não sem as transformações e os espessamentos que as camadas de tempo constituem, o corpo se faz lugar de saber contínuo e em fluxo, não represado, como nos demais suportes materiais. Carregando consigo recriação perene e um tempo que o concebe e estrutura (MARTINS, 2025). Para Leda Maria Martins (2025, p.213), nas diferentes dinâmicas das distintas temporalidades, que então concebem e

estruturam um fluxo contínuo de memórias gravadas," [...] viajam as reminiscências que brilham na luminosidade das forças vitais, emanando o hálito e os aromas do sagrado que em nós habita. Os gestos são assim tempos que rimam com sentimentos, como nos ensinam os poetas".

Gravando no verbo e na ação, na afetação inesperada e na constante, memórias que deixam vestígios duradouros, pois "o que é gravado no interior, vale como inapagável, porque é inalienável" (ASSMANN, 2011, p.260) até mesmo à passagem do tempo. Resguardando ao corpo, e ao gesto, a posição de relicário material mais precioso da memória.

Logo, o descascar o abacaxi (Figura 101), o limpar da guariroba (Figura 102), o fritar do pastel (Figura 103), o descascar o pequi (Figura 104), o lavar os utensílios de trabalho (Figura 105), o retalhar o animal (Figura 106), o preparar do tempero (Figura 107), o descascar o milho (Figura 108), o descamar o peixe (Figura 109), o apurar o doce (Figura 110), o curar o queijo (Figura 111), o empacotar (Figura 112), o molhar (Figura 113), o defumar a carne (Figura 114), o descascar e separar a palha, o preencher a mesma palha, colocar o queijo, o cobrir e o amarrar, o cozinhar a massa de milho, o fritar a linguiça, o cozinhar a pamonha, o plantar, cuidar, zelar e colher o vegetal e a hortaliça (Figuras 115 e 116), configuram processos sobrepostos que marcam, irremediavelmente, o corpo, portanto, o gesto e o lugar.

E, não apenas o fazer, mas a maneira que se faz, diz sobre processos sobrepostos e impressos no corpo. Como exemplo, temos a prática comum, encontrada em todas as trocas com os feirantes: o fazer a feira em família e/ou em amigos. O trabalho entre pais e filhos, genros e noras, irmãos e irmãs, amigos e amigas, dita um regime de trabalho que se baseia nas forças hierárquicas de cada núcleo familiar. Se o núcleo é composto por uma mãe solo, ela quem comanda as vendas da barraca, se o núcleo é marido e mulher, ele cortar e lida com as carnes, ela organiza o caixa e estabelece relações com os clientes, e por assim segue.

A produção é também um ponto de inflexão no fazer a feira. Por exemplo, apenas uma barraca de hortaliças planta e colhe seu próprio produto, em diálogo com os demais feirantes de hortaliças uma razão para a não produção é frequente: a falta de terra. Ou seja, a incapacidade produtiva do pequeno agricultor frente a um agronegócio fortalecido, faz com que o alimento que compramos aos domingos tenha de vir de muito mais longe¹⁸, encarecendo os produtos e, pela pouca variação de fornecedores, padronizando hortaliças vendidas e uniformizando a alimentação de quem consome na feira.

¹⁸ Os feirantes puderam nos constatar a vinda de mercadorias da cidade de Bela vista de Goiás (aproximadamente 45km da cidade de Goiânia), da cidade de Piracanjuba (aproximadamente 85km), da cidade de Santa Rosa de Goiás (entre 92 e 100km), da cidade de Jaraguá (aproximadamente 120 km), dos entornos do Distrito Federal (210km), do estado de Minas Gerais (650km) e de São Paulo (810km, considerando a divisa mais próxima ao estado de Goiás). A barraca que vende alimentos que vêm de mais próximo, é, justamente a barraca da Dona R., que possui a plantação da família em uma chácara ainda dentro dos limites do município.



Figura 101 — O descascar o abacaxi
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 102 — O preparar a guaroiba
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 103 — O fritar o pastel
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 104 — O descascar o pequi
Fonte: Da autora, nov. 2025

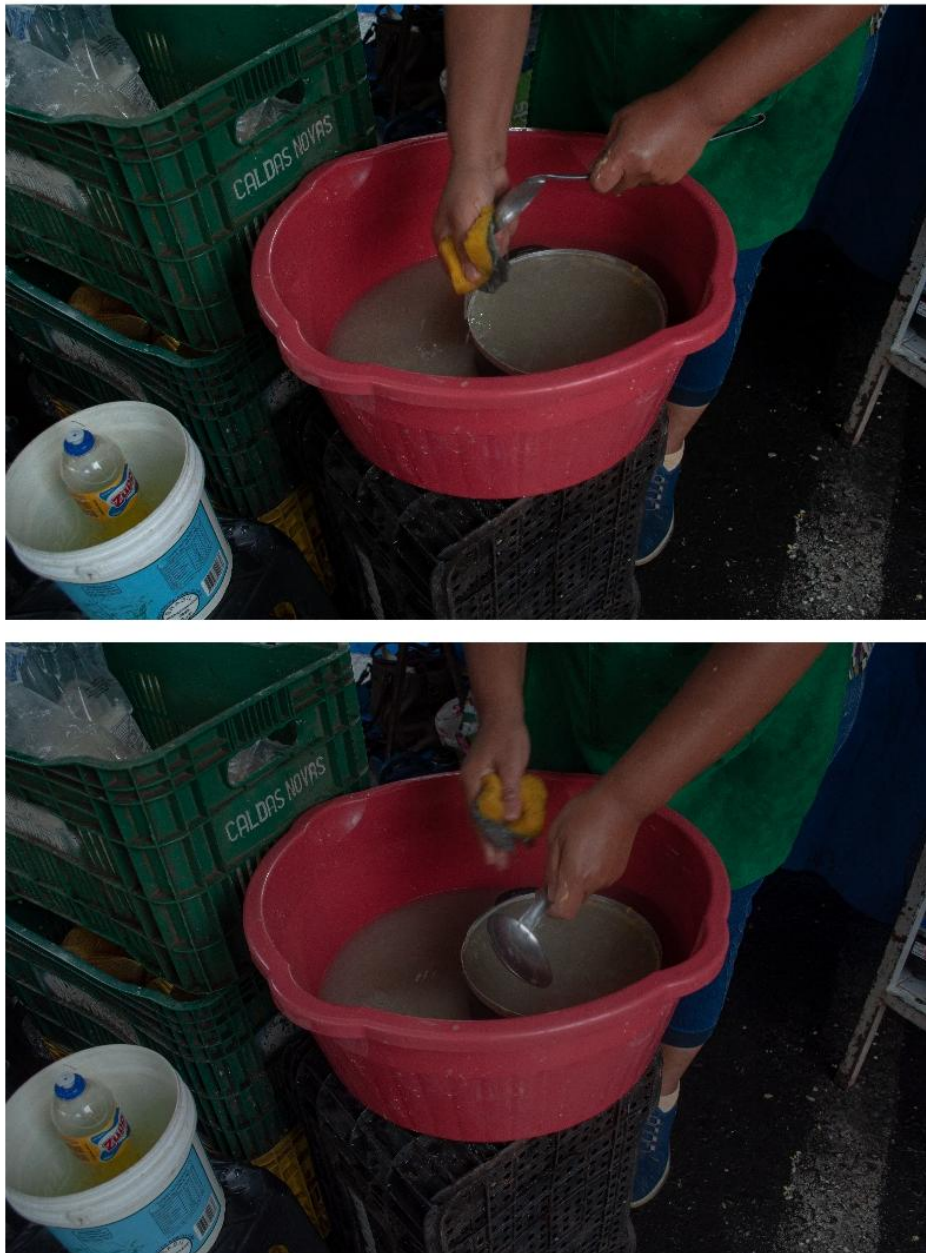


Figura 105 — O lavar os utensílios
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 106 — O retalhar a carne
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 107 — O fazer os temperos
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 108 — O descascar e moer o milho
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 109 — O descamar o peixe
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 110 – O apurar o doce
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 111 — O curar o queijo
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 112 — O empacotar os vegetais
Fonte: Da autora, nov. 2025

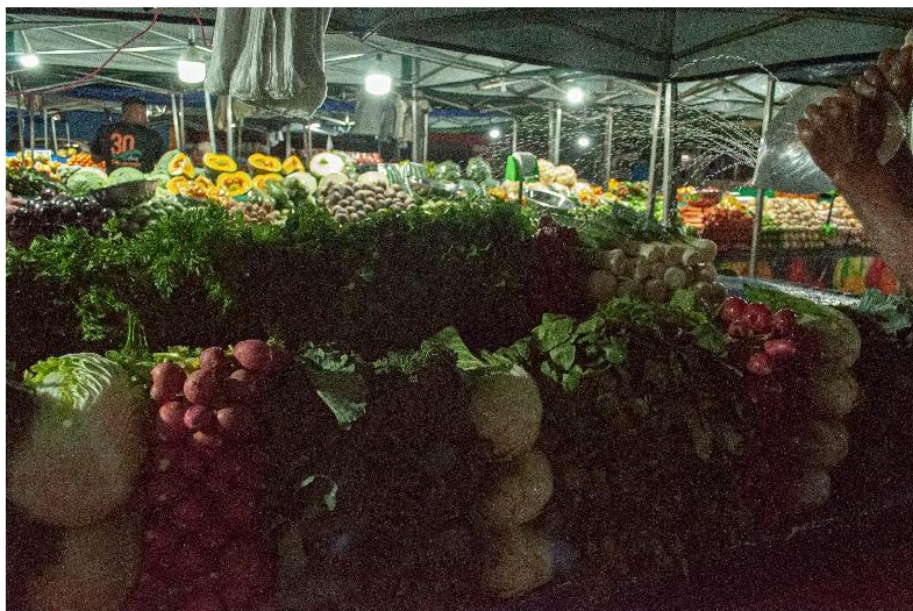


Figura 113 — O molhar os alimentos
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 114 — O defumar as carnes
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 115 — O plantar e colher
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 116 — O plantar e colher
Fonte: Da autora, nov. 2025

Neste mesmo grupo de produções fora da feira, que são levadas prontas, temos também os doces, queijos, bolos e pastéis, estes últimos que já são levados montados e aguardam apenas a fritura a depende do consumo. Mas existem também aquelas produções restritas à feira, sendo a mais marcante delas a pamonha da barraca do Seu V. que é produzida do no local da feira, desde o descascar do milho até o cozinhar este já abraçado pela palha que é lá mesmo separada (Figuras 117 e 118).

Por fim, outro importante gesto do ciclo da feira (produção, colheita/ retirada e venda) está a expografia de cada barraca, a maneira como cada feirante dispõe seus produtos. É inegável que existem alguns padrões; as barracas de hortaliças, por exemplo, empilham seus alimentos (Figura 119); as barracas de verdura e frutas ajuntam os alimentos em grades similares às das gondolas de supermercados e 'verdurões' (Figura 120); as de roupas penduram os produtos na estrutura das barracas (Figura 121); as de grãos e farinhas expõem em enormes sacos de ráfia, estopa ou plástico (Figuras 122 e 123); mas ainda sim, é possível identificar singularidades.

As barracas de abacaxi normalmente os deixam dispostos horizontalmente, mas também os expõem cortados em sacos plásticos (Figura 124), os tomates e legumes podem ser encontrados soltos em rampa, em sacos ou em sacos e pendurados (Figuras 125 a 128), bananas normalmente são encontradas expostas com ou sem sobreposição (Figura 129), laranjas aparecem em pirâmides largas (Figura 130) ou empilhadas em baldes (Figura 131).

Já as carnes defumadas estão em sua grande parte penduradas na barraca (Figuras 132 a 134), os temperos ou estão em potes de plástico simples (Figura 135) ou em níveis distintos de prateleiras (Figuras 136 e 137), o pastel em grelhas que ajudam a escorrer o óleo (Figura 138), ovos ensacados nas dúzias e meia dúzias (Figura 139), mangas em cabaças (Figura 140), imensos caules de guariroba no chão

(Figura 102). Imensas melancias são autoportantes (Figura 141), assim como os milhos equilibrados entre si (Figuras 142 e 143) e as hortaliças de produção própria da barrada da Dona R. que ganham um volume que não guardam segredos para além da terra e da plantação (Figuras 144 e 145) e do gesto de cada domingo.



Figura 117 — O fazer a pamonha
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 118 — O fazer a pamonha
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 119 — Hortaliças normalmente sobrepostas
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 120 — A disposição horizontal dos alimentos
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 121 — A expografia da barraca de roupas
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 122 — Os sacos de expor grãos

Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 123 — Os sacos de expor grãos
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 124 — Os abacaxis expostos inteiros ou em fatias
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 125 — Tomates expostos em rampa

Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 126 — Tomates soltos ou em sacos
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 127 — Vegetais expostos em sacos
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 128 — Tomates expostos em sacos suspensos
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 129 — Bananas expostas horizontal e espaçadamente
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 130 — Laranjas expostas em pirâmides de bases largas
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 131 — Mexericas e laranjas expostas em baldes
Fonte: Da autora, nov. 2025

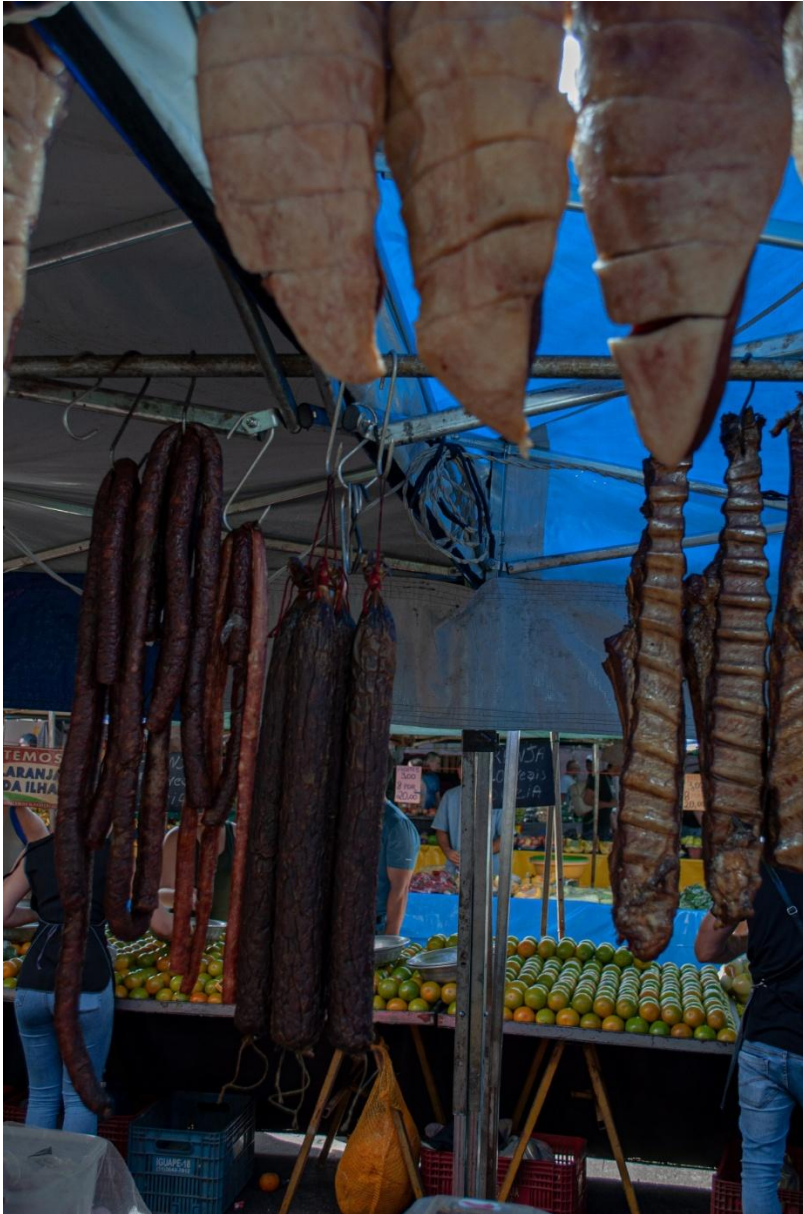


Figura 132 – Carnes defumadas expostas suspensas

Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 133 — Carnes defumadas expostas suspensas
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 134 — Carnes defumadas expostas suspensas
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 135 — Temperos expostos em simples potes de plástico
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 136 — Temperos expostos em pequenos frascos e dispostos em prateleiras
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 137 — Temperos expostos em pequenos frascos e dispostos em prateleiras
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 138 — Pasteis expostos em grades
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 139 — Ovos expostos em dúzias ensacadas
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 140 — Mangas expostas em cabaças
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 141 — Melancias 'autoportantes'
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 142 — Milhos encaixados e equilibrados

Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 143 — Milhos encaixados e equilibrados
Fonte: Da autora, nov. 2025



Figura 144 — A expografia estruturada nos próprios alimentos na barraca da Dona R.
Fonte: Da autora, nov. 2025

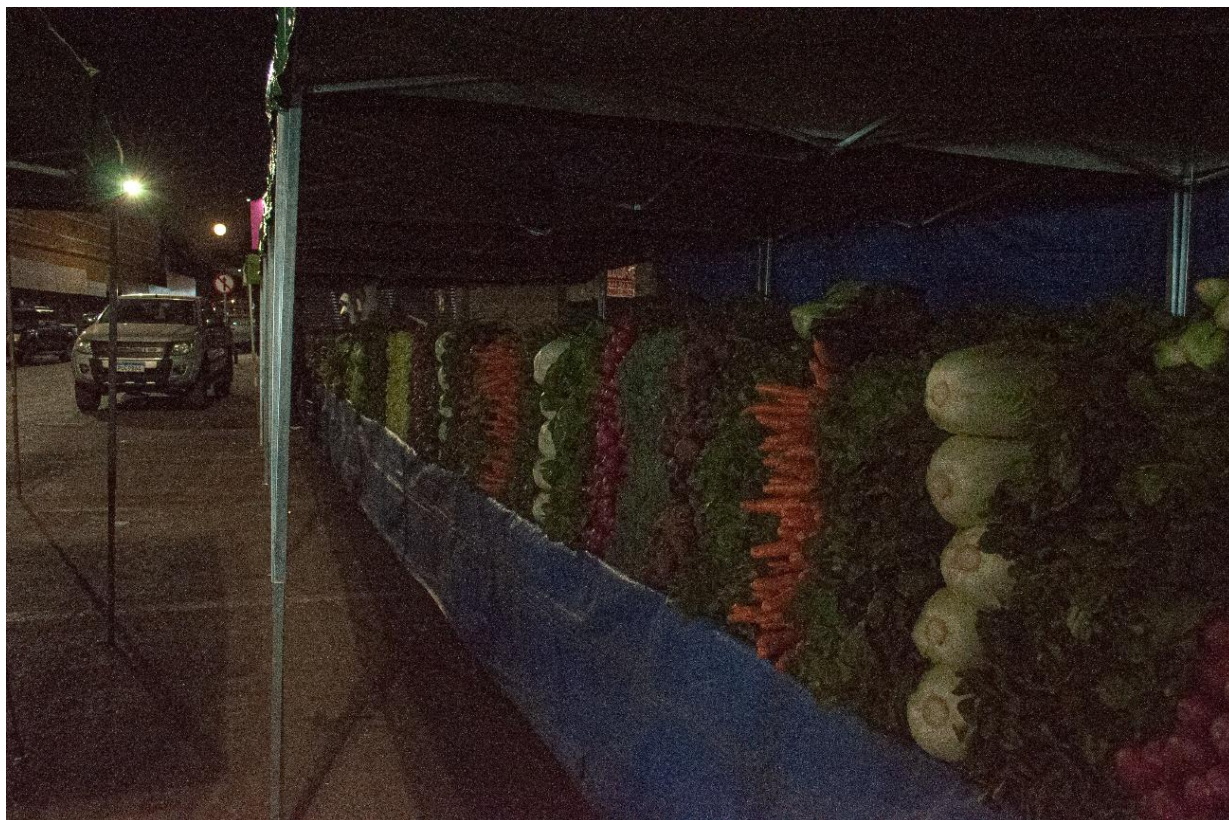


Figura 145 — A expografia estruturada nos próprios alimentos na barraca da Dona R.
Fonte: Da autora, nov. 2025

MEMORiar

*Memoria est thesaurus
omnium rerum et custos¹⁹*

Cícero

De Oratore

Apesar de pinçar um lugar do Setor Pedro Ludovico, muito do que é o bairro, pôde-se observar ser também de sua feira. As principais similaridades tocam no fator complexidade e não uniformidade. Assim como a feira suporta diferentes territórios e percursos, e possui caráter de centralidade no setor, também este abrange em suas largas margens diferentes territórios e percursos. Desde moradias de alto padrão e grandes centros esportivos, à ocupações e centros esportivos públicos. Desde grandes avenidas com imensas palmeiras imperiais à ruas sem asfalto. Desde escolas particulares e de metodologias singulares à escolas municipais.

Assim como a feira suporta a memória em seus gestos, também o faz o bairro. Ambos foram testemunhas do nascimento de uma cidade moderna e de seu desenvolvimento até os dias atuais. Ambos são resposta a um *modus operandi* da construção civil: a negligência da força produtora e a padronização das subjetividades. Ambos enfrentando, cotidianamente, não sem impactos, a intensa uniformização da vida contemporânea em seus edifícios e alimentos, em seus

¹⁹ A memória é o tesouro de todas as coisas e o seu guardião.

carros e suas roupas. Outra característica que dividem é a escassez de informações e bibliografias relativas a eles, uma dificuldade enfrentada por este trabalho.

Como já descrito no seu movimento de resistência popular, não deixa também de ser um dos métodos mais objetivos para o aumento da integração social (IPHAN, 2006) e portanto, de reconquista da rua, da alma da rua e, assim, da alma da cidade.

A rua era para eles apenas um alinhado de fachadas, por onde se anda nas povoações...

Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! (Rio, 2008, p.29)

Por fim, a busca da memória através da escuta de seus suportes materiais, é questionadora “das relações mais simplistas entre memória e história” (JACQUES, 2018, p.210) – e entre cidade e urbanista –, ao compreender que a história é toda a complexidade do tempo em todas as suas camadas (DIDI-HUBERMAN, 2012) e se dispor como uma ferramenta de não esgotamento de possibilidades (DIDI-HUBERMAN, 2018) dessa complexidade, enquanto produção e interpretação de seus dados. “O importante não seria qualquer tipo de resultado final fixo, mas sim o próprio processo aberto, uma renúncia do fixar” (JACQUES, 2018, p.212). É uma renúncia, portanto, do funcionalismo e da estetização metodológica urbana e é assumidamente uma proposta outra de compreensão da cidade moderna, como orientado por Jacques (2018).

Nesta cidade deste tempo de tradições rompidas, o olhar do urbanista assumiria então como pressupostos o rompimento da linearidade histórica, que acarreta e uma polifonia temporal (JACQUES, 2018), ou seja, a coexistência de tempos e, uma maneira de pensar que acompanhe a multiplicidade em que se apresenta o lugar, “[...] uma forma de pensar em movimento, que atua pelas diferenças, pelas multiplicidades, um pensamento em transformação permanente,

que recusa qualquer síntese conclusiva assumindo a incompletude como princípio” (JACQUES, 2018, p.2019). Assumindo, assim, o pensamento por montagens.

Se as incursões etnográficas foram metodologia do pensar o lugar na cidade, ou seja, o campo e, a cartografia foi o viver o campo, pensar por montagens é a maneira como primeiro compreendemos a cidade, como um

[...] complexo jogo de forças entre passado e presente e também de propostas de futuro, entre o ‘ocorrido’, o ‘agora’ e o porvir, através de montagens sinópticas de tempos heterogêneos, forças do passado ressurgem no presente indicando futuros, forças que sobrevivem para além de sua cristalização, como relâmpagos, lampejos, memórias involuntárias (JACQUES, 2018, p.217)

A memória então, se fez guia dessa busca, pois “Mnemosyne junta o que as fronteiras disciplinares tinham costume de separar” (JACQUES *apud* DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 211). Ao compreender esta busca à memória, que Aleida Assmann (2011) chama de ‘dinâmica imanente das recordações’, destacamos a reconstrução dos conteúdos da memória e o tempo como centralidade. Não especificamente o tempo que corre, mas aquele que é represado, cristalizado, abundantemente social e “que forma a substância da memória” (Bosi, 2023, p.440).

Tempo que, também, inaugura os seres nele mesmo (MARTINS, 2025), estático, pelo qual caminhamos e passamos ²⁰, que presume as complexidades da cidade, como também do tempo e do sujeito e das relações internas desta tríade.

A ideia aqui é que a experiência e a compreensão filosófica do tempo também podem ser expressas por uma inscrição não necessariamente discursivas e mesmo não narrativas, mas não por isso menos significativa e eficaz: a linguagem constituída pelo corpo em performance, pelo corpo

²⁰ Tempo que vence e muda os seres mais resistentes: “Lavei todas as latas e comi todo o leite condensado que já estava cozido pelo tempo. O tempo passou e o leite cozeu. Mas o tempo não passa, o tempo é estático, o tempo é, nós é que estamos passando pelo tempo...”, reflete o sr. Abel sobre a sua lembrança da vendinha de Pantojo” (Bosi, 2023, p.433-434), parte de relato de entrevistado por Ecléa Bosi.

vivo que, em si mesmo, estabelece e apresenta uma noção cósmica, ontológica, teórica e também rotineira da apreensão e da compreensão temporais (MARTINS, 2025, p.22)

Desta maneira, a compreensão da experiência na cidade como aquela que deixa rastros por meio da performance do corpo vivo, que não é essencialmente narrativa – então escapa às técnicas normalmente usadas para a compreensão de um lugar na cidade –, exige do pesquisador-cartógrafo, em um primeiro momento o entendimento que o tempo traduz nossas operações no espaço, fazendo da memória represada em seus suportes materiais ação inscrita no tempo, e no tempo agora, do lembrar que é reviver e do fazer que é corporificar memória.

Como a proposta aqui estabelecida era a de experimentação e aplicação de uma metodologia não convencional, mas presente já em outros espaços e tempos de produção de conhecimento, sugerimos uma pausa e um pouso no momento de primeiro contato do pesquisador com o campo, cabendo à continuidade desta pesquisa um aprofundamento com entrevistas e buscas direcionadas a sanar desafios agora já familiares e pontuais.

Mas pudemos, por intermédio da escuta sensível da memória nas coisas, nos espaços e nos gestos, entender um pouco mais a cidade de um maneira outra, não impositiva, técnica e fria. Sem o progresso, o produto ou o resultado pétreo e padronizado como objetivos, nos deixamos ser sugados pelas forças do passado borbulhante, presente e vivo, nos permitindo outra escala de observação espaço-temporal. Onde, cada escuta ativa e atenta à alma dos lugares, fornece um pequeno vestígio, uma pequena peça, uma pista, um conjunto de pequenos fatos que vão configurando, aos poucos um todo da feira e do Setor Pedro Ludovico, no “lento e laborioso processo de construção do conhecimento” (KASTRUP, 2009, p.50).

REFERÊNCIAS

A HORA. *Paulo Magalhães resgata compromissos de campanha*. A Hora, Goiânia, 16 mar. 2025. Recorte. Disponível em: acervo físico consultado na Biblioteca da SEPLAM.

A HORA. *Assinatura da ordem de serviço para a reforma do mercado do Setor Pedro Ludovico*. A Hora, Goiânia, set. 2007. Recorte. Disponível em: acervo físico consultado na Biblioteca da SEPLAM.

ARENDT, Hannah. A Lacuna entre o Passado e o Futuro. *In: ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 45-60.

_____. O Conceito de História. *In: ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro*. Trad. Denise Bottmann, São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 91-153.

_____. Walter Benjamin. *In: ARENDT, Hannah. Homens em tempos sombrios*. Trad. Adriano Correia Silva, 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2022, p. 165-222.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: Formas e transformações da memória cultural*. Trad.: Paulo Soethe, 1.ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BENISTE, José (org.). *Dicionário Yorubá-Português*. 1.ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. *In: BENJAMIN, Walter. O anjo da história*. Trad. João Barrento, 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023, p. 7-20.

BOSI, Ecléa. *A memória dos velhos: Memória e Sociedade*. 20 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

BRAUDEL, Fernand. A troca no interior das economias. *In*: BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV–XVIII*. Vol. I: As estruturas do cotidiano – O possível e o impossível. Tradução de Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 407.

_____. As feiras, rede supletiva da vida econômica. *In*: BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II*. Vol. I. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p. 425.

CHOAY, Françoise. *O urbanismo*. Trad.: Nádía Somekh. 10 ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

COELHO, George Leonardo Seabra. *Marcha para o Oeste: entre a teoria e a prática*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2010.

DIÁRIO DA MANHÃ. Areião: Protesto vai às ruas. *Diário da Manhã*, Goiânia, 07 jun. 1980. Recorte. Disponível em: acervo físico consultado na Biblioteca da SEPLAM.

DIÁRIO DA MANHÃ. Novas ameaças de despejo no Areião. *Diário da Manhã*, Goiânia, 20 ago. 1980. Recorte. Disponível em: acervo físico consultado na Biblioteca da SEPLAM.

DIÁRIO DA MANHÃ. Índio visita invasão do Areião e promete a demarcação dos lotes. Diário da Manhã, Goiânia, 17 dez. 1980. Recorte. Disponível em: acervo físico consultado na Biblioteca da SEPLAM.

DIÁRIO DA MANHÃ. Prefeitura destrói barracos na invasão. Diário da Manhã, Goiânia, 23 mar. 1982. Recorte. Disponível em: acervo físico consultado na Biblioteca da SEPLAM.

DIÁRIO DA MANHÃ. Papelada Valiosa. Diário da Manhã, Goiânia, 08 set. 2004. Recorte. Disponível em: acervo físico consultado na Biblioteca da SEPLAM.

DIÁRIO DA MANHÃ. Bairros: Setor Pedro Ludovico. Diário da Manhã, Goiânia, 26 abr. 1987. Recorte. Disponível em: acervo físico consultado na Biblioteca da SEPLAM.

DIÁRIO DA MANHÃ. Sessão 'Bairros' - Setor Pedro Ludovico, Goiânia, 22 abr.1988. Recorte. Disponível em: acervo físico consultado na Biblioteca da SEPLAM.

DE CERTEAU, Michel. *Invenção do cotidiano Vol. 1: Artes de fazer*. 3.^a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

DIDI-HUBERMAN, G. *Quando as imagens tocam o real*. Pós, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204-219, nov. 2012.

EWALD JANSSEN, Coleção. UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Museu Antropológico. Reserva Técnica Documental: Coleção Ewald Janssen. Plano de Urbanização de Goiânia - Setor Pedro Ludovico - Paróquia do Estádio.

EWALD JANSSEN, Coleção. UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Museu Antropológico. Reserva Técnica Documental: Coleção Ewald Janssen. Plano de Urbanização da Cidade de Goiânia, Estado de Goiás - Setor Pedro Ludovico.

EWALD JANSSEN, Coleção. UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Museu Antropológico. Reserva Técnica Documental: Coleção Ewald Janssen. Plano de Urbanização da Cidade de Goiânia, Estado de Goiás - Setor Pedro Ludovico - Paróquia do Botafogo - Quadras de 1 até 13; de 27 até 31. Goiânia, 1967.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006.

FREUD, Sigmund. *Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise*. In: Obras Completas de Sigmund Freud. V.XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GOIÂNIA. Lei nº 2.321, de 9 de maio de 1963. Autoriza a construção de um Mercado Municipal no Setor Pedro Ludovico. Secretaria Municipal da Casa Civil.

_____. Lei nº 4.559, de 20 de maio de 1972. Denomina Praça. Secretaria Municipal da Casa Civil.

GUIMARÃES, Leandro Davi. *GOIÂNIA, A 'CIDADE DESPLANEJADA' DO OESTE (1950/1980): Reflexões sobre a capital goiana nos aportes da Coleção Ewald Janssen*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2019.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Trad.: Laurent Léon Schaffter, 1.^a ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA., 1990.

HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna*, São Paulo: Edições Loyola, 1993.

HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Salles (coord.). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

JACQUES, Paola Berenstein. Pensar por montagens. In: JACQUES, P.B., PEREIRA, M.S. (org.), *Nebulosas do pensamento urbanístico*: tomo I – modos de pensar [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 206-234. <https://doi.org/10.7476/9788523220327.0009>.

KOOLHAAS, Rem. *Três textos sobre a cidade*. Trad. Luís Santiago Baptista, 1.^a ed., Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversa com Jean Leburn*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. *Revista Ateliê Geográfico*, Goiânia, v.2, n.2, p. 72-87, agos/2008.

MERCADO DO SETOR PEDRO: OUTRO QUE ESTÁ ACABANDO. [Recorte de jornal: impresso, sem identificação, s.d.]. Consultado no acervo da Biblioteca da SEPLAM.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NAPOLITANO, Marcos. Aporias de uma dupla crise: história e memória diante de novos enquadramentos teóricos. *Revista de História Sæculum*, João Pessoa, n. 39, p. 205-218, jul./dez. 2018.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, vol. 10, p. 7-28, jul /dez. 1993.

O POPULAR. Prédios substituirão barracos da ciclovia. *O Popular*, Goiânia, 13 abr. 1999. Recorte. Disponível em: acervo físico consultado na Biblioteca da SEPLAM.

O POPULAR. Ainda sem papel passado. *O Popular*, Goiânia, 29 jul. 2004. Recorte. Disponível em: acervo físico consultado na Biblioteca da SEPLAM.

O POPULAR. Mercado será reaberto após um ano em reforma. *O Popular*, Goiânia, 06 jun. 2008. Recorte. Disponível em: acervo físico consultado na Biblioteca da SEPLAM.

OPÇÃO. Invasão do Areião: Prefeitura promete solucionar o caso. *Opção*, Goiânia, 29 abr.1980. Recorte. Disponível em: acervo físico consultado na Biblioteca da SEPLAM.

OPÇÃO. Cartilha ensina a legalizar invasão. *Opção*, Goiânia, 07 set. 1980. 1980. Recorte. Disponível em: acervo físico consultado na Biblioteca da SEPLAM.

PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da Pele*. Trad. Alexandre Salvaterra, 2 ed., Porto Alegre: Bookman, 2011.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PERROTTA-BOSCH, Francesco. *Lina: Uma biografia*. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2021.

PREFEITURA DE GOIÂNIA. *Goiânia: Capital Verde do Brasil - Mercados Municipais*. Goiânia. Disponível em: <https://www.goiania.go.gov.br/sobre-goiania/mercados-municipais>. Acesso em: 05 nov. 2025.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas: crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

RIZEK, Cibele Saliba. Etnografia. In: *Laboratório urbano: pequeno léxico teórico-metodológico*. Org. Paola Berenstein Jacques, [et al]. Salvador: Edufba, 2022. P. 139.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia de e na rua: estudo de antropologia urbana. In: ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. *Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Lendas Africanas do Orixás*. Trad.: Maria Aparecida da Nóbrega, 4.^a ed. Salvador: Corrupio, 1997.